

Lizanias de Souza Lima

PLÍNIO CORRÊA DE OLIVEIRA — UM CRUZADO DO SÉCULO XX

Dissertação de Mestrado apresentada ao
Departamento de História da Faculdade
de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
da Universidade de São Paulo

SÃO PAULO

1984

A opinião dos examinadores

A BANCA QUE examinou a dissertação "Plínio Corrêa de Oliveira: um Cruzado do Século XX" estava composta pelos professores Cândido Procópio Ferreira de Camargo, Nicolau Sevckenko e Augustin Wernet. Este último, tendo sido o orientador da tese, preferiu não fazer observações sobre o mérito da mesma. Abaixo reproduzimos, de uma fita gravada na ocasião, algumas observações esparsas dos dois outros examinadores, ambos de orientação ideológica diferente da do Prof. Plínio Corrêa de Oliveira. Fazemo-lo a título meramente informativo, sem nos pronunciarmos sobre posições tomadas ou hipóteses levantadas.

Palavras do Prof. Cândido Procópio

"O Sr. escolheu [para sua dissertação] um personagem que exerceu e exerce um papel significativo na vida cultural e política do País.

"Um outro mérito do seu trabalho, de maior amplitude, é que quase todos os historiadores, os sociólogos e os teólogos que estudam o catolicismo no Brasil, estão muito excitados pela linha progressista da Igreja. É um mérito do seu trabalho o de pegar a ponta extrema da outra face da Igreja.

"A minha hipótese é que a matriz do pensamento dele [do Prof. Plínio] está nesse pensamento anti-liberal, anti-burguês, um pensamento que questiona a igualdade das pessoas. O que ele pensa é exatamente a reação católica face à Revolução Francesa, face às idéias de igualdade entre os homens.

"Um indício que talvez você não observou tanto, mas na LEC [Liga Eleitoral Católica] o Plínio foi um fator importante.

"O Arcebispo [D. Carlos Carmelo] subiu, foi posto em São Paulo, e depois de algum tempo o Plínio foi expulso do 'Legionário'. O Arcebispo era getulista.

"Toda a controvérsia [sobre a reforma agrária] girou em termos econômicos. O único que falava realmente nos termos que você tocou [os religiosos] foi o Plínio. Escreveu um livro especial sobre isso. E o Plínio foi lido e meditado".

Palavras do Prof. Nicolau Sevckenko

"Você enfrenta dois grandes tabus desta Universidade. Um dos tabus é tratar de religião, e mais particularmente da religião no seu aspecto conservador; e outro tabu é o de tratar de um líder conservador, mais particularmente ultra-conservador; e mais: reacionário.

"Eu acredito que a Universidade também tenha essa preocupação positiva de não deixar de lado o que é a grande família, a grande fortaleza que é esse pensamento conservador no Brasil. E você foi logo no fulcro dele, no lado mais radical.

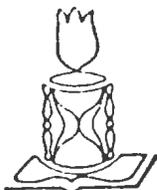
"A comunhão constante, a questão da primeira comunhão, a questão do Sagrado Coração, a constituição dos Congressos Eucarísticos, que estão dentro do recorte imediatamente moderno da Igreja, e é a eles que diz respeito a militância de Plínio Corrêa de Oliveira. Então o Plínio é a modernidade. Ele é o homem dessa máquina e ele quer levar essa máquina às últimas conseqüências.

"Daí esse título instigante que você dá a seu trabalho. 'Um Cruzado do Século XX'. Cruzado? Sem dúvida. Do século XX? Sem dúvida. Não se trata do mesmo cruzadismo dos séculos XI, XII ou XVI, trata-se de um cruzadismo de natureza completamente diferente, de um cruzadismo do século XX. Daí a relação disso com o ultramontanismo.

"É uma utopia organizada como um exército para lutar contra outro exército. O exército do Bem contra o exército do Mal. Toda essa construção é basicamente iraniana [maniqueia]. Na Idade Média ela foi reformulada a partir dessa matriz da Antiguidade pelos mitos da cavalaria, da literatura de gesta, que é a base de toda nossa literatura até hoje. E o Plínio entra com toda a força na raiz dessa força mítica milenar. Ele tem uma força mítica espantosa. É extraordinário como ele consegue articular conteúdos transtemporais, aos quais nossa civilização tem se agarrado com todas as forças.

"Você também não entra na questão da TFP, a organização interna da TFP. É uma sociedade enorme.

"Acho [seu trabalho] uma contribuição fundamental para o conhecimento da história da Igreja, e mesmo de nossa história política nos últimos 50 anos".



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

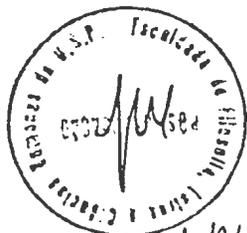
CERTIFICADO

CERTIFICO, para os devidos fins e de acordo com os assentamentos existentes nesta Seção, que o (a) pós-graduando (a) Sr. (a) LIZANIAS DE SOUZA LIMA, matriculado na Área de História Social
cumpriu todas as tarefas de seu curso de Pós-Graduação, a saber:

- a) Disciplinas, Seminários e Colóquios; Atividades programadas; Proficiência em Línguas; Exame Geral de Qualificação; Elaboração da Dissertação de Mestrado intitulada: " PLÍNIO CORRÊA DE OLIVEIRA - UM CRUZADO DO SÉCULO XX "
 .-. .-. .-. .-. .-. .-.
 .-. .-. .-. .-. .-. .-.
 .-. .-. .-. .-. .-. .-.
 .-. .-. .-. .-. .-. .-.
 .-. .-. .-. .-. .-. .-.
 .-. .-. .-. .-. .-. .-.
 .-. .-. .-. .-. .-. .-.
 .-. .-. .-. .-. .-. .-
- b) No dia 31/08/1984, obteve aprovação na defesa da Dissertação por Banca Examinadora regularmente designada pela Comissão de Pós-Graduação, aprovada pela Congregação desta Faculdade, e constituída dos seguintes Membros: Professores Doutores Cândido Procópio Ferreira de Camargo, Nicolau Sevckenko e Augustin Wernet (orientador)
 .-. .-. .-. .-. .-. .-
- c) A nota obtida pelo (a) candidato (a) foi 9,5 (nove e meio) - com distinção. .-. .-

A documentação do (a) interessado (a) está sujeita a exame pelos Órgãos Centrais da Universidade de São Paulo.

Seção de Pós-Graduação da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, aos 03 de setembro de 1984.



Elaborado

Conferido

José Aldo Pasquonelli
Presidente
Assistente Técnico para Assuntos
Comissão de Pós-Graduação
N.º Funcional: 050.834
FFLCH

AGRADECIMENTOS

Ao amigo José Roberto Martins Ferreira pelas valiosas observações críticas feitas às nossas interpretações, sempre conduzidas pela sua sagacidade intelectual e pelo seu espírito de companheirismo e cooperação.

Ao Sr. Christóvão Colombo Nunes Pires, da T.F.P., que gentilmente nos forneceu grande parte da documentação necessária à elaboração do nosso trabalho, sempre nos atendendo com a maior solícitude.

Ao Centro de Documentação do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, pela possibilidade de usar sua aparelhagem na leitura de microfílm.

Ao nosso orientador — Professor Augustin Wernet — pela compreensão, capacidade e confiança em nosso trabalho e pela orientação segura em todas as etapas do mesmo.

Além destas pessoas e entidades, muitas outras contribuíram, de uma maneira ou de outra, para a realização desta pesquisa e para o preparo da monografia nela baseada, enumerá-las poderia levar-nos a encorrer numa injustiça esquecendo um ou outro nome. Preferimos, então, pecar pela omissão, não mencionando nenhum, mas queremos expressar nossa gratidão a todos aqueles que, direta ou indiretamente, colaboraram em nosso trabalho.

LIZANIAS DE SOUZA LIMA

PLÍNIO CORRÊA DE OLIVEIRA — UM CRUZADO DO SÉCULO XX

Dissertação de Mestrado apresentada ao
Departamento de História da Faculdade
de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
da Universidade de São Paulo.

Orientador: Prof. Dr. AUGUSTIN WERNET

S Ã O P A U L O

1 9 8 4

À minha mãe

À memória de meu pai

A Maria Tereza, minha esposa

CONTEÚDO

	Pág.
INTRODUÇÃO -----	1
Capítulo 1 - A IDEOLOGIA DE PLÍNIO CORRÊA DE OLIVEIRA -----	24
Capítulo 2 - O <u>LEGIONÁRIO</u> - 1930-1947 -----	37
2.1. As reivindicações católicas e o novo regime -----	42
2.2. Imprensa, Escola, Cinema, Literatura-----	51
2.3. As correntes políticas -----	65
2.4. Divergências no meio católico -----	88
Capítulo 3 - O <u>CATOLICISMO</u> E O REGIME DEMOCRÁTICO - 1951-1964 -----	105
3.1. A hierarquia social ameaçada -----	107
3.2. Os católicos leigos e a política desenvolvimentista -----	116
Capítulo 4 - A IGREJA E O MOVIMENTO DE 1964 -----	139
4.1. O confronto com a hierarquia -----	141
4.2. O repúdio à "burguesia progressista"-----	154
4.3. A manipulação ideológica -----	172
4.4. A política internacional e a esperança na reação conservadora -----	183
CONCLUSÃO -----	196
FONTES E BIBLIOGRAFIA -----	209

INTRODUÇÃO

Este trabalho é resultado de uma preocupação com o papel do catolicismo como força político-ideológica no Brasil de hoje. Isto nos levou a prestar atenção aos setores católicos leigos e clericais que resistem à evidente transformação do discurso e da prática da Igreja no Brasil, condenando ostensivamente a atitude dos inovadores e defendendo a ação tradicional da instituição. Esta reação está voltada para as figuras e os organismos mais representativos da Igreja, denotando que algo de muito profundo ocorreu nos meios católicos, a ponto de levar aqueles que, anteriormente, mais se identificavam com a Instituição, a se constituírem, atualmente, nos seus maiores críticos.

Inicialmente, o nosso projeto de pesquisa abrangia várias figuras e movimentos da corrente católica conservadora. Entretanto, o volume do material coletado ou identificado, obrigou-nos a, provisoriamente, desistir desse projeto mais amplo e restringir a pesquisa ao pensamento e à ação de uma só pessoa: o Prof. Plínio Corrêa de Oliveira, mais conhecido como o fundador e líder da Sociedade Brasileira de Defesa da Tradição, Família e Propriedade (T.F.P.).

O Prof. Plínio nasceu em São Paulo em 1908. Realizou os seus estudos secundários no Colégio São Luís, dos padres jesuítas na mesma cidade. Formou-se depois pela Faculdade de Direito do Largo São Francisco. Logo se destacou como líder da juventude católica de São Paulo, tanto que acabou sendo eleito, aos 24 anos de idade, para a Assembléia Consti-

tuante Federal de 1934, sendo então, o deputado mais jovem e o mais votado de todo o país. Logo depois assumiu a cátedra de História da Civilização no Colégio Universitário da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo. Mais tarde tornou-se professor catedrático de História Moderna e Contemporânea na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Sempre conciliou estas atividades com uma intensa militância católica. Foi um dos fundadores da Ação Católica Paulista, tendo sido o primeiro presidente de sua Junta Arquidiocesana. Ao longo de sua militância católica escreveu vários livros e centenas de artigos em jornais.

Entre várias escolhas possíveis em um estudo sobre o catolicismo conservador, a nossa recaiu sobre o Prof. Plínio Corrêa de Oliveira pelos seguintes motivos:

1. Sua militância ideológico-política cobre um período bastante longo da história brasileira, no qual ocorreram transformações das mais importantes na nossa sociedade. Período que abrange os últimos cinquenta anos.
2. Entre as figuras conhecidas no meio católico conservador é a que provocou maiores polêmicas. Sua ação acabou por dar origem a uma organização que já dura há mais de duas décadas — T.F.P. —, tendo mesmo se espalhado por vários países, principalmente da América.
3. Entre os militantes, jornalistas, escritores e pensadores católicos leigos, talvez seja o que mais reflita, pela sua oposição a elas, as transformações ocorridas na Igreja e nos meios católicos brasileiros.

4. A trajetória da militância de Plínio mostra uma mudança radical nas suas relações com a hierarquia católica. Após ter sido um elemento de confiança da Igreja, amplamente prestigiado pelo Arcebispo de São Paulo ⁽¹⁾ passou a ser um opositor e crítico ferrenho da maioria dos bispos brasileiros, principalmente da ação do órgão máximo do episcopado nacional: a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil - C.N.B.B.

Consultamos para este trabalho, praticamente todos os escritos de Plínio, a saber: artigos publicados no Legionário, desde a sua fundação em 1927 até 1947, ano em que Plínio foi afastado do jornal; artigos publicados no mensário Catolicismo, da cidade de Campos, Estado do Rio de Janeiro, de 1951

(1) Durante o período em que Plínio dirigiu o jornal Legionário, órgão oficioso da Arquidiocese de São Paulo, antecessor do atual jornal O São Paulo, três arcebispos ocuparam o cargo: D. Duarte Leopoldo e Silva o qual foi nomeado bispo de São Paulo por decreto de Pio X em 18 de dezembro de 1906, vindo de Curitiba onde já era bispo desde 1904. Por decreto de Pio X foi promovido a arcebispo de São Paulo em 7 de junho de 1908, o mesmo decreto que elevou a Diocese de São Paulo à categoria de Arcebispado. Importantes concessões foram feitas pelo papa Pio X ao primeiro arcebispo, entre elas o direito do Seminário Maior conferir graus acadêmicos aos alunos que concluíssem o curso de filosofia, sendo instalada a Faculdade Eclesiástica em 14 de junho de 1908. Cf. ALVARENGA, Manoel - O Episcopado Brasileiro. São Paulo, A. Campos Propagandista Catholico, 1915, pp. 94-96. D. Duarte morreu em outubro de 1938 e foi substituído por D. José Gaspar de Afonseca e Silva o qual já era bispo auxiliar da Arquidiocese. A julgar pelas notícias do Legionário, D. José Gaspar já dirigia, na prática, a Arquidiocese desde 1935, isto, provavelmente, devido a confiança que nele depositava D. Duarte e a doença e idade deste. D. José Gaspar morre em 1943 de um desastre de avião. Em 1944 é nomeado o terceiro arcebispo de São Paulo, D. Carlos Carmelo de Vasconcelos Motta, o qual representará, como veremos, uma mudança radical com relação a Plínio. Os dois primeiros arcebispos deram total apoio a Plínio. O terceiro discordará da orientação do Legionário e promoverá um expurgo completo no jornal.

a 1980⁽²⁾; artigos publicados na Folha de S. Paulo, de 1968 a 1980; livros publicados em diferentes momentos da sua longa militância.

A pesquisa não procurou esmiuçar os escritos de Plínio no sentido de extrair deles apenas uma determinada concepção do mundo e da sociedade, um conjunto de valores que servissem para enquadrá-lo em uma ou outra corrente de pensamento, endossando ou rejeitando interpretações sobre a cultura brasileira. Nossa preocupação maior foi a de analisar o pensamento e a ação de Plínio tendo como contraponto dois parâmetros. O primeiro constituído pelo contexto social e político no qual o discurso foi produzido, procurando inserir o seu pensamento no dinamismo do movimento social. O segundo parâmetro, que é na verdade uma dimensão do primeiro, contrapõe a ação de Plínio a uma determinada instituição: a Igreja Católica. Isto porque a ação político-ideológica de Plínio se caracterizou, em um momento, pela defesa intransigente dos interesses corporativos da Instituição, e, em outro, pela oposição e crítica à atuação desta mesma instituição.

Plínio Corrêa de Oliveira surgiu como um pensador e militante católico em meio a um processo de renovação e revitalização da Igreja Católica no Brasil. Neste sentido ele pode ser entendido como um autêntico fruto do esforço da Igreja em estar presente nos meios intelectuais e da sua estratê-

(2) Utilizamos também matérias desses dois jornais que não foram escritas por Plínio, mas pelos seus colaboradores, logicamente afinados ideologicamente com ele.

gia de recatolizar o Brasil

"de cima para baixo"⁽³⁾.

A revitalização da Igreja no Brasil está ligada ao movimento ultramontano encetado pela Santa Sé. Este movimento procurava reforçar os laços que vinculavam os bispos à autoridade papal, padronizando a prática do clero brasileiro, segundo um modelo europeu. A proclamação da república e a implantação de um regime que estabelecia a separação entre a Igreja e o Estado, com forte conteúdo positivista, só veio tornar mais urgente, para a Igreja, a reformulação da sua estratégia de sobrevivência e o reforço dos seus quadros.

A reação ultramontana da Igreja no século XIX se fez, principalmente, contra o Liberalismo. A desarmonia entre catolicismo e liberalismo manifestava-se claramente em três pontos: na liberdade de consciência e opinião, no liberalismo econômico e no problema da legitimidade do poder. Em todos estes pontos a Igreja dava a impressão de não ter as mínimas condições de lograr êxito. Desta forma, os seus dias estariam contados. Atacada por todos os lados, seus princípios negados e ridicularizados.

(3) Acerca da estratégia da Igreja na época do Cardeal Leme ver DELLA CAVA, Ralph - "Igreja e Estado no Brasil do século XX: Sete monografias recentes sobre o catolicismo brasileiro, 1916/64". In Estudos Cebrap nº 12 - maio-junho. São Paulo, Edições Cebrap - Editora Brasileira de Ciências Ltda, 1975, pp. 11-13.

Neste clima, o famoso *Syllabus* ⁽⁴⁾ de Pio IX, surgiu como um ato de desafio ao século

"A Igreja condenava o mundo no sentido do conjunto da cultura vigente" (5).

No Brasil, esta crise da Igreja apresentava os seguintes aspectos:

"A - A tradição e as leis reconheciam o padroado em interpretação regalista; B - A presença nas classes dirigentes de pontos de vista liberais, em grau ascendente; C - O aparecimento, em setores novos do clero, de opiniões ultramontanas" (6).

Este quadro explica a eclosão do episódio, no fim do Império, conhecido como a "Questão Religiosa". A questão crucial era: deveriam prevalecer as normas e os princípios emanados do Vaticano ou a vontade do Estado brasileiro?

(4) O *Syllabus errorum* é um catálogo de oitenta proposições, consideradas inaceitáveis pela Igreja, que acompanha a Encíclica *Quanta Cura* de dezembro de 1864. É uma crítica radical aos princípios liberais, principalmente a concepção liberal da religião e da sociedade. Condena a reivindicação do monopólio escolar pelo Estado, a hostilidade às ordens religiosas, a afirmação de que todas as religiões se equivalem, a laicização das instituições, a separação Igreja e Estado, a liberdade de culto e de imprensa. Ele foi recebido como uma confirmação da incompatibilidade radical entre a doutrina católica e os sistemas de pensamento e de vida do século XIX. Para uma análise das condições políticas do papado sob as quais o documento foi elaborado ver AUBERT, R. - "A Igreja Romana e o Liberalismo do 'Syllabus' à condenação do 'Sillon'". In ROGIER, L.-J., AUBERT, R. & KNOWLE, M. D. (org.) - Nova História da Igreja: A Igreja na Sociedade Liberal e no Mundo Moderno. Vol. V, tomo I. Petrópolis, Vozes, 1975, pp. 37-43.

(5) Cf. TORRES, João Camilo de Oliveira - História das idéias religiosas no Brasil. São Paulo, Editorial Grijalbo, 1968, p. 110.

(6) Idem, *ibid.*, p. 113.

No período republicano a Igreja reforçou os seus quadros e os seus laços com a Santa Sé (7). Mas, o seu objetivo era o de ser reconhecida como religião oficial de fato, sem os entraves e os impedimentos da época imperial.

O Cardeal D. Sebastião Leme de Silveira Cintra foi o grande líder nacional na estratégia de aproximação da Igreja com o Estado, sobre novas bases. Utilizando o argumento de que o Brasil é uma nação católica, reclamava para a Igreja o reconhecimento legal da religião do povo brasileiro. Entendia que, para a realização deste objetivo, era

"(...) necessário mobilizar uma cruzada de militantes católicos, a fim de reeducar a nação através de seus ensinamentos e, fundamentalmente, assegurar para a Igreja o reconhecimento jurídico de sua legítima posição" (8).

Interessa-nos, sobretudo, como se deu esta tentativa de recatolização "de cima para baixo". Qual era o conteúdo da mensagem católica que procurava atrair, principalmente, as camadas médias urbanas? Podemos julgar o conteúdo deste

(7) Cf. BRUNEAU, Thomas C. - Religião e Politização no Brasil - A Igreja e o Regime Autoritário. São Paulo, Edições Loyola, 1979, pp. 28-29. Sobre os percalços sofridos pela Igreja na América Latina após os movimentos de independência e o revigoramento da sua influência no começo do século XX ver PIKE, Fredrick B. - "O catolicismo na América Latina, de 1848 aos nossos dias". In ROGIER, L.-J., AUBERT, R. & KNOWLE, M. D. (org.) - Op. cit., Vol. V, tomo II. Petrópolis, Vozes, 1976, pp. 121-175.

(8) Cf. DELLA CAVA, Ralph - Op. cit., p. 11.

catolicismo por um dos primeiros e grandes expoentes leigos resultante desta ofensiva católica: Jackson de Figueiredo, que inspirava-se no que havia de mais reacionário na Europa, na linha do *Syllabus* de Pio IX (9).

Assim, o aumento da força católica a nível organizacional que quintuplicou o número de dioceses entre 1900 - 1940 (10), foi concomitante à arregimentação das camadas médias urbanas, conforme um modelo europeu e calcada em uma ideologia extremamente reacionária.

Esta reação católica no Brasil representou uma romanização do catolicismo brasileiro, implicando na desapropriação ou destituição do católico leigo e das suas práticas religiosas tradicionais, com vistas à uniformização do culto

(9) Sobre a ideologia professada por Jackson de Figueiredo ver CORDI, Cassiano - A noção de revolução de Jackson de Figueiredo. Dissertação de Mestrado - Filosofia da Educação. São Paulo, PUC, 1980 (mimeografado) e IGLESIAS, Francisco - "Estudo sobre o pensamento reacionário: Jackson de Figueiredo". In História e Ideologia. São Paulo, Perspectiva, 1981, pp. 109-158.

(10) Cf. BRUNEAU, Thomas C. - Op.cit., p.29. O aumento de dioceses no Brasil teve grande impulso no pontificado de Pio X (1903-1914). Neste curto período criou no Brasil sete arcebispados, 21 dioceses, quatro prelaturas *Nullius* e três prefeituras apostólicas, perfazendo 35 sedes. Para efeito de comparação diga-se que até a elevação de Pio X ao trono pontifício havia entre nós dois arcebispos e 12 dioceses, nenhuma prelatura nem qualquer prefeitura. Cf. ALVARENGA, Manuel - Op.cit., p. 11, nota 1.

católico segundo o modelo europeu (11).

Na medida em que o catolicismo tradicional era incompatível com os valores que legitimam as relações capitalistas de produção, visto que sacralizava as estruturas pré-capitalistas, a romanização representou um importante aliado na implantação das relações econômicas que superavam a estrutura social e econômica tradicionais. É o que demonstraria o conteúdo da Pastoral Coletiva dos Arcebispos e Bispos das Províncias Meridionais do Brasil de 1915 (12).

(11) Cf. OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro de - "Religião e dominação de classe: o caso da romanização". In Religião e Sociedade de nº 6, novembro, Rio de Janeiro, Tempo e Presença, 1980, pp. 167-178 e AZZI, Riolando - "Catolicismo popular e autoridade eclesiástica na evolução histórica do Brasil". In Religião e Sociedade nº 1, maio. São Paulo, Hucitec, 1977, pp. 125-149. Empregamos o conceito "catolicismo tradicional" e "práticas religiosas tradicionais" para nos referir ao comportamento religioso (descrito por Pedro A. Ribeiro de Oliveira no artigo citado acima) predominante no período anterior à romanização. Este catolicismo estava impregnado na visão de mundo das massas rurais e legitimava a ordem social pré-capitalista então vigente, sacralizando os laços de dominação pessoal fazendo-a parecer como uma aliança entre fracos e poderosos. Este tipo de catolicismo era incompatível com o capitalismo na medida em que neste as relações entre capitalistas e trabalhadores são impessoais. Neste sentido ele representava um obstáculo a implantação do capitalismo, uma vez que estava inserido na própria ordem social fazendo com que a linha demarcatória entre o sagrado e o profano fosse imperceptível. Por outro lado, a romanização agiu no sentido contrário na medida em que substituía as devoções populares tradicionais por outras sob o controle do clero, fazendo com que os agentes leigos da religião perdessem sua autonomia. Para isto foi necessário suprimir a produção religiosa popular e as suas bases organizacionais, substituindo-as por outras. O novo catolicismo romanizado, na conclusão do autor, não colidia com o capitalismo, antes o favorecia.

(12) Cf. OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro - Op.cit. pp. 176-180.

Uma pesquisa de Paulo José Krischke procurou determinar o papel exercido pela Igreja no processo de desenvolvimento nacional burguês em um período posterior, de 1930 a 1945 (13). Segundo este autor, o papel da Igreja foi essencial, uma vez que,

"(...) através da Ação Católica a Igreja viria a promover uma reforma 'intelectual e moral' entre os seus membros, do que resultou o surgimento de líderes capazes de promover os ideais burgueses necessários ao desenvolvimento do novo Estado e sociedade brasileiros" (14).

Neste processo os intelectuais da Igreja desenvolveram uma ação que buscava a unidade ideológica dos grupos sociais.

Para demonstrar as suas hipóteses o autor analisou duas importantes revistas nos meios católicos: "Vozes" e "A Ordem". Os artigos das revistas foram analisados em função das principais questões políticas do momento em que foram escritos. Com base neste critério foram estabelecidas três fases distintas da atuação da Igreja no período considerado. A primeira abrangendo a Revolução de 1930 e os momentos imediatamente anteriores e posteriores. Nesta fase a Igreja agiu

(13) KRISCHKE, Paulo José - "A Igreja na formação do populismo". In A Igreja e as crises políticas no Brasil. Petrópolis, Vozes, 1979. A Ação Católica foi fundada pelo Papa Pio XI, instituindo organizações como a JUC (Juventude Universitária Católica), JOC (Juventude Operária Católica), JEC (Juventude Estudantil Católica), entre outras, com finalidades especiais de promover e articular sistematicamente o apostolado leigo. A Ação Católica Brasileira foi fundada em 1929 e teve os seus primeiros estatutos em 1935. Para a atuação da Ação Católica no Brasil ver ALVES, Marcio Moreira - Igreja e Política no Brasil. São Paulo, Brasiliense, 1977, pp. 121-157.

(14) KRISCHKE, Paulo José - Op. cit., p. 120.

no sentido de deslegitimar o regime oligárquico e legitimar , sob determinadas condições, o novo regime que se esboçava. A segunda fase coincide com a tentativa de restauração constitucional que terminava com o golpe de 1937. Nesta época de profunda radicalização política, a tendência da Igreja foi a de apoiar o autoritarismo e a disciplina corporativa, aproximando-se neste ponto das posições integralistas. Na terceira fase as revistas revelam um apoio às posições básicas de harmonia social e nacionalismo econômico promovidos pelo governo. Ação que complementava a orientação do governo de organização corporativa e integração populista. Apoiando a política de coalização de classes de Vargas não havia necessidade de um partido católico independente. Proposta que foi recusada pelo líder da Igreja no Brasil da época, o Cardeal Leme.

Desta forma, o período em que Plínio dirigiu o Legionário (1933-1947) é visto como uma fase de intensa cooperação entre Estado e Igreja, onde esta teria obtido vitórias significativas no sentido de voltar a ser religião oficial de fato (15).

Entretanto, a nossa pesquisa revelou que as relações Igreja-Estado não eram destituídas de tensão. A insegurança da Igreja quanto a sua posição na sociedade, a instabilidade política que perdurou, pelo menos, até 1937, a falta de regulamentação dos privilégios obtidos com a Constituição de 1934,

(15) Cf. DELLA CAVA, Ralph - Op. cit., p. 15.

a indefinição dos integralistas quanto a posição e o papel que seriam reservados à Igreja se eles chegassem ao poder, a incerteza sobre quais as forças políticas que teriam realmente possibilidades de chegar ao poder, tudo contribuía para que a Igreja estivesse inquieta quanto ao seu futuro. Os exemplos dados pelos Estados italiano, alemão, mexicano e espanhol no tratamento com a Igreja, constantemente referidos no Legionário, eram de molde a justificar as apreensões. Apesar dos privilégios, o futuro da instituição no país parecia incerto.

O fim da guerra e a redemocratização de 1945 trouxeram novos sobressaltos, obrigando a Igreja a redefinir o seu papel na sociedade e as suas relações com o Estado.

Embora lutando para manter a posição de religião oficial de fato, as transformações ocorridas na sociedade global fizeram com que a instituição católica enfrentasse novos dilemas, os quais exigiam uma nova estratégia de ação.

Sinteticamente, podemos dizer que o período pós-1945 foi marcado pela emergência de novos grupos sociais na cena política, passando a ameaçar as posições das elites. Acelerava-se a urbanização. A cidade começava a prevalecer sobre o campo. Diante desta nova realidade a estratégia do Cardeal Leme, que havia falecido em 1942, de recatolizar o Brasil de cima para baixo ⁽¹⁶⁾, privilegiando na sua prática as clas-

(16) A estratégia de recatolizar o Brasil de "cima para baixo", liderada pelo Cardeal Leme, orientou-se pelas decisões tomadas no Concílio Plenário Latino Americano, realizado em Roma de 28 de maio a 9 de julho de 1969. Os decretos do Concílio foram promulgados pelas Letras Apostólicas "Jesus Christi Ecclesiam", expedidas em 01 de ja-

ses médias e altas, mostrou suas limitações.

Com efeito, a influência ideológica da Igreja sobre as camadas populares evidenciava-se mais aparente do que real. As populações rurais orientavam-se por valores religiosos de um catolicismo folclórico e sincrético bastante diferente do catolicismo oficial. Transladados para a cidade estes camponeses se mostraram bastante propensos a abraçar novos credos (17).

Além da religiosidade leiga e dos credos alternativos, a Igreja ainda enfrentava a crise do sacerdócio, a insuficiência das vocações e deparava-se com a concorrência do marxismo nas camadas médias e estudantis.

Um bom indicador dos dilemas enfrentados pela Igreja e das respostas que deu a eles, foram as transformações sofridas pelas organizações criadas na época do Cardeal Leme: a Liga Eleitoral Católica (L.E.C.), os Círculos Operários (18) e a Ação Católica. A primeira não conseguiu desempenhar nenhum

neiro de 1900. Contém 16 títulos divididos em vários capítulos cada um. Estabelecem normas e diretrizes para uma variada gama de assuntos, que vão desde os princípios de fé, relações Igreja-Estado, formação do clero, educação, imprensa, até a administração dos bens eclesiásticos. Cf. BARBOSA, Manoel - A Igreja no Brasil. Rio de Janeiro, Editora e Obras Gráficas A Noite, 1945, pp. 137-143.

(17) Para uma caracterização do catolicismo rural ver CAMARGO, Cândido Procópio Ferreira - Igreja e desenvolvimento. São Paulo, CEBRAL - Editora Brasileira de Ciências, 1971, pp. 9-18 e DELLA CAVA, Ralph - Op. cit., pp. 26-27.

(18) A L.E.C. e os Círculos Operários foram fundados em 1932 e por volta de 1945 ambos estavam atrofiados e sem utilidade. Cf. DELLA CAVA, Ralph - Op. cit.

papel mais importante após o seu relativo sucesso nas eleições para a Constituinte de 1934. Os segundos viveram enquanto contaram com o apoio do governo Vargas. A Ação Católica estava completamente inerte por ocasião da morte do Cardeal Leme em 1942. Tudo indicava o esgotamento da estratégia do laborioso cardeal. Além disso, a sua morte interrompeu o processo de centralização da Igreja no Brasil, o qual será retomado mais tarde pela C.N.B.B. (19).

Se atentarmos para a argumentação de Márcio Moreira Alves veremos que a Igreja renovou-se ao tentar reagir às forças que, real ou hipoteticamente, a ameaçavam. Constatando a sua fraqueza ela tratou de renovar-se provocando

"(...) mudanças no interior da própria instituição eclesiástica: mudanças na sua política de recrutamento de quadros e formação de pessoal, na sua organização administrativa, de tomadas de decisão e nos seus métodos de discussão" (20).

Como estratégia ofensiva abriu novos campos de trabalho na execução de tarefas que normalmente deveriam caber ao Estado. Adotou novas formas de atuação no setor da educação. Envolveu-se na tentativa de solucionar os problemas mais prementes das populações marginalizadas. Já em 1948 a Ação Católica era reestruturada, adotando o sistema belga e francês de organização por classes, diferente do italiano onde a divisão

(19) Para a origem e desenvolvimento da C.N.B.B., seus sucessivos estatutos, suas finalidades, estrutura organizacional, etc., ver QUEIROGA, Pe. Gervásio Fernandes de - CNBB: Comunhão e Corresponsabilidade. São Paulo, Edições Paulinas, 1977.

(20) ALVES, Márcio Moreira - Op.cit., p. 52.

é feita por grupos masculinos e femininos (21).

O trabalho de Alves e a síntese de Della Cava atestam que estas transformações não se fizeram à revelia de Roma. Pelo contrário, a atuação do nuncio D. Armando Lombardi no período de 1954 a 1964 mostrou-se decisiva para a implantação da nova orientação. Neste período foram nomeados vários bispos considerados progressistas. O próprio nuncio participou diretamente na formulação de declarações sociais avançadas. Mantinha estreitas relações com D. Helder Câmara, o então condutor da C.N.B.B. Este apoio incontestado do nuncio é um forte indício dos rumos que a Igreja iria tomar no futuro. Posteriormente, os apelos do Papa João XXIII aos bispos para que agissem na promoção das massas subdesenvolvidas, constituíram um marco importante na mudança ideológica da mensagem católica na América Latina. As práticas existentes neste sentido ganham legitimidade com o pronunciamento deste Papa (22).

Assim, no período pós-1945, a Igreja não ficou alheia aos problemas colocados pela sociedade. Incorporou no seu discurso os problemas e os diagnósticos elaborados por leigos, reforçando a sua prática por uma dupla legitimidade, a científica e a sagrada (23).

(21) Cf. ALVES, Marcio Moreira - Op. cit., pp. 121-122.

(22) Idem, p. 72.

(23) Cf. ROMANO, Roberto - Brasil: Igreja contra Estado. São Paulo, Kairós, 1979, pp. 28-29.

Em um período de relativa liberdade de manifestação de idéias, combinada com a necessidade de procura de votos numa ampla base eleitoral, vieram à tona reivindicações próprias das classes dominadas. A idéia de que o desenvolvimento seria a solução para os males da sociedade era, então, plenamente aceita pela Igreja. Isto tornou possível uma ampla cooperação entre o Estado populista e a Igreja. Ambos concordavam em que as reformas sociais e o progresso constituíam alternativas válidas e possíveis diante da "ameaça" comunista. Não podemos esquecer que se o marxismo já era visto como um concorrente sério nos meios intelectuais e estudantis, tornava-se particularmente perigosa, aos olhos da Igreja e do Estado, a sua penetração nos meios populares. Se isto era viável não cabe aqui discutir, o fato é que o fantasma de uma revolução social pairava sobre os espíritos. É por esta razão, entre outras, que os problemas sociais, particularmente os do Nordeste, passaram a ser uma questão fundamental para os setores mais importantes da política nacional.

No agitado período populista, posterior a 1945, a Igreja tomou consciência de que não podia confiar apenas na tática de pressionar a cúpula do poder como no período Vargas. Quando o poder estava concentrado era mais fácil ganhar influência pressionando os níveis mais altos. O pluralismo político do momento obrigou a Igreja a inovar sua ação ⁽²⁴⁾. Em época de eleições livres a popularidade é condição essencial de acesso aos círculos de poder. Entretanto, a popularidade

(24) Cf. ALVES, Marcio Moreira - Op. cit., p. 73.

tem o seu preço. É preciso encampar os anseios populares, pelo menos ao nível do discurso. Neste sentido a prática populista acelerou a mobilização e a conscientização política de camadas cada vez mais amplas da população (25).

Os condicionamentos externos, fora do controle da hierarquia, explicam os dissabores e contradições da instituição na sua ofensiva populista nos meios camponês, operário e estudantil. Os movimentos da Ação Católica que conseguiram maior penetração começaram a escapar do controle da hierarquia, muitos chegando ao rompimento. A independência da J.U.C., da J.O.C. e do próprio M.E.B. obrigou a hierarquia a agir repressivamente, desarticulando estes movimentos.

Isto explica a dubiedade da Igreja frente ao golpe de 1964. Recebido ao mesmo tempo com alívio e com apreensão. Alívio porque o novo poder iria golpear os rivais e concorrentes. Apreensão pela incerteza quanto ao lugar que iria ocupar no novo arranjo político. O futuro iria justificar muito a apreensão e muito pouco o alívio.

Após o golpe a hierarquia tornou-se temerosa, enquanto os militantes dos movimentos católicos, leigos e clericais, radicalizavam suas posições, sendo vítimas constantes dos órgãos de repressão.

Reavaliando a situação, depois de um compasso de es

(25) Cf. GRIN, Guita - Representações políticas do período populista. Dissertação de mestrado. Ciências Sociais, USP. São Paulo, 1977 (Exemplar mimeografado).

pera, a Igreja retomou os temas sociais a partir de uma preocupação central com os direitos humanos. Na ausência de outros canais de manifestação, a Igreja adquiriu uma

"(...) importância desproporcional às suas forças
(...)"

na cena política brasileira, transformando-se na

"(...) única instituição a poder pretender um diálogo em pé de igualdade com as autoridades militares" (26).

O golpe de 1964 alterou as relações da Igreja com o Estado. Os pontos de divergência e tensão foram se avolumando a ponto de transformar a C.N.B.B. num dos principais núcleos de oposição ao regime militar. Com efeito ela encampava e dava curso às principais críticas que se faziam aos resultados da política do governo, denunciava a violação dos direitos humanos e os desmandos da repressão política, apontava o reverso da medalha na fase do "milagre" econômico. Membros do clero estavam sempre presentes nas questões que envolviam camponeses, operários e estudantes em conflito com os agentes do Estado.

É possível então distinguir no período abrangido pela nossa pesquisa três fases bastante distintas. A primeira de 1930 a 1945. A segunda de 1945 a 1964 e a terceira de 1964 a 1980. Cada uma destas fases se caracterizou por uma atitude diferente da Igreja em relação ao Estado e foram ditadas pela própria conjuntura política.

(26) ALVES, Marcio Moreira - Op. cit., pp. 172-173.

A trajetória da militância católica de Plínio ao longo deste período colocou em evidência as contradições da Igreja no mundo moderno. Elas se manifestam não só nas suas relações com o Estado, mas também nas com os leigos. A sua mensagem é universalista. Quer ser a Igreja de todos os povos e de todas as classes. Ocorre, porém, que, malgrado os seus esforços, a sua prática tem um conteúdo político, o qual é condicionado pela necessidade de adaptação a conjunturas específicas. A Igreja sobrevive na "consciência do povo", mas é preciso que esta "consciência" se exteriorize na Igreja visível, garantindo assim a sobrevivência da instituição.

Não tendo mais o monopólio ideológico ela é obrigada a abandonar o seu papel de administradora das consciências e entrar na concorrência para ganhá-las. Neste jogo para ganhar o mundo ela se arrisca a ser ganha por ele. Diante deste perigo ela não pode se identificar com uma determinada estrutura social, ou com um modelo de sociedade, mas sim procurar se identificar com os "rumos da história". O chamado oportunismo da Igreja decorre da sua própria situação no mundo moderno. Sua adaptação a ele foi problemática dado o grau de imbricação que tinha com a sociedade feudal. Mas, para isto, ela contou com sua tradição milenar da qual recolheu novas inspirações, atualizando o seu discurso com a combinação de antigos princípios, com conceitos e argumentos recolhidos dos próprios adversários de ontem e de hoje (27).

(27) Cf. ROMANO, Roberto - Op. cit., pp. 19-44.

Não é de admirar que ela acabasse por decepcionar eventuais aliados, visto que, mesmo interpretando corretamente os "sinais dos tempos", não pode se identificar nem com partidos, nem com classes. Por esta razão obrigou-se a condenar os movimentos à sua direita e à sua esquerda. Condenou ao mesmo tempo a "Action Française" e o "Modernismo católico". Depois condenou o nazismo e o comunismo. Mais recentemente, sua fórmula

"nem capitalista nem comunista" (28),

lhe permite encontrar um espaço próprio e argumentos originais quando se coloca na defesa dos "pobres e marginalizados" na "América Latina. Sem dar um colorido político específico a estes "pobres e marginalizados", nem aos argumentos com os quais os defende, ela garante para si uma posição de relativa estabilidade. Estes setores podem, no Brasil assim como em toda a América Latina, serem eternamente derrotados politicamente, mas não podem ser eliminados do quadro social e político. Tal fato garante a permanência e a atualidade do discurso da Igreja.

Muito cautelosa nas suas mudanças, a Igreja não acompanha as oscilações menores da História. Não se perde nos atalhos e nas curvas de curta duração. Procura tornar imperceptível suas reorientações de rumo.

Entretanto, as transformações ocorridas na sociedade brasileira nos últimos cinquenta anos, alterando a sua fi

(28) Cf. BOFF, Clodovis - Comunidade eclesial. In Comunidade política: ensaios de eclesiologia política. Petrópolis, Vozes, 1978, p. 125.

sionomia (cujos aspectos mais salientes foram a industrialização e a urbanização), obrigaram a Igreja a dar guinadas um tanto abruptas ao longo do período considerado (29), passando de uma religião

"(...) das elites, do Estado e das classes dominantes (...) (30)

ã

"Igreja dos pobres"

e ã

"voz dos que não têm voz" (31).

É no quadro dessas mudanças que tentamos analisar o pensamento e a ação de Plínio Corrêa de Oliveira.

No primeiro capítulo faremos uma breve exposição dos fundamentos da sua ideologia. Achamos conveniente a inclusão deste capítulo na medida em que ele nos auxiliará a entender melhor a opinião de Plínio sobre assuntos específicos, uma vez conhecida a sua visão geral do homem e da sociedade.

(29) "O ineditismo está em que o imperativo de ruptura, de salto brusco, de coexistência entre dois padrões de vida inconciliáveis desatualiza por completo o próprio regime de mudanças sociais a que se habituara o cristianismo no seio do processo histórico do ocidente. Desapareceu o pano de fundo ou o quadro de alterações graduais a que tradicionalmente se afizera a Igreja. E, isto, tanto no desligamento imperceptível com a ordem social que perdesse vigência, quanto no lento permeio pela perenidade de sua mensagem, do regime que lhe sucedesse". MENDES, Candido-Memento dos vivos - A esquerda católica no Brasil. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1966, p. 29.

(30) Cf. DELLA CAVA, Ralph - Op. cit., p. 10.

(31) "Eu ouvi os clamores do meu povo". Documento dos bispos e superiores do Nordeste de 06 de maio de 1973. Sedoc, nº 6, nov. 1973.

No segundo capítulo abordaremos os escritos de Plínio de 1933 (ano em que assume a direção do órgão oficioso da Arquidiocese de São Paulo, o Legionário) a 1947 (ano em que Plínio e o seu grupo são afastados sumariamente do jornal por D. Vasconcelos Motta). Mostraremos neste capítulo a estreita vinculação de Plínio com a estratégia do Cardeal Leme para obter do Estado os privilégios reclamados pela Igreja. A ideologia católica reacionária de Plínio e esta vinculação orientaram a interpretação que Plínio fez dos problemas colocados pela sociedade naquele momento.

No terceiro capítulo trataremos dos escritos de Plínio referentes ao período de 1951-1964, principalmente os publicados no mensário Catolicismo, fundado na cidade de Campos, Estado do Rio de Janeiro, sob os auspícios de D. Castro Mayer, bispo pertencente ao seu grupo. Nesta fase, continuou a defender as mesmas bandeiras conservadoras. Seus alvos principais foram as tentativas de reforma ligadas ao desenvolvimentismo. Não hostilizou a hierarquia da Igreja, mas atacou e denunciou os desvios dos católicos leigos da Ação Católica. Enquanto a Igreja encampava a política desenvolvimentista e reformista dos governos populistas, Plínio representava a continuidade das posições conservadoras.

No quarto capítulo trataremos do período 1964-1980. O material básico analisado foram os artigos de Plínio na Folha de S. Paulo. Nesta fase o seu choque com a maioria da hierarquia católica será aberto e frontal, visto que fará oposição sistemática à C.N.B.B. e às suas iniciativas, uma vez que

a organização episcopal transformou-se em um espaço de manifestação privilegiado para as forças derrotadas em 1964.

A Igreja pôde desempenhar este papel por ser muito difícil de ser reprimida; quase impossível de ser calada, pois conta com veículos próprios de divulgação, fora do controle do Estado, tendo capacidade de dar repercussão internacional às suas denúncias e às que se fazem através dela.

A ação de Plínio e seu grupo serviu para compensar parte desta relativa desvantagem do regime em relação à Igreja. Ele atacou a C.N.B.B. com as suas próprias armas: o discurso religioso. Utilizou todo o repertório doutrinário católico tradicional para condenar o denominado progressismo católico.

CAPÍTULO 1

A IDEOLOGIA DE PLINIO CORREA DE OLIVEIRA

A ideologia de Plínio Corrêa de Oliveira identifica-se claramente com o catolicismo ultramontano que orientou o revigoramento da Igreja no Brasil. A ideologia incorporada a este catolicismo está centrada na idéia de que existe um mal que há cinco séculos tenta destruir a cristandade: a Revolução. A origem deste terrível mal se encontra na própria alma humana. No fundo trata-se de uma manifestação do pecado. Desta forma, todos os inimigos definidos por Plínio e os principais alvos do seu combate podem ser resumidos na idéia de revolução (1).

Segundo esta postura ideológica, no final da Idade Média houve uma explosão de "orgulho e sensualidade" que provocou uma crise do homem europeu e cristão, afetando igualmente os povos sob a influência da Europa (2). Isto provocou o desencadeamento de múltiplos processos desagregadores que encaminham para a destruição total da civilização cristã ocidental. Lemos num dos seus escritos:

(1) Os princípios básicos e a origem da revolução são tratados no livro de Plínio, que é considerado o mais importante pelos seus seguidores: Revolução e Contra-Revolução. São Paulo, Editora Cristianismo, 1959. Ele contém o programa essencial da T.F.P. Por esta razão faremos constantes referências a esta obra neste capítulo. Entretanto, Plínio já havia exposto os mesmos princípios em numerosos artigos anteriores. A novidade é que no livro a sua ideologia e o seu programa de ação se acham mais sistematizados e globalizados.

(2) OLIVEIRA, Plínio Corrêa de - Revolução e Contra-Revolução. São Paulo, Editora Cristianismo, 1959, p. 17.

"Com efeito, ao impulso destas forças em delírio, as nações ocidentais vão sendo gradualmente impedidas para um estado de coisas que se vai delineando igual em todas elas e diametralmente oposta à civilização cristã.

De onde se vê que essa crise é como uma rainha a que todas as forças do caos servem como instrumentos eficientes e doces" (3).

Desta forma, o mal destruidor evolui gradualmente, obedecendo à sua lógica interna, desde os fins do período medieval até os nossos dias. O Humanismo, a Renascença e a Pseudo-Reforma (I Revolução), a Revolução Francesa (II Revolução), e a Revolução Comunista (III Revolução), constituíram-se em marcos significativos e decisivos na marcha da Grande Revolução, na escalada do maligno⁽⁴⁾.

Orgulho e sensualidade, marcas do pecado, são os ingredientes de todas aquelas revoluções. O orgulho conduziu ao ódio a toda superioridade, à revolta contra a autoridade e a desigualdade natural entre os homens. Pela sua própria lógica, o igualitarismo atacou a aristocracia, a monarquia e o próprio Papa. O resultado foi a vitória do princípio da soberania popular após a Revolução Francesa. A sensualidade estava combinada com o orgulho nesta profunda mudança ocorrida na época moderna. Com efeito Plínio afirmou:

"No século XIV começa a observar-se, na Europa cristã, uma transformação de mentalidade que ao longo do século XV cresce cada vez mais em nitidez. O apetite dos prazeres terrenos se vai transformando em ânsia. As diversões se vão tornando mais frequentes e mais suntuosas. Os homens se preocupam sem

(3) OLIVEIRA, Plínio C.de - Revolução... op.cit., p. 18.

(4) Idem, pp. 19 e 20.

pre mais com elas. Nos trajes, nas maneiras, na linguagem, na literatura e na arte o anelo crescente por uma vida cheia de deleites da fantasia e dos sentidos vai produzindo progressivas manifestações de sensualidade e moleza. Há um paulativo deperecimento da seriedade e da austeridade dos antigos tempos. Tudo tende ao risonho, ao gracioso, ao festivo. Os corações se desprendem gradualmente do amor ao sacrifício, da verdadeira devoção à cruz, e das aspirações de santidade e vida eterna. A cavalaria, outrora uma das mais altas expressões da austeridade cristã, se torna amorosa e sentimental, a literatura de amor invade todos os países, os excêssos do luxo e a conseqüente avidez de lucros se estendem por todas as classes sociais"(5).

Esta sensualidade exacerbada fez brotar a revolta contra todos os freios morais, elevando a liberdade a bem supremo. A transposição destes princípios libertários, igualitários e revolucionários do campo religioso e político para o campo social e econômico desembocaram mais tarde nas idéias comunistas. Em conseqüência, a Igreja, que é depositária dos valores cristãos verdadeiros e

"guardiã da civilização por excelência"⁽⁶⁾ será objeto de constantes perseguições movidas pelo ódio revolucionário.

Note-se que, para Plínio, a raiz destas transformações foi o pecado. Da alma ele passou para as instituições e corrompeu a sociedade. Esta explicação permite a identificação de inimigos disfarçados sob as mais variadas denominações políticas, filosóficas, culturais ou religiosas, mas que,

(5) OLIVEIRA, P.C. de - Revolução... op.cit., p. 19.

(6) Idem, p. 30.

no fundo, são um mesmo mal. Suas aparentes divergências não nos devem enganar.

"(...) dir-se-ia que as potências do mal estão divididas contra si mesmas, e que é falsa nossa concepção unitária do processo revolucionário.

Ilusão. Por um instinto profundo, que mostra que são harmônicas em seus elementos essenciais, e contraditória apenas em seus acidentes, têm essas forças uma espantosa capacidade de se unirem contra a Igreja Católica, sempre que se encontrem em face dela.

Estêreis nos elementos bons que lhes restem, as forças revolucionárias são realmente eficientes no mal. E assim, cada qual ataca de seu lado a Igreja, que fica como uma cidade sitiada por um imenso exército.

Entre essas forças da revolução, cumpre não omitir os católicos que professam a doutrina da Igreja mas estão dominados pelo espírito revolucionário. Mil vezes mais perigosos que os inimigos declarados, combatem a Cidade Santa dentro de seus próprios muros, (...) (7).

Para deter a força avassaladora da revolução pode-se contar ainda com os "resquícios da cristandade" que podem ser sementes de uma nova era. Assim Plínio se referia a estas sementes:

"E para nós, que estamos entre os escombros dessa grande cidadela em ruínas, o problema não é de saber se poupará ainda este ou aquele resto de coluna ou de muralha. É a grande batalha, que de um momento para outro se começará quiçá a travar, a batalha última e decisiva a tanto tempo prenunciada pelos De Maistre e pelos Veuillot. A grande questão é, pois, de saber se, sim ou não, a obra há de ser refeita, se os últimos destroços da 'Civitas Christiana' serão abatidos para dar lugar à Torre de Babel, ou se os obreiros da confu

(7) OLIVEIRA, P.C. de - Revolução... op.cit., pp. 26 e 27.

são serão expulsos do mundo, se os bárbaros vermelhos ou pardos serão varridos da face da terra, se os vendilhões, os aventureiros, os apóstatas e os demolidores de toda espécie serão escorraçados do recinto sacral do mundo cristão, para que os filhos da luz ergam novamente a grande cidade que é o Reino de Deus entre os Homens" (8).

Resta ainda a Igreja Católica, indestrutível por promessa divina. Contamos também com a ordem natural das coisas, uma vez que a Lei de Deus está de acordo com a da natureza (9) e a revolução a contraria. Desta forma o próprio "bom-senso" condena a revolução.

Como a expansão e o predomínio europeu no mundo foi concomitante ao surgimento e à evolução da revolução, a Europa espalhou não só a "verdade" e a "excelência" da sua civilização cristã, como também os "erros revolucionários". No Brasil, como em toda a América Latina, predominou a primeira influência, uma vez que as nossas "melhores tradições" e a "alma" do nosso povo estão marcadas pelo catolicismo (10).

O que orienta a interpretação que Plínio faz dos acontecimentos é este corpo doutrinário religioso e político surgido nos meios católicos europeus. Ele segue de perto algumas correntes políticas de inspiração católica, contemporâneas à crise e à decadência da cristandade. Esta crise foi

(8) OLIVEIRA, Plínio Corrêa de - "Em face dos acontecimentos" Legionário, 4 de março de 1945.

(9) OLIVEIRA, Plínio Corrêa de - "Constituição e direito natural." Legionário, 13 de julho de 1947.

(10) OLIVEIRA, Plínio Corrêa de - "Passado esplêndido, futuro ainda mais belo". Catolicismo nº 80, agosto de 1957. "A missão da América Latina". Legionário, 15 de outubro de 1938.

marcada pela perda do poder temporal da Igreja e da sua separação do Estado. Apoiadas em um catolicismo tradicional reelaborado, estas correntes resistiram ao avanço do Estado laico e tentaram deter a derrocada da monarquia e da aristocracia (11). A crise daquela sociedade tradicional é então vista como uma crise do homem cristão. Se tudo o que a sociedade européia possui de melhor foi fruto do cristianismo, só nele é possível a segurança. Marcado pelo pecado original o Homem não pode, por si só, permanecer na justiça e na verdade. É preciso o auxílio da graça, e esta só se encontra em abundância na Igreja Católica. Os desvios e as crises da sociedade ocorrem quando ela se afasta desta fonte de graça (12).

(11) Como exemplos destas correntes podemos citar a "Action Française", liderada por Charles Maurras, o "Sodalitium Pianum", fundado por Mons. Benigni em Roma. Plínio refere-se eventualmente a Josephe De Maistre, Veuillot e outros autores reacionários. Entretanto, prefere sempre basear sua argumentação em citações extraídas dos pronunciamentos papais em encíclicas, alocações, etc. e dos santos e doutores da Igreja. Sobre o catolicismo integral na Europa e no Brasil ver Charles ANTOINE - O integralismo brasileiro. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1980 e Roberto ROMANO - "Liberalismo e negação do catolicismo". In Brasil: Igreja contra Estado. São Paulo, Kairos, 1979.

Para a implantação do catolicismo ultramontano no Brasil ver Augustin WERNET - A reforma do clero paulista de Dom Antonio Joaquim de Melo. Tese de Livre-Docência apresentada ao Departamento de História da F.F.L.C.H. da USP. São Paulo, 1983.

Sobre a origem do catolicismo ultramontano e seu declínio no nível da política geral da Igreja ver Roger AUBERT - Nova História da Igreja: a Igreja na sociedade liberal e no mundo moderno Tomo I, vol. V. Petrópolis, Vozes, 1975.

(12) OLIVEIRA, Plínio C. de - "A cruzada do século XX". Catolicismo, nº 1, janeiro de 1951.

Todos estes princípios orientam uma visão política onde a divergência de idéia não entra como um componente normal nas relações sociais, mas como um indício de desequilíbrio da "harmonia natural" que deve reinar na sociedade. A ordem social depende, deste ponto de vista, da sua adequação à "ordem natural" instituída por Deus. A sociedade, afirma Plínio, pode desviar-se desta ordem pelo erro, pela fraqueza, pela imperfeição humana resultante do pecado original. Para corrigir estes desvios e manter o homem no reto caminho existe a verdade, revelada por Deus e mantida sob a guarda infalível da Igreja. Ligam-se, assim, as noções de "ordem", "justiça" e "verdade". Vista desta maneira, a desordem é comparada a uma doença causada pelo pecado ao corpo social. Vincula-se, assim, o temporal ao espiritual. Não havendo ordem no nível espiritual não pode haver ordem na sociedade. Não é a escassez de bens, nem a miséria, nem a fome, tampouco o conflito de interesses a causa das convulsões sociais e das guerras. A abundância pode gerar mais a discórdia do que a paz. A ganância dos homens é que os fazem brigar. Trata-se, portanto de reformar o Homem ⁽¹³⁾. Esta reforma se faria adequando o nosso comportamento aos valores morais e sociais de uma sociedade que já existiu. O mundo medieval, onde tudo era inspirado pela Igreja, é o modelo ideal no qual devemos buscar a orientação. Os valores que prevaleciam nesta sociedade não estão de todo mortos. Sobrevivem ainda no fundo da alma do povo, principalmente nas nações bafejadas por uma

(13) OLIVEIRA, P.C. de - "Reformemos o homem". Legionário, 9 de maio de 1943.

tradição católica (14). Estão vivos na mente das pessoas que não perderam o bom-senso.

Plínio fez sua missão de lutar, no campo ideológico e político, para conservar estes valores e derrotar as forças que tentam destruí-los. Sendo na sua essência imutáveis, eles não podem ser negados pelo progresso. Este, pelo contrário, é que deveria se constituir num aperfeiçoamento constante daqueles valores "naturais e divinos". Não deve existir oposição entre o velho e o novo. Nada deve ser negado apenas por ser velho ou aceito só por ser novo. A verdadeira oposição seria entre a verdade e o erro (15).

Mas o que restaria ainda desta sociedade autenticamente cristã?

Existiria ainda a família, embora cada vez mais ameaçada. A propriedade privada, apesar de atacada por todos os lados. Ainda existiriam pessoas que souberam preservar a tradição legada pelos "nossos maiores". E, acima de tudo, restaria a promessa divina de que a Igreja é indestrutível e sua verdade imutável. Somando-se tudo isto temos o cerne da contra-revolução definida por Plínio da seguinte maneira:

"A Revolução ataca a civilização cristã mais ou menos como certa árvore da floresta brasileira, a figueira brava (*Urostigma olearia*), que, crescen-

(14) OLIVEIRA, P.C. de - "A posição das nações católicas numa guerra entre comunistas e protestantes". Catolicismo n° 4, abril de 1951.

(15) OLIVEIRA, P.C. de - "Por que o nosso mundo pobre e igualitário se empolgou com o fausto e a magestade da coroação?" Catolicismo, n° 37, julho de 1953.

do no tronco de outra, a envolve completamente e a mata. Em suas correntes 'moderadas' e de velocidade lenta, acercou-se a Revolução da civilização cristã para envolvê-la de todo e matá-la. Estamos num período em que esse estranho fenômeno de destruição ainda não se completou, isto é, numa situação híbrida em que aquilo a que quase chamaríamos restos mortais da civilização cristã, somado ao perfume e à ação remota de muitas tradições, só recentemente abolidas, mas que ainda têm alguma coisa de vivo na memória dos homens, coexiste com muitas instituições e costumes revolucionários.

Em face dessa luta entre uma esplêndida tradição cristã em que ainda palpita a vida, e uma ação revolucionária inspirada pela mania de novidades a que se referia Leão XIII, nas palavras iniciais da Encíclica Rerum Novarum, é natural que o verdadeiro contra-revolucionário seja o defensor nato do tesouro das boas tradições, porque elas são os valores do passado cristão ainda existentes e que se trata exatamente de salvar" (16).

Como podemos concluir, os parâmetros do discurso de Plínio são de molde a excluir "o outro" do direito de existir. Não deixa espaço para aceitar a diferença como legítima. Os indivíduos são considerados culpados pelos seus pensamentos divergentes, mesmo que acreditem sinceramente no que dizem. A inteligência é condenável se não chega às posições que Plínio julga corretas. Isto porque:

"Para aceitar a fé, o homem precisa do auxílio da graça de Deus, mas este auxílio está perpetuamente ao alcance de todos os homens, e Deus não o recusa a ninguém. Não há, pois, um só homem que se possa excusar de professar a verdadeira fé, alegando que lhe faltou a graça de Deus (...)

(...) Quando um homem combate a verdadeira fé ou a moral, ou ele está persuadido de que está com a razão, ou não está. Se está, anda mal, porque não estudou o assunto com a diligência e a humildade necessária nem pediu como devia a graça de Deus. Se não está anda mal porque propaga uma opinião sabidamente falsa (...)" (17).

(16) OLIVEIRA, P.C. de - Revolução... op.cit., p. 43.

(17) OLIVEIRA, P.C. de - "A suspensão da 'Tribuna Popular'". Legionário, 25 de agosto de 1946.

Inteligência e sensibilidade já se encontram de an
temão submetidas ao corpo doutrinário católico, uma vez que:

"A inteligência bem esclarecida não pode entrar em choque com a sensibilidade realmente equilibrada. Quando os choques entre a razão e o coração se pronunciam ou a razão ou a sensibilidade se extraviou. E o problema não consiste, aí, nem em dar o predomínio a um, nem a outro, mas em conservar um e outro dentro da ordem a que os destinou a providência do Criador" (18).

Plínio, então, é a favor de um controle da difusão de idéias para impedir que os erros contaminem a sociedade. Nisto as elites intelectuais têm um papel fundamental. A repressão deve impedir que as posições-chaves da produção ideológica sejam ocupadas pelos inimigos da verdadeira civilização. A massa é incapaz de se mover por si mesma. Se ela parece revolucionária isto se deve à decadência das elites e à ação dos agentes do mal. Com efeito, afirma Plínio:

"Um estudo exato da história nos mostra, com efeito, que não foram as massas que fizeram a revolução. Elas se moveram num sentido revolucionário porque tiveram atrás de si elites revolucionárias. Se tivessem atrás de si elites de orientação oposta, provavelmente se teriam movido num sentido contrário. O fator massa, segundo mostra a visão objetiva da história, é secundário, o principal é a formação das elites" (19).

Na verdade "massa" é uma categoria negativa para Plínio que a contrapõe a "povo". O fenômeno massa já é um produto da decadência da sociedade "harmonicamente" hierarquiza

(18) OLIVEIRA, P.C.de - "Instituto de Serviço Social". Legionário, 23 de março de 1941.

(19) OLIVEIRA, P.C. de - Revolução... op.cit., p. 46.

da da Idade Média. Argumenta:

"Assim, pois, o primeiro elemento que diferencia o povo da massa é que o povo se chama uma comunidade humana em que, todos os homens têm princípios, convicções, movimento próprio, noção clara dos seus direitos e deveres. Enquanto a massa, constituída de homens vazios de idéias, de princípios, de formação moral, sem nenhuma iniciativa própria têm por única norma a imaginação, que arrasta seus membros num ou noutro sentido, segundo o sopro da demagogia partidária ou oficial" (20).

Neste sentido podemos considerar que a massa é negativa para Plínio porque, entre outras coisas, está relativamente fora do controle das elites. A sociedade ideal é aquela onde cada qual reconhece a sua posição e recebe o reconhecimento da sua dignidade própria, correspondente à cada categoria social. A plebe católica tradicional, afirma Plínio, era aquela que se orgulhava de ser plebe. Ela seria

"O contrário, enfim, da plebe neopagã e revolucionária, que se envergonha de ser plebe, que sonha só com seus direitos e detesta que se lhe fale de seus deveres, de uma plebe que não deseja senão imitar a burguesia, enquanto não a derruba. De uma plebe como existe tipicamente em vários centros industriais do exterior, e como é de recear que se torne em muitos lugares a nossa, se os filhos da Igreja não acudirem a tempo com a caridade dos recursos materiais e principalmente com o dom de princípios claros, vigorosos, autenticamente católicos" (21).

É a partir desta valorização extrema do papel político e ideológico das elites que Plínio analisa e inter-

(20) OLIVEIRA, P. C. de - "O culto cego do número na sociedade contemporânea". Catolicismo nº 8, agosto de 1951.

(21) OLIVEIRA, P. C. de - "A plebe: dignificada pela religião e degradada pelo neopaganismo". Seção Ambientes, Costumes, Civilização do Catolicismo nº 75, março de 1957.

preta os acontecimentos. A cegueira da burguesia, a ação do comunismo internacional, os exemplos nocivos dados pelas elites decadentes de imoralidade, os erros doutrinários de católicos transviados são os componentes mais comuns para o comportamento "indesejável" da massa.

CAPÍTULO 2

O LEGIONÁRIO - 1930-1947

2.1. AS REIVINDICAÇÕES CATÓLICAS E O NOVO REGIME

2.2. IMPRENSA, ESCOLA, CINEMA, LITERATURA...

2.3. AS CORRENTES POLÍTICAS

2.4. DIVERGÊNCIAS NO MEIO CATÓLICO

O Legionário publicou o seu primeiro número no dia 29 de maio de 1927. Tratava-se, então, de uma pequena folha mensal, órgão oficial da Congregação Mariana da Paróquia de Santa Cecília. O segundo número do jornal estabelecia como um dos principais objetivos o combate

"às doutrinas subversivas que corrompem a nossa juventude".

O Legionário surgia para contrapor-se à "mã-imprensa".

A partir do número 5 o jornal ampliou-se. Assim, ao lado da divulgação dos ideais marianos e das atividades da Congregação de Santa Cecília, apareciam os principais inimigos e preocupações do jornal, os quais iriam definir sua atuação no período por nós estudado. Com efeito, o Legionário manteve-se, ao longo dos anos, fiel às suas origens. Assim, em setembro de 1927 ele alertava para a infiltração e a propaganda disfarçada dos protestantes em São Paulo.

No Legionário de junho de 1928 surgiu a primeira menção ao comunismo, através de um elogio à repressão do governo chileno. O mesmo número iniciou uma série de denúncias ao governo "esquerdista" do México, o qual moveria cruel perseguição à Igreja e aos católicos. Alertou ainda para as investidas do divórcio e anunciou a queima de livros heréticos após a missa de domingo.

O número de outubro de 1928 noticiou a chegada de Castro Mayer de Roma onde havia se doutorado em teologia pe-

la Gregoriana, sendo então nomeado professor do Seminário Maior da Freguesia do Ó. A influência de Castro Mayer sobre Plínio, foi marcante. Mais tarde ele se tornará um dos bispos mais reacionários do nosso episcopado. O Seminário Maior da Freguesia do Ó, como sabemos, foi um dos instrumentos fundamentais na implantação do catolicismo ultramontano.

Em junho de 1929 o Legionário publicou um artigo de Tristão de Athayde com o significativo título de "O momento decisivo", no qual propunha a regeneração do Brasil através da religião católica.

O Legionário de julho de 1929 defendia a família, pregando bons costumes e a castidade para os jovens. Além de advertí-los para o perigo das doenças venéreas. O mesmo número criticou o modelo de educação americano, no qual a universidade não seria vista como o lugar da verdade, mas sim onde os jovens seriam preparados profissionalmente.

O número de agosto de 1929 afirmou que o propósito do Legionário era o de não participar da política partidária, mantendo-se longe da questão da sucessão presidencial que se avizinhava. Outra matéria, do mesmo número, denunciava o cinema como veículo de propagação do mal e dizia que os católicos deviam utilizar o mesmo meio para a defesa do bem.

Em novembro de 1929, o Legionário tornava-se quinzenal e trazia o primeiro artigo assinado por Plínio, com o título "O Vaticano e o Krêmlin", no qual mostrava a impossibilidade de qualquer acordo do Vaticano com o comunismo.

Em 8 de novembro de 1929, o jornal publicou um artigo de Plínio Salgado que elogiava os Marianos de Santa Cecília.

O número de 12 de janeiro de 1930, teve como alvo das suas críticas a "literatura imoral". Anunciava também a fundação de uma seção de estudos da Congregação Mariana de Santa Cecília, à qual, significativamente, foi dado o nome de "Academia Jackson de Figueiredo".

Em 29 de junho de 1930 foi publicado um artigo com o título "O manifesto comunista de Luiz Carlos Prestes". Ao lado da alerta contra o perigo comunista, o artigo apresentava o catolicismo como solução para os problemas do país.

No número de 10 de julho de 1930 o Legionário entrevistava Alceu de Amoroso Lima sobre o Centro D. Vital e a obra de Jackson de Figueiredo.

Em 14 de setembro de 1930, Plínio iniciou uma série de quatro artigos denunciando a ação nefasta da maçonaria e tentando demonstrar que ela sempre esteve por trás dos movimentos revolucionários.

O número de 23 de outubro de 1930 trouxe um artigo de Tristão de Athayde, no qual defendia uma aproximação da Igreja com o Estado.

Em 14 de dezembro de 1930 surgia nova alerta contra a propaganda e a infiltração comunista, através de um protesto contra a edição do livro de John Reed "Dez dias que aba

laram o mundo". No mesmo número reivindicava-se o ensino religioso nas escolas.

O artigo de Plínio, "Nossas reivindicações políticas", publicado em 8 de fevereiro de 1931, apelava aos católicos para se empenharem na luta para conseguirem do novo governo, os "direitos da Igreja".

Através dos exemplos acima podemos concluir que a atuação do Legionário iria se pautar:

1. Luta para a obtenção de favores do Estado para a Igreja.
2. Articulação e formação de intelectuais católicos capazes de conquistarem espaços nos meios de produção e divulgação ideológica.
3. Ação política em favor dos interesses da Igreja, mas sem envolvimento partidário.
4. Vigilância constante sobre a produção cultural: livros, revistas, cinema, teatro, etc. Sempre pronto a identificar nela a infiltração comunista.
5. Preocupação com a educação, com a preservação dos bons costumes, com a ameaça da permissividade à família, à religião, etc.

Ele se colocava claramente dentro da estratégia liderada pelo Cardeal Leme para reconquistar a posição de religião oficial de fato para o catolicismo, pressionando o Estado com o peso da maioria católica no povo brasileiro, e oferecendo, em troca, aliança e legitimidade.

A presença constante de Alceu Amoroso Lima nas páginas do Legionário, e o seu contato frequente com os membros do jornal denotavam uma preocupação de articular a luta pelas reivindicações católicas do Rio de Janeiro com a de São Paulo.

2.1. As reivindicações católicas e o novo regime

No final de 1931, na véspera da inauguração da estátua do Cristo Redentor no Rio de Janeiro, o Cardeal Leme pronunciou um discurso onde colocou claramente as bases para o apoio da Igreja ao novo regime instalado em 1930:

"Nem as convenções da política, nem o deslumbramento das exposições da indústria e do comércio, nem mesmo as Festas da Pátria jamais conseguiram trazer tantos brasileiros à capital sedutora. E haverá ainda quem acredite ser lícito à República fingir que pode ignorar as crenças religiosas do povo? Não senhores! Depois de tantas afirmações da consciência religiosa do povo brasileiro o agnosticismo do Estado seria uma mentira solene a aviltar o bom-senso dos legisladores.

O nome de Deus está cristalizado na alma do povo brasileiro. Ou o Estado, deixando de ser ateu e agnóstico, reconhece o Deus do povo ou o povo não reconhecerá o Estado" (1).

Na seqüência do discurso o cardeal apelava para a unidade da pátria acima dos regionalismos, citando nominalmente Rio Grande do Sul, São Paulo e Minas Gerais e apontou a religião como a única capaz de manter intacta a unidade nacional. Dizia:

"Se os dirigentes teimarem em prescindir os valores espirituais eu prevejo que as competições partidárias, de regionalismo, de classes, grupos ou pessoas, a falta de sinceridade, as desconfianças e ressentimentos, as vinganças e revides, acabarão por estraçalhar a unidade do Brasil" (2).

(1) "Palavra de S. Em.". Legionário, 01 de novembro de 1931 (grifo nosso).

(2) Idem.

A Igreja foi aí apresentada como fator de unidade ideológica e política do povo brasileiro, capaz de atenuar divergências de grupos e de classes, contribuindo, assim, para a legitimidade e a estabilidade do Estado representado pelo novo regime.

Plínio, antes mesmo de se tornar diretor do Legionário, apelava aos católicos para se empenharem na luta pelos direitos da Igreja. Era o momento de pôr fim ao

"(...) positivismo da nossa Constituição"(3).

Ao mesmo tempo, Tristão de Athaide dava uma série de conferências em São Paulo nas quais afirmava o seu otimismo diante do renascimento católico no Brasil e no mundo⁽⁴⁾. O ensino religioso nas escolas era uma das mais importantes reivindicações católicas. O povo brasileiro necessitava de uma educação moral e cívica e esta só o catolicismo teria condições de dar. Esta educação, dizia um artigo do Legionário, seria um freio para as massas e uma norma de ação para as elites⁽⁵⁾.

Em 29 de abril de 1931 um decreto do governo provisório facultava o ensino religioso nas escolas públicas. O fato foi recebido com euforia por Plínio⁽⁶⁾, mas, logo em seguida, ele acusou o governo de indefinição diante das reivin-

(3) OLIVEIRA, P. C. de - "Nossas reivindicações políticas". Legionário, 08 de fevereiro de 1931.

(4) AMADO, Gilberto - "O Brasil e a renascença católica". Legionário, 08 de fevereiro de 1931.

(5) ARRUDA, Ângelo Simões de - "O ensino religioso e a cristianização".

(6) OLIVEIRA, P.C. de - "O triunfo do Cristo-Rei nas escolas". Legionário, 10 de maio de 1931.

dicações católicas: o decreto do ensino religioso foi contra-balançado pela proibição do ensino da filosofia religiosa no Colégio Pedro II (7). Esta contradição era explicada pela indefinição ideológica dos governantes: anunciam-se reformas sociais e elas não vinham; o manifesto da Legião Revolucionária Paulista não combinava com o da Legião Revolucionária Mineira. Tudo contribuía para a intranquilidade visto que:

"Ora o pêndulo da nossa política se aproxima do Vaticano, ora se desloca bruscamente para o Krêmlin. Qual destas orientações prevalecerá? " (8).

O medo era que prevalecesse a orientação da Liga Revolucionária Paulista que, para Plínio, era socialista (9). Com efeito, logo em seguida, o Legionário se viu obrigado a protestar, na primeira página, contra o decreto do interventor de São Paulo proibindo o ensino religioso nas escolas públicas (10). Os bispos, indignados, apelaram para o chefe da nação lembrando o decreto federal de 1931 (11).

A mobilização dos católicos conscientes, entre eles a Mocidade Mariana, deveria impedir que o trabalho de reconstrução nacional continuasse a ser resolvido à revelia da Igreja. Nada mais se poderia esperar das gerações ante—

(7) OLIVEIRA, Plínio C. de - "Kyrie Eleison". Legionário, 01 de novembro de 1931.

(8) Idem.

(9) Idem.

(10) Legionário, 03 de janeiro de 1932.

(11) Idem.

riores "vitimadas pelo liberalismo". O catolicismo teria que ser a pedra angular da restauração nacional. Dizia Plínio:

"É necessário que a restauração moral tenha como ponto de partida a restauração religiosa e que os brasileiros, em lugar de reformarem a sua pátria somente a golpes de decretos ou baionetas, se preocupem em retemperar seus caracteres e suas energias na prática séria da religião católica" (12).

Foi certamente esta insegurança que, entre outros condicionantes, impeliu os católicos organizados a participarem mais intensamente da política (13). Entre a fundação de um partido próprio e a organização de um movimento "acima dos partidos", os católicos optaram pela segunda alternativa (14). A batalha política que se avizinhava era a eleição para a Constituinte, a qual veio a se realizar em maio de 1933. Esta seria a oportunidade da reintegração do Brasil e das leis do Estado na "realidade da nação" (15). Plínio via esta eleição como decisiva para os rumos do país. Colocava o problema como uma alternativa entre a vitória do catolicismo ou então a nação seria apoderada pelo socialismo. Dizia ele:

"Ou o Catolicismo conseguirá vencer nas urnas, e fazer progredir resolutamente o país no caminho da restauração religiosa ou o socialismo extremado se

(12) OLIVEIRA, Plínio C. de - "É necessário". Legionário, 06 de agosto de 1933.

(13) ATHAYDE, Tristão de - "Diretrizes para a futura constituição". Legionário, 04 de dezembro de 1932.

(14) OLIVEIRA, Plínio C. de - "Liga eleitoral católica". Legionário, 15 de janeiro de 1933.

(15) Idem.

apoderará do Brasil para fazer dele a vítima dos numerosos Galles e Lenines que pululam nos bastidores de nossa política sequiosos de 'mexicanizar' e 'sovietizar' a Terra de Santa Cruz" (16).

A responsabilidade dos católicos brasileiros seria enorme. Todos deveriam se engajar nesta luta (17), principalmente os congregados, dedicando todas as suas horas livres ao serviço da Liga Eleitoral Católica (18). Segue-se uma intensa campanha de alistamento de eleitores, caravanas pelo interior, serviço fotográfico gratuito e mobilização do voto feminino, que participaria pela primeira vez de uma eleição. Os bispos acharam por bem publicar uma "Pastoral coletiva", aconselhando os eleitores a votarem em personalidades católicas e, assim, provocarem a derrota dos "candidatos perversos" (19). Tristão de Athayde se deslocou para São Paulo e pronunciou conferência sobre o programa da L.E.C. (20).

A intensa mobilização dos católicos permitiu o relativo sucesso da L.E.C. nas eleições. Antes mesmo da apuração dos votos, o Legionário mencionava a lisura da eleição, que, pela primeira vez foi realizada "sem os capangas e os cabos de outrora", destacando e elogiando a atuação dos con

(16) OLIVEIRA, P.C. de - "Liga Eleitoral Católica". Legionário, 15 de janeiro de 1933.

(17) Manchete do Legionário de 29 de janeiro de 1933: "Ser eleitor e dar adesão a Liga Eleitoral Católica é o mais grave dever dos católicos na hora presente".

(18) "Disciplina Católica". Legionário, 09 de abril de 1933.

(19) "Liga Eleitoral Católica". Legionário, 12 de março de 1933.

(20) "A visita de Tristão de Ataíde a esta capital". Legionário, 26 de março de 1933.

gregados Marianos (21). Feitas as apurações Plínio obteve a maior votação individual de todo o país. Os católicos de São Paulo que representaram a L.E.C., inscreveram-se como candidatos da "Chapa Única por São Paulo Unido", composta, além de católicos, por membros do Partido Republicano Paulista, Partido Democrático, e integrantes da Federação dos Voluntários (22). A chapa elegeu 17 representantes de uma bancada de 22 deputados. Isto permitiù aos católicos supervalorizarem a sua vitória (23). Tratava-se, então, após a vitória, de colherem-se os frutos (24).

Reunida a Assembléia Constituinte, o Legionário irá acompanhar detalhadamente os debates. Reproduziu as intervenções dos deputados referentes às emendas católicas e elogiou a participação de Plínio. Por outro lado, acusava os jornais do Rio de Janeiro e de São Paulo de distorcerem os debates (25).

Entretanto, as emendas católicas não terão maiores dificuldades em serem aprovadas. A Constituição feita em nome de Deus foi a primeira reivindicação católica vitoriosa. A

(21) "Uma vitória Mariana". Legionário, 07 de maio de 1933.

(22) RAMOS, Plínio de Abreu - Os partidos paulistas e o Estado Novo. Petrópolis, Vozes, 1980, p. 159.

(23) "O leão mudo". Legionário, 01 de outubro de 1933 e "Como sempre". Legionário, 12 de novembro de 1933.

(24) OLIVEIRA, Plínio Corrêa de - "Os primeiros frutos". Legionário, 20 de agosto de 1933.

(25) FILINTO, J. - "Até quando!" Legionário, 01 de abril de 1934.

proposição teve maioria de 111 votos. Estaria em marcha a esperada reação contra o laicismo da Constituição de 1891 (26). Após esta conquista, uma a uma as emendas católicas vão sendo aprovadas, e isto deixou o Legionário convencido da força do catolicismo no país. Aqueles que eram contra as "legítimas" aspirações católicas

"(...) não passavam de uma pequena minoria que fazia muita algazarra" (27).

As emendas católicas eram apenas uma etapa da luta (28) para aumentar a influência do catolicismo na sociedade brasileira, ou seja, transformar o Brasil em uma nação genuinamente católica, onde as suas verdade estivessem impregnadas nas instituições e no sentir do povo. Já vimos qual era o modelo de sociedade ideal para Plínio no primeiro capítulo, e a sociedade brasileira ainda se achava muito longe dele. Assim ele descrevia a situação do Brasil:

"Um país saído do tufão sinistro de 30, e das labaredas heróicas mas tremendas de 32, se apresentava para as eleições de 33 inteiramente esgotado de energias conservadoras ou reacionárias. Sobre as ruínas do Brasil soprava apenas o vento gélido do espírito revolucionário. Estava vencido o tenetismo. Mas a ordem legal constituída ameaçava cair como cadáver exangue, sobre o vencido, que se agitava febrilmente nos estertores da agonia.

Assim era o Brasil" (29).

(26) X.Y.Z. - "O primeiro triunfo". Legionário, 13 de maio de 1934.

(27) "De vitória em vitória". Legionário, 29 de maio de 1934.

(28) OLIVEIRA, Plínio Corrêa de - "O primeiro marco". Legionário, 10 de junho de 1934.

(29) Idem.

Desta forma se esperava, dizia Plínio, que a América do Sul mergulhasse na mais profunda anarquia, mas:

"A realidade vingou-se dos sonhadores. E tivemos o crepúsculo de 30-34" (30).

Depois do castigo ao "espírito burguês", representado pelas revoluções de 30 e 32, o sofrimento teria feito renascer a verdadeira alma paulista. No sofrimento os paulistas sentiram a ameaça comunista e a anarquia e tornaram-se mais católicos, ou seja, mais verdadeiros. A relativa paz conquistada não poderia trazer de volta a "moleza burguesa". Dizia então Plínio:

"Tenho medo da paz. Tenho medo da felicidade. Tenho medo de que mais uma vez esta ordem legal pela qual tanto lutei, baixe sobre nós sob a forma de paz estagnada, em que o sibaritismo burguês floresce tranquilamente. Tenho medo da intoxicação literária que vem do estrangeiro. Tenho medo de toda esta corrente de dissolução à qual São Paulo havia sobreposto momentaneamente pelo sofrimento, embora os livros e as penículas continuassem a entrar, volte a ter novamente livre curso entre nós" (31).

Tratava-se, então, de aproveitar as vantagens conseguidas pelas emendas católicas para regenerar a sociedade. Plínio conclamava os católicos à ação afirmando:

"Agora é a nós católicos que cabe ainda a principal tarefa. É necessário que continuemos a falar em luta, a falar em reação espiritual, a pregar austeridade, e a combater pela palavra e pelo exemplo, enquanto todos se voltam distraídos e satisfeitos para seus prazeres" (32).

(30) OLIVEIRA, P.C. de - "O primeiro marco". Legionário, 16 de junho de 1934.

(31) OLIVEIRA, P.C. de - "Perspectivas de paz". Legionário, 24 de junho de 1934.

(32) idem.

Era preciso que as conquistas católicas fossem consolidadas e os falsos otimismo evitados (33). Os rumos que o Brasil tomara no futuro dependeriam, segundo os prognósticos de Plínio, da vontade dos católicos. Entre moralizar-se ou cair no abismo, dizia ele, não fizeram uma coisa nem outra. Ocorre, porém, que esta contemporização não poderia durar mais tempo. Os católicos organizados eram a esperança de moralização do país. Superada a fase em que a Igreja esteve sob a "tutela sufocante" do Estado (monarquia) e aquela em que esteve "expulsa da vida pública (primeira república), encontrava-se naquele momento alicerçada em uma "florescente ação católica", que podia aspirar um "Estado integralmente católico". Entre os rumos de direita, de esquerda e liberal, que se abriam ao futuro do país, o Brasil tomaria aquele

"que os católicos escolherem" (34).

A estratégia de luta que se firmará, já esboçada antes da Constituinte de 1934, não será a que privilegia o Parlamento e as eleições. A participação da L.E.C. nas eleições seguintes será de pouca importância. Plínio se mostrará cada vez mais decepcionado com a atuação dos políticos que se diziam católicos (35) e com a defesa meramente formal que os partidos faziam do catolicismo. Defesa que nunca passava do

(33) OLIVEIRA, P.C. de - "A consolidação". Legionário, 22 de julho de 1934. "Alerta". Legionário, 26 de novembro de 1933.

(34) OLIVEIRA, P.C. de - "Três rumos". Legionário, 28 de outubro de 1934. "As emendas católicas". Legionário, 24 de dezembro de 1933. "Previsões". Legionário, 03 de setembro de 1933. "Na 'hora H'". Legionário, 04 de março de 1934.

(35) OLIVEIRA, P.C. de - "Porque estamos sós". Legionário, 20 de dezembro de 1936. "As eleições". Legionário, 29 de março de 1936.

programa dos partidos para a prática dos mesmos (36). Isto se deveria à ausência de uma ideologia explícita nos "figurões" da nossa política. Estes são conservadores, querem a volta à Constituição de 1891, afirmava Plínio. Estão dispostos a fazer concessões a qualquer corrente política ou ideológica influente, como os católicos, mas sempre concedem o menos possível. Cobriam a Igreja de regalias no campo das formalidades, mas no entanto não mostravam o mínimo interesse em regulamentar as emendas católicas (37). Os próprios eleitores católicos foram censurados por não indagar, na hora de votar, quais eram as suas convicções religiosas, votando apenas de acordo com suas

"paixões políticas" (38).

2.2. Imprensa, escola, cinema, literatura...

Plínio percebeu que a superioridade numérica dos católicos não se traduzia em força política real, consubstanciada em conquistas efetivas. Se a Constituição garantia, em tese, o ensino religioso, o casamento religioso, as capelanias militares e a colaboração entre Igreja e Estado, não se poderia culpar a lei e sim a "indolência e inércia" dos pró-

(36) OLIVEIRA, Plínio Corrêa de - "O tribunal de exceção". Legionário, 16 de agosto de 1936.

(37) Idem.

(38) OLIVEIRA, Plínio Corrêa de - "Um ano". Légionário, 07 de julho de 1935. "Rombos na muralha chinesa". Legionário, 13 de junho de 1937.

prios católicos (39).

Vendo assim o problema, Plínio orientará o Legionário no sentido do combate ideológico que visará uma conscientização e mobilização dos católicos, reagindo contra as investidas dos adversários na imprensa e nos demais meios de comunicação. A fraqueza dos católicos era, fundamentalmente, atribuída a debilidade do catolicismo nos pontos-chaves de produção ideológica, comparada com a dos inimigos que, neste campo, contariam com todas as facilidades. Assim, a missão do Legionário não era a de "atrair os incrêus", e sim orientar a opinião dos que já eram católicos. Combater a falta de instrução religiosa. Os efeitos negativos dessa falta de instrução eram claros, pois

"(...) como consequência, muita gente há que, recebendo as informações sobre o que se passa no mundo inteiro através dos jornais diários, adquire uma noção inteiramente viciada de todos os grandes problemas contemporâneos. Assim, a maioria dos católicos, ingere sem antídotos todos os venenos que lhes são ministrados pela imprensa cotidiana" (40).

Isto dificultava a unidade ideológica dos católicos, impedindo uma ação uniforme que daria mais força ao movimento católico. Mas, infelizmente,

"Há católicos liberais, católicos socialistas, católicos semi-paganizados. O que revela a existên-

(39) OLIVEIRA, Plínio Corrêa de - "Que lucraram os católicos na Constituinte? Porque perderam suas reivindicações?" Legionário, 18 de julho de 1937. "Os católicos se contentam com pouco". Legionário, 25 de julho de 1937.

(40) OLIVEIRA, P.C. de - "Ofensiva". Legionário, 29 de setembro de 1935.

cia de tantas tonalidades de catolicismo entre nós, quando o catolicismo só tem uma tonalidade autêntica que é a de Roma?

A falta de um órgão que oriente realmente o pensamento católico, mostrando que o católico não pode ser senão, acima de tudo, mais do que tudo, antes de tudo, católico" (41).

Plínio encontrava-se diante do problema de ter que argumentar com "a maioria católica", típica argumentação da hierarquia no seu trato com o Estado, ao mesmo tempo que constatava a diversidade de orientações ideológicas dos católicos. Fato este que, para Plínio não era aceitável, devido à sua compreensão abrangente de catolicismo, a qual engloba toda a dimensão social. Desta forma a ação de Plínio oscilava entre a tendência de formar um gueto de católicos puros e a ambição de transformar o Brasil em uma nação "genuinamente católica". Dizia Plínio:

"Nossa função é, pois, de preservar contra as infiltrações do erro os filhos da luz. Ora, se é certo que é com mel que se caçam moscas, é com cercas de arame farpado que se devem cercar os campos onde não se quer que penetre o lobo devorador"(42).

Coerente com este estado de espírito o Legionário cedo revelará a sua vocação de policiar o conteúdo dos filmes, livros, jornais e do ensino nas escolas (43). A escola

(41) OLIVEIRA, P.C.de -"Ofensiva". Legionário, 29 de setembro de 1935.

(42) Idem.

(43) Cf. "Menores delinquentes". Legionário, 23 de fevereiro de 1930. "Literatura imoral". Legionário, 12 de janeiro de 1930. "Quid est veritas?". Legionário, 10 de agosto de 1930. Em 22 de fevereiro de 1931 o Legionário protesta contra a exibição do filme "O coraçado Potemkin". A partir de 04 de agosto de 1935 o jornal passa a publicar uma "crônica cinematográfica" indicando os filmes que podem ser assistidos pelos católicos.

leiga, por exemplo, era apontada como uma das principais responsáveis pelo clima favorável à penetração do mal e da decadência moral.

No plano educacional a grande discussão do momento era a reforma do ensino e os debates em torno da chamada "escola nova". O Legionário reconhecia que a educação nacional carecia de uma reformulação e que muitos métodos da "escola nova" eram aceitáveis. O que deveria ser rejeitada era a filosofia que a orientava (44). Era preciso separar o joio do trigo. O católico não poderia aceitar os novos métodos sem as reservas necessárias (45). Preconizava-se moderação entre o salto da "escola nova" e o ensino tradicional (46). Havia sempre o perigo de se dar uma liberdade exagerada às crianças, segundo os princípios da "escola nova", que tornasse impossível a própria educação (47). Destas desconfianças iniciais evoluiu-se para uma crítica mais radical, acabando por relacionar a "escola nova" com o comunismo (48). Para confirmar esta desconfiança indicava-se a trajetória do seu maior defensor, Anísio Teixeira, o qual teria passado das preocupações com a educação para a subversão comunista (49). Os germes da

(44) D'AVILA, Antônio - "Coisas de educação". Legionário, 01 de outubro de 1933.

(45) D'AVILA, A. - "Literatura pedagógica". Legionário, 15 de outubro de 1933.

(46) D'AVILA, A. - "Coedução". Legionário, 04 de fevereiro de 1934.

(47) D'AVILA, A. - "A liberdade da criança na escola nova". Legionário, 18 de fevereiro de 1934.

(48) van ACKER, Leonardo - "Escola nova e comunismo". Legionário, 22 de dezembro de 1935.

(49) Idem.

"descristianização" e da "bolchevização" da "infância e da mo cidade" brasileiras teriam sido lançados, de maneira sistemática e intencional, a partir da reforma do ensino de Fernando de Azevedo (1927-1930), e continuou com o manifesto dos pioneiros da "escola nova" em 1932 na "famigerada" V Conferência Nacional de Educação (50). No princípio, vários católicos participaram do movimento, querendo aproveitar os novos métodos mas

"mantendo-se fiel aos princípios católicos" (51).

Nem isto pôde continuar, pois

"(...), a colaboração do elemento católico só foi possível até que foram publicadas as 'diretrizes definidas' do movimento, formuladas por Fernando de Azevedo em 'Novos caminhos e novos fins' (1931) e sobretudo no já citado manifesto.

Desde então dividem-se as hostes: cindiu-se a A. B. E., fundou-se a C. C. B. E. com diretrizes sociais e educacionais nitidamente distintas do 'socialismo educador, cujo pai foi o liberalismo, e cujo herdeiro legítimo será o bolchevismo' (Quadragesimo ano)" (52).

O tipo de educação defendido pela "escola nova", levaria a uma crise de autoridade (53).

O temor dos católicos era o de que as diretrizes da educação nacional passassem a ser orientadas pelos ideais da "escola nova". Por esta razão o Legionário protestou quando foi nomeada em São Paulo uma comissão encarregada de for-

(50) van ACKER, L. - "Escola nova e comunismo". Legionário, 22/12/1935.

(51) Idem.

(52) Idem.

(53) Idem.

necer subsídios para a implantação de uma diretriz nacional de educação. Entre os membros desta comissão nenhum aceitável: Fernando de Azevedo, Noemy Silveira, Arbousse Bastide, Almeida Junior e Julio Mesquita. Todos muito distantes das posições católicas quanto à educação (54).

Apesar disso, surgiram alguns indícios animadores. Em um discurso pronunciado no Teatro Municipal pelo governador Armando de Salles Oliveira, este via os males nacionais como tendo uma origem moral e que só a educação poderia resolver. Assim, seria conjurado o perigo comunista que ameaçava o país. Entre as forças que lutavam contra a influência comunista o governador destacou o papel da Igreja (55). O Legionário interpretou este discurso como sinal de uma nova orientação educacional, onde prevaleceria a influência do catolicismo. A "sepultura política" dos "nossos Anísios" já estaria aberta nas palavras do governador (56). Renasciam as esperanças de que a orientação da "escola nova" não vingaria. Os católicos confiavam também na "retidão de intenções" do ministro Gustavo Capanema (57).

Logo depois Anísio Teixeira era demitido pelo pre-

(54) van ACKER, Leonardo - "Dúvidas". Legionário, 19 de janeiro de 1936.

(55) "Discurso do Municipal". Legionário, 02 de fevereiro de 1936.

(56) "A margem dos fatos". Legionário, 02 de fevereiro de 1936.

(57) "O problema do ensino no Brasil". Legionário, 02 de fevereiro de 1936.

feito do Rio de Janeiro (58). Tudo parecia caminhar bem para as pretensões dos católicos na área educacional. Animados com estes acontecimentos os católicos do Centro D. Vital de São Paulo resolveram organizar um grupo para opinar sobre o Plano Nacional de Educação do governo, respondendo aos quesitos propostos pelo Ministro da Educação (59). O resultado destes estudos dão origem a uma série de sugestões ao ministro (60). Estas sugestões são transformadas em livro e publicadas, procurando, obviamente, dar maior repercussão a elas (61).

Todo este esforço visava impedir a "desordem do ensino secundário", o qual estaria formando um "proletariado do espírito", campo propício para o "vírus comunista" (62).

As esperanças depositadas em Armando de Salles Oliveira não se confirmaram. O Legionário logo se viu obrigado a criticar a sua "concepção democrática" de universidade com a conseqüente neutralidade política e liberdade de cátedra. Contra esta liberdade o Legionário já havia se manifestado (63).

(58) "A margem dos fatos". Legionário, 26 de abril de 1936.

(59) "O Plano Nacional de Educação estudado pelo Centro D. Vital de São Paulo". Legionário, 27 de setembro de 1936.

(60) van ACKER, Leonardo - "O Plano Nacional de Educação". Legionário, 25 de outubro de 1936.

(61) O livro foi publicado com o título: Algumas sugestões ao Plano Nacional de Educação. São Paulo, Gráfica da Revista dos Tribunais, 1936.

(62) "A desordem do ensino secundário no Brasil". Entrevista com o Padre Arlindo Vieira. Legionário, 04 de abril de 1937.

(63) OLIVEIRA, P.C. de - "O dever do momento". Legionário, 19 de setembro de 1937.

Deveria haver liberdade para procurar a verdade, mas não de professar quaisquer idéias, o que é um ato social (64). Se a liberdade de cátedra foi inviolável pergunta-se:

"Quem conterà as massas sem moral e sem fé, para evitar que elas se atirem contra a propriedade que durante tantos anos lhes foi apontada como iníqua?" (65).

Ou ainda, com quem poderia se contar

"(...) para empunhar os fuzis que os soldados não quererão manejar. Com alguma coligação lírica de bacharéis liberais?" (66).

Desta forma, intercalavam-se sinais, ora de esperança, ora de desalento com os rumos da política educacional. Plínio, logo após o golpe que implantou o Estado Novo, apresentava o balanço do período:

"Vivemos de há muito, numa verdadeira anarquia pedagógica. Desde o ensino primário ao superior, um violento ciclone parece ter desorganizado todo o nosso aparelhamento educativo, e presságios de cataclismos ainda maiores se faziam anunciar.

Entre os inúmeros males causados pela primeira República ao ensino em nossa pátria, o maior, sem dúvida o fundamental foi, como já tivemos oportunidade de dizer, o laicismo.

Ruida a velha República, o Sr. Francisco Campos, quando Ministro da Educação, em momento providencial restabeleceu o ensino religioso nas escolas públicas. E é interessante notar que, exatamente por essa época, enquanto surgiam, graças ao decreto sobre o ensino religioso, esperanças de dias melhores para a educação nacional, novas e mais terríveis

(64) van ACKER, Leonardo - "Liberdade de cátedra". Legionário 22 de julho de 1934.

(65) OLIVEIRA, P.C. de - "Entre a espada e o violino". Legionário, 10 de novembro de 1935.

(66) Idem.

veis forças se conjuravam para provocar uma revolução pedagógica que poderia ser de consequências ainda mais funestas que o próprio ensino leigo.

Eram as doutrinas divulgadas pelos famosos 'pioneiros' da nova política educacional, apregoando, entre outras medidas, a escola única e a coeducação, e transplantando para o Brasil um pragmatismo socializante de inspiração norte-americana e russa, tanto é ilusório supor que o país mais capitalista do mundo está no polo oposto à república soviética (...).

Era depois o prestígio, incontrastável de alguns desses 'pioneiros' junto aos poderes públicos, dando a impressão que começavam a formar uma verdadeira ditadura no ensino.

Era, enfim, a propaganda bolchevista iniciada abertamente no Rio de Janeiro pelo 'pioneiro' Anísio Teixeira; sob o patrocínio do prefeito Pedro Ernesto, e contando com o proselitismo de numerosos 'camaradas' colocados em cátedras da Faculdade de Direito e da Escola de Medicina" (67).

Assim a República nova parecia pior do que a República velha em matéria de educação. Mas havia sinais de esperança porque

"(...) Depois da 'República Nova' veio o Estado Novo, e o seu primeiro documento oficial sobre a educação é mais um motivo de grandes esperanças para o futuro. Esse documento é o discurso do Ministro Gustavo Capanema, a que nos referimos. E é com satisfação que registramos, ao mesmo tempo, a escolha do Presidente da Ação Católica Brasileira, para Reitor da Universidade do Distrito Federal, essa mesma Universidade outrora inspirada pelos comunistas Pedro Ernesto, e Anísio Teixeira, em boa hora postos fora da lei pelo governo brasileiro"(68).

Muito explícito na negação, o discurso do ministro ficou aquém da expectativa de Plínio na afirmação. Reagindo

(67) OLIVEIRA, Plínio Corrêa de - "Diretrizes para a educação nacional". Legionário, 09 de janeiro de 1938.

(68) Idem.

aos pressupostos da escola nova o ministro contestava o seu caráter neutro e afirmava que a educação deve ter diretrizes morais, políticas e econômicas de acordo com

"a base ideológica da nação".

Mas, silencia-se sobre a

"missão educativa da Igreja",

tendo enfatizado muito o papel do Estado, e não afirmou que as bases ideológicas da nação

"são católicas" (69).

Plínio concordava que a educação não devia ser neutra, que o Estado devia imprimir-lhe uma orientação ideológica. Como o Brasil é um país de católicos cabia ao Estado dar facilidades à Igreja para a difusão da doutrina católica e de coibir tudo que lhe fosse contrário. Argumentava Plínio:

"(...) Em um país de católicos, a função educadora do Estado consiste, antes de tudo, em abrir campo para a função educadora da Igreja e em criar barreiras às doutrinas que se oponham a esta função. O que não for isto, ou que for contra isto, é erro, e erro palmar" (70).

Mesmo o Estado sendo laico sua orientação educacional deveria ser pautada pela doutrina católica. Isto equivaleria a uma posição de religião oficial "de fato" para a Igreja católica, apesar da separação Igreja-Estado.

No que se refere à imprensa, a preocupação do Legionário não foi menor do que com a educação. O fortaleci-

(69) OLIVEIRA, P.C. de - "Diretrizes para a educação nacional" Legionário, 09 de janeiro de 1938.

(70) OLIVEIRA, P.C. de - "O Estado-pedagogo". Legionário, 10 de julho de 1938.

mento da imprensa católica e o combate à "mã imprensa" constituiu-se em uma "questão magna". Os católicos brasileiros demonstraram muito a perceber a sua importância, pois:

"Foi preciso que dez anos de revoluções sangrentas e sobressaltos contínuos de esperanças frustradas e ilusões desfeitas nos sacudissem rudemente para pensarmos em deixar o letargo, gostoso e vil em que permanecíamos" (71).

Para sair desta situação era preciso desalojar os adversários da posição privilegiada que ocupavam nos meios de comunicação. A reação a este estado de coisas já estaria, naquele momento, se processando. Os católicos estariam reconquistando os meios intelectuais (72) e, através deles, a imprensa. Atingir as "classes cultas" e "semi-cultas" era o principal objetivo da imprensa católica (73). O papel da imprensa no jogo do poder era visto pelo Legionário como fundamental no mundo moderno (74). O esforço deveria ser no sentido de robustecer a imprensa católica para difundir o tipo de sociedade preconizada pela Igreja. Mas, lamentava um artigo do Legionário:

"Falta-nos entretanto o grande jornal formador da consciência social católica, construtor de uma sociedade que não será nova, pois será apenas a

(71) J.F. - "A questão magna". Legionário, 29 de janeiro de 1933.

(72) SOUZA, José Pedro Galvão de - "A reação católica na literatura". Legionário, 23 de abril de 1933.

(73) van ACKER, Leonardo - "Método absurdo na ação católica". Legionário, 21 de janeiro de 1934.

(74) OLIVEIRA, P.C. de - "A quinta arma". Legionário, 18 de fevereiro de 1934.

volta depois de vários séculos de erros liberais ,
à sociedade informada pelos puros princípios do ca-
tolicismo" (75).

Ocorre que os inimigos também ampliavam os seus
veículos de informação. O Legionário estava atento a esta
ação e clamava por repressão do Estado contra eles. Após a
tentativa de golpe comunista em 1935 ele exigia que a repres-
são se estendesse à imprensa. A Aliança Nacional Libertado-
ra foi fechada, mas a sua imprensa estava livre para fazer
propaganda das suas idéias, denunciava o Legionário (76).

A realidade, todavia, não correspondia às necessi-
dades. O Legionário era ainda uma folha quinzenal. Tornou-
-se semanal em agosto de 1936, mas Plínio não conseguiu o
seu objetivo maior que era torná-lo diário. Esta dificuldade
era atribuída, principalmente, à falta de apoio dos católi-
cos (77). Nesta situação os eventos católicos importantes, co-
mo os retiros espirituais, não tinham destaque na imprensa,
a qual promovia tudo aquilo que provocava a imoralidade, como
o carnaval, por exemplo (78). O mal encontrava tantos recur-
sos e o bem não. Os católicos, tão preocupados com a "carida-
de corporal", precisavam preocupar-se mais com a "caridade

(75) OLIVEIRA, Plínio Corrêa de - Legionário, 28 de abril de 1935.

(76) "Imprensa Católica". Legionário, 15 de setembro de 1935.

(77) "A exposição da imprensa católica". Legionário, 16 de fevereiro de 1936.

(78) "Porque?". Legionário, 01 de março de 1936.

espiritual" (79). A par de um maior apoio à imprensa católica seria preciso um "trabalho de limpeza" nas publicações, principalmente nas destinadas aos jovens e às crianças, que estariam sendo inundadas de propaganda comunista. Exemplos deste tipo de publicação: "Suplemento Juvenil", "Edição Maravilhosa", "Suplemento Policial" (80). A par desta propaganda existia a imprensa sensacionalista, também nefasta, explorando as tragédias e os crimes (81). O clima social favorecia os inimigos e a causa católica encontrava sérias limitações e falta de recursos.

Em abril de 1938 Plínio organizou uma sociedade anônima com a finalidade de trabalhar para o desenvolvimento da imprensa católica. Desta sociedade faziam parte o Vigário Geral de São Paulo e o Reitor do Colégio São Bento (82). Entretanto, a preocupação era antiga. Em 1933, quando o Legionário foi reestruturado e passou a ser dirigido por Plínio, este escrevia:

"De meses para cá as bancas dos jornaleiros apresentam quase cada dia um novo periódico. Parece que a febre do jornalismo apossou-se de todos os paulistas. E, aí de nós, ressalta logo à vista, é que a maioria desses cogumelos é francamente hostil à religião católica.

O fato é que 'Lanternas', 'Homens Livres', 'Socialistas', etc., aí estão num insulto perene ao sentimento religioso dos católicos" (83).

(79) "Trabalho de limpeza". Legionário, 18 de abril de 1937.

(80) Idem.

(81) "Sensacionalismo". Legionário, 17 de abril de 1938.

(82) "Legionário S.A.". Legionário, 17 de abril de 1938.

(83) OLIVEIRA, Plínio Corrêa de - "Novos rumos". Legionário, 06 de agosto de 1933.

Além desses jornais "claramente anti-católicos" , Plínio denunciou também a imprensa denominada "neutra" em matéria religiosa. Para ele esta neutralidade já seria uma negação da verdade, e, desta forma, traição à missão do jornalista que é a de dizer a verdade.

Contra todos eles, levantava-se o Legionário como "estandarte da reação" e da "pureza católica" (84). Apresentava-se como defensor isolado da verdade integral. O critério desta verdade é o estar fora ou dentro da doutrina católica . O Legionário seria a expressão desta verdade no meio de erros de diversos graus. Assim fazia Plínio o retrospecto dos ideais e da atuação do Legionário após 17 anos de vida:

"Qual o ideal inicial do Legionário? Qual a direção em que se movia a reação espiritual que começava a clarear os horizontes ideológicos do Brasil em 1927? Estávamos na liquidação final do regime liberal. Saturados do ceticismo, de latitudinarismo, de materialismo, deformados pelo linguajar baixo e deprimente da imprensa, pelo espírito dissoluto do teatro e do cinema, pelo ambiente de crassa trivialidade em que se desenvolvia a juventude, aspirávamos todos por um ideal mais alto. Não tínhamos dúvida sobre esse ideal. Era o catolicismo, plenitude de todos os ideais verdadeiros e nobres. Na atmosfera que respirávamos, duas circunstâncias nos afastavam desse ideal. De um lado, os inimigos declarados da religião: maçons, espíritas, protestantes, ateus. De outro os barateadores do espírito cristão: semi católicos, muito rezadores e ... muito pecadores, gente que cria mas não praticava, gente que cria neste dogma mas não cria naquele, gente que conservava com um rótulo cristão todos os sintomas de comodismo, displicência , indiferentismo do espírito do século. Católicos , enfim, para os quais a Igreja era um fardo que carregavam sem entusiasmo, um ideal com o qual procuravam sofismar, um espírito que procuravam de todos os modos acomodar com o da época, afim de te-

(84) "Uma oportuníssima pastoral". Legionário, 21 de janeiro de 1940.

rem também a sua parte, lauta e confortável, no grande festim de Baltazar, que foram os últimos anos da democracia liberal" (85).

A recuperação da sociedade passaria, então, pela eliminação da influência liberal e pela recatolização. Repressão para os inimigos e facilidades para a Igreja.

2.3. As correntes políticas

No efervescente quadro político que marcou a década de 30, o Legionário defrontou-se com correntes políticas e ideológicas variadas e opostas. O Legionário, especialmente na pena de Plínio, nomeava estas correntes como sendo: o liberalismo, o comunismo, o integralismo (86). O Estado Novo aparecia nestes discursos como sendo a solução de um impasse e uma virtualidade para a implantação de uma sociedade genuinamente católica.

O liberalismo era visto como uma força desagregadora da sociedade. Não aparecia com uma ideologia estruturada, mas como carente de ideologia (87). A burguesia, portadora do liberalismo, cavaria a sepultura da civilização, ao mesmo tempo que se autodestruiria. Assim:

"A burguesia liberal veio desagregar as classes, destruir a hierarquia social indispensável para haver ordem nas relações entre os homens, com—prometer a autoridade com o princípio liberal

(85) OLIVEIRA, P.C. de - "17 anos". Legionário, 28 de maio de 1944.

(86) OLIVEIRA, P.C. de - "Três rumos". Legionário, 28 de outubro de 1934.

(87) "Política de abelha". Legionário, 04 de fevereiro de 1934.

e assim abalar os alicerces da sociedade" (88).

Desta forma a burguesia seria responsável pela ameaça comunista que pairava sobre a sociedade. Os burgueses, preocupados somente com o lucro, o bem-estar material e a riqueza, tornaram-se uma classe sem convicções e favoreceram a irreligiosidade. Suas idéias de liberdade fizeram crescer o mal. Apenas o medo os deixava alertados contra o comunismo. Mesmo assim, ela (a burguesia) só se mostraria temerosa de uma revolução violenta, continuando a favorecer, com o seu liberalismo, a caminhada lenta para o socialismo (89). Este liberalismo desagregador, importado da França e da Inglaterra, estaria realizando aqui o efeito nefasto provocado na Europa, mas não possuía "raízes nacionais" (90). Felizmente, os regimes inspirados no liberalismo estavam em franca decadência. Condenados e substituídos por governos fortes (91). Diante da nova ameaça que despontava no horizonte, o nazismo, o liberalismo não seria o remédio. O catolicismo era apresentado pelo Legionário como a única arma eficaz para combater a doutrina que cometia o erro oposto do liberalismo. Este absolutiza o indivíduo, o nazismo centralizava tudo no Estado totalitário. Desta forma não devia ser combatido com os argumentos

(88) SOUZA, J.P.G. de - "O suicídio da burguesia". Legionário, 29 de março de 1931.

(89) SOUZA, J.P.G. de - "Os grandes cúmplices". Legionário, 17 de julho e 21 de agosto de 1932.

(90) SOUZA, J.P.G. de - "Ao redator chefe do Estado". Legionário, 04 de março de 1934.

(91) "Funerais da democracia liberal". Legionário, 01 de abril de 1934.

do século XIX, já gastos e desacreditados (92).

No país, a democracia liberal já tinha, no ver-
dos redatores do Legionário, dado mostras da sua incapaci-
dade de resolver os problemas nacionais. No "marasmo da nos-
sa política", os espaços estavam sendo ocupados pela "Ação
Libertadora Nacional" (esquerda) e a "Ação Integralista" (di-
reita). Mas o nosso grupo católico confiava na força da
"Ação Católica" para contrapor às pretensões daquelas duas
forças políticas. Depois de um negro período de "diluição das
tradições católicas", na nossa sociedade, que fez o catoli-
cismo praticamente desaparecer do seio das nossas elites, de-
pois da desorganização da Igreja e da insubmissão das irmanda-
des da época imperial, surgia, após vinte anos de reação, o
renascer do catolicismo. Assim descrevia Plínio a reação ca-
tólica:

"A vida intelectual dos católicos tem outro aspecto.
Não só o catolicismo vai reconquistando a posição
de orientador de todo o pensamento filosófico, cien-
tífico e político dos intelectuais católicos, mas
vai sendo defendido com denodo cada vez maior por
uma plêiade de leigos, que vão conquistando gra-
dualmente as Escolas Superiores, quer ocupando as
Câtedras, quer militando entre os alunos" (93).

Este renascimento católico contribuía para salvar
o país dos políticos mesquinhos e imediatistas formados no es-
pírito liberal (94). Entre o liberalismo de Plínio Barreto e

(92) SOUZA, J.P.G.de - "O erro contra o erro". Legionário, 11
de novembro de 1934.

(93) OLIVEIRA, P.C. de - "O Cardeal da Providência". Legioná-
rio, 23 de junho de 1935.

(94) OLIVEIRA, P.C.de - "O crime de Sancho Pança". Legionário ,
08 de dezembro de 1935.

o integralismo de Plínio Salgado o Legionário apresentava a solução política do catolicismo⁽⁹⁵⁾.

Os sucessivos congressos eucarísticos, os retiros espirituais, o entusiasmo da Juventude Mariana seriam evidências irrefutáveis da força católica⁽⁹⁶⁾. Estas manifestações se contrapunham aos sinais de decadência da sociedade. Um destes sinais, entre muitos outros, era o carnaval; síntese das misérias morais, da desagregação familiar, da penetração dos vícios. Plínio via o carnaval desta maneira:

"Naquelas massas em ebulição, ferviam todas as misérias humanas. Gente feia, que procurava em vão fazer-se bonita. Gente triste, que procurava em vão tornar-se alegre. Gente doente, que procurava em vão dar-se ares de saúde. Gente pobre, que procurava em vão fingir-se de rica. Gente insípida, que procurava em vão ser engraçada. Gente solteira fora da idade, que procurava em vão um cônjuge. Gente casada que procurava em vão uma felicidade alheia ao matrimônio. Todo o exército inumerável daqueles a quem falta alguma coisa na vida, saltava pelas ruas a rir e a pular com a ingênua e imutável preocupação de fazer crer ao próximo da sua irreal felicidade" (97).

A Juventude Mariana representava uma nova força que surgia em São Paulo para

"(...) assaltar todos os momos e carnavais perpétuos que se sucedem na política, nas finanças, na literatura, na vida pseudo-científica deste pobre Brasil" (98).

(95) "E porque não o Catolicismo?". Legionário, 19 de janeiro de 1936.

(96) Os Congressos Eucarísticos, os retiros espirituais, a devoção ao Sagrado Coração e ao Cristo Rei, comunhão freqüente, etc., são práticas religiosas introduzidas pela reação ultramontana do catolicismo no Brasil.

(97) OLIVEIRA, P.C.de - "O incêndio de Momo". Legionário, 15 de março de 1936.

(98) Idem.

O liberalismo como ideologia e como postura política perdia terreno, abrindo caminho para a direita e a esquerda. O Legionário explicava o crescimento do comunismo pela moleza dos liberais da nossa política. Sentindo a fraqueza das autoridades, buscava-se refúgio no integralismo, visto como arma para combater o comunismo. A complacência das autoridades com o comunismo, que para os redatores do Legionário era clara, colocava o país diante da possibilidade de uma tomada do poder pela extrema direita. Ora, indagava Plínio:

"Quem não vê que, entre uma democracia inerte perante Moscou e um extremismo da direita, até os amigos da primeira preferem o segundo?

Não há nas fileiras democráticas quem denuncie o erro e evite o suicídio?" (99).

Pleiteava-se, então, um governo forte, repressivo contra aquilo que era identificado com o comunismo. Não importava que esse governo tivesse o rótulo de democrático e, em tese, recusasse ser identificado com as correntes de direita em voga na época: nazismo, fascismo, etc. O que importava era que os chefes de governo assumissem uma atitude à altura das necessidades: "imponentes", "fardados", "enérgicos", querendo mandar, em contraste com os políticos dos partidos "burgueses e de esquerda" que primavam pela "deselegância", "porte semítico", traíndo "sua origem plebéia". Qual destes tipos de estadistas triunfaria, perguntava o Legionário (100).

O temor que o Legionário revelava em relação à di-

(99) OLIVEIRA, P.C. de - "Cobras, cordeiros e governadores". Legionário, 11 de outubro de 1936.

(100) OLIVEIRA, P.C. de - "Reis, presidentes e ditadores". Legionário, 18 de outubro de 1936.

reita fascista era explicável pela sua posição de defesa da instituição Igreja. A reação anti-liberal ocorrida na Europa não foi de molde a agradar a Igreja. Os partidos totalitários, criando uma ideologia própria, prescindiam da ajuda da Igreja, que foi relegada a segundo plano e, não raro, perseguida. Os católicos reacionários estavam na contingência de ir a reboque dos partidos fascistas europeus que absorveram o discurso anticomunista e se apresentavam como os únicos salvadores da sociedade. A esquerda, por sua vez, reagia contra o perigo que lhe parecia mais ameaçador, não gastando o seu poder de fogo contra a Igreja e sim contra os partidos fascistas. Isto não contribuía para aumentar o prestígio da Igreja como força reacionária. Para Plínio, isto era deliberado:

"(...) os comunistas fingem ignorar a Igreja como se ela fosse uma força desprezível" (101).

Com isto não queriam atrair para ela

"as simpatias dos que querem conservar a ordem" (102).

Por isto Plínio defendia a autonomia das organizações políticas católicas, criticando os católicos que não confiavam na força da Igreja e que julgavam o seu futuro dependente dos partidos de direita. Plínio indignava-se, pois,

"(...) até entre os católicos, não é raro encontrar quem ache que, se a Igreja não se apoiar

(101) OLIVEIRA, P.C.de - "O papa perante a esquerda e a direita". Legionário, 01 de novembro de 1936.

(102) Idem.

sobre as direitas, estará irremediavelmente perdida" (103).

Desta forma o nazismo e o fascismo encontraram nas páginas do Legionário as mais ferrenhas críticas. Todas as semanas as atitudes de Hitler e Mussolini eram severamente repudiadas. Plínio dedicou numerosos artigos para mostrar a incompatibilidade entre o nazismo e a doutrina católica. Esforçando-se, inclusive para demonstrar suas semelhanças com o comunismo (104). Mussolini apesar de elogiado (Tratado de Latrão com a Igreja, combate ao comunismo) passou a ser atacado quando aproximava-se cada vez mais de Hitler e tomava medidas inaceitáveis contra a Igreja (105). A Igreja tomou a dianteira, nas inúmeras reações, "infelizmente" desenvolviam-se fora da Igreja Católica. Desta forma as correntes fascistas, principalmente os nazistas,

(103) OLIVEIRA, P.C. de - "O papa perante a esquerda e a direita". Legionário, 01 de novembro de 1936.

(104) São numerosos os artigos de Plínio no Legionário contra o nazismo. Entre eles podemos citar: "O crepúsculo dos demônios", 09 de outubro de 1938; "A aurora dos deuses", 16 e 23 de outubro de 1938; "Entre o ocaso e a aurora", 04 de dezembro de 1938; "O mais odioso dos despótismos", 31 de março de 1940; "Quisling, Mosley e Companhia", 14 de abril de 1940; "Falsificação", 21 de abril de 1940; "Corporativismo", 05 de maio de 1940; "Previsões de sonhadores", 17 de novembro de 1940.

(105) Cf. "Regime totalitário fascista". Legionário, 14 de junho de 1941. "As violências fascistas contra a Ação Católica". Legionário, 12 de julho de 1931. Plínio Corrêa de OLIVEIRA - "Maritain, o Duce e uma carta anônima". Legionário, 07 de novembro de 1937. "Vaticano e Quirinal". Legionário, 16 de janeiro de 1938. "Para onde caminha o fascismo?". Legionário, 07 de agosto de 1938. "Ainda o fascismo". Legionário, 08 de janeiro de 1939.

"aproveitaram os princípios católicos",
para conquistar as massas

"desejosas de combater o comunismo".

Assim,

"(...) o demônio se disfarçou em defensor da ordem" (106).

A Igreja era vista por Plínio como a verdadeira direita, os outros, que se intitulavam defensores da ordem, seriam pseudo-direitas (107).

Em relação ao fascismo nacional, o integralismo, a posição do Legionário foi, inicialmente, de tentativa de aproximação e conciliação. Tendo bandeiras semelhantes ao integralismo, os católicos do Legionário sentiam a possibilidade de ascensão ao poder dos integralistas e exigiam destes um pronunciamento mais claro em relação à Igreja. Os exemplos europeus alertavam para o perigo constituído pelo totalitarismo fascista. O integralismo, todavia, apresentava - se aos colaboradores do Legionário mais aceitável do que o liberalismo, pois não via a Igreja como uma mera instituição particular (108). Sendo assim, não adiantava dialogar com o liberalismo, era preciso sensibilizar os integralistas no sentido de assumirem mais claramente as posições católicas. Assim, afirmavam:

(106) OLIVEIRA, P.C. de - "Terceiro ato". Legionário, 24 de setembro de 1940.

(107) Idem.

(108) "A margem de uma crítica". Legionário, 02 de setembro de 1934.

"De que maneira pretende o Estado integralista realizar a disciplina social e suprimir a luta partidária, se não recorrer à incomparável força espiritual e disciplinadora da Igreja para restabelecer antes de tudo a unidade de espíritos?" (109).

Havia então, ao ver do Legionário, qualidades no integralismo que impediriam de colocá-lo no mesmo plano dos outros "extremismos" que ameaçavam o país (110). Mas, seria necessário uma definição mais clara da posição dos integralistas em relação à Igreja. Lamentava, então, o Legionário:

"Mas, e a Ação Integralista? Porque continua seu pesado silêncio em torno da exata posição da Igreja no seu programa? Por que manter em assunto tão fundamental para todos os católicos — que equivale dizer a todos os brasileiros — tão enigmático silêncio? Se é de afirmações que o Brasil precisa — e o integralismo proclama esta verdade em todos os tons — por que não começam os milicianos do Sr. Plínio Salgado por definir com maior clareza os direitos do espírito que eles têm afirmado de forma imprecisa?" (111).

Mas, além disso, vez por outra, os integralistas ainda "desrespeitavam" pela imprensa a autoridade da Igreja, como no documento publicado no Diário de S. Paulo de 09 de junho de 1935, no qual cobram da Igreja, uma definição explícita sobre o integralismo, invertendo assim as exigências do Legionário. Ora, responde o último, não é a Igreja que precisa dos homens, estes é que precisam da Igreja (112). Se ne-

(109) "A margem de uma crítica". Legionário, 02 de setembro de 1934.

(110) OLIVEIRA, P.C. de - "Extremismos". Legionário, 90 de dezembro de 1934.

(111) "Porque?". Legionário, 26 de maio de 1935.

(112) "Urgente definição". Legionário, 23 de junho de 1935.

nhum dos partidos então existentes, satisfazia a "consciência católica", principalmente os que "encarnavam o liberalismo" em São Paulo, P.C. (Partido Constitucionalista) e P.R.P. (Partido Republicano Paulista), ainda restavam esperanças com respeito à Ação Integralista. Apesar da indefinição do seu programa, o combate que fazia ao comunismo era um fator positivo. Com efeito, ponderava o Legionário:

"Mas isso (a indefinição do programa) não destrói as simpatias que nutrimos pela lealdade manifesta na ardorosa luta travada pelos valerosos rapazes integralistas contra o comunismo exótico e assalariado por Moscou, e contra o liberalismo de ventre obeso e pernas já bambas" (113).

Esclarecesse ele a situação que teria a Igreja no seu programa de realizações sociais. Sem isto não ficaria satisfeita a

"consciência integralmente católica".

Não bastava repetir Deus, Pátria e Família, principalmente, quando estes lemas são acompanhados de insultos à Igreja e aos católicos. Era necessário reconhecer tudo o que a Igreja significa. Para isto os integralistas:

"Não precisavam sacrificar nada da luta corajosa em que se acham empenhados. Apenas deixariam de injuriar pela imprensa a Igreja e os católicos. Também não incidiriam no erro de querer enfeudar ao Estado e ao senhor Plínio Salgado, Deus e a sua Igreja (...) um nadinha mais velho que eles (forçoso é reconhecê-lo) na ordem do tempo, e que, não será temeridade pensá-lo, muito provavelmente lhes sobreviverão(...)"(114).

(113) CORREIA, Alexandre - "Catolicismo e integralismo" Legionário, 04 de agosto de 1935.

(114) Idem.

Mesmo aplaudindo a sua luta, os católicos não se aliariam aos integralistas. Aguardariam a voz de comando dos seus "chefes naturais" (115).

Outro motivo de desconfiança dos católicos do Legionário em relação aos integralistas era o seu interconfessionalismo. Procuravam o apoio dos espíritas, protestantes, etc. Exigia-se, pelo menos, que privilegiassem o catolicismo, o que, segundo Plínio, não acontecia, visto que:

"O integralismo, pois, não é católico nem anti-católico. Teísta que é, considera por um prisma de pretensa neutralidade de todas as religiões. Penso que nenhum espírito sensato pode exigir do Sr. Plínio Salgado que só inscreva nas suas fileiras cidadãos que sejam católicos praticantes. Essa exigência, que seria impolítica e inoportuna, teria entre outros inconvenientes, um que seria imenso: viria criar uma confusão enorme entre a Ação Católica e a Ação Integralista. Esta é de natureza política. Como tal, inscreve em seu programa diversas reivindicações de natureza meramente temporal. E a Igreja nunca poderia fazer oficialmente suas, a tais reivindicações que escapam à sua esfera de ação" (116).

O trecho é claro, a Igreja não pode se comprometer com o programa integralista, mas exige que ele se comprometa em privilegiar o catolicismo. Desta forma as divergências entre os católicos do Legionário e os integralistas situava-se mais no campo das conveniências do que na oposição doutrinária, embora Plínio avenge a hipótese que, a não-aproximação maior do integralismo aos católicos poderia revelar uma

(115) CORREIA, A. - "Catolicismo e integralismo". Legionário, 04 de agosto de 1935.

(116) OLIVEIRA, P.C. de - "Na expectativa". Legionário, 23 de agosto de 1936.

"tendência doutrinária mã na medula do seu pensamento" (117).

Não seria porém o caso de desprezã-lo como importante aliado na luta anti-comunista. Sendo o comunismo o mal maior e a ameaça mais premente aos olhos do Legionário, não se justificaria uma divisão nas hostes que o combatiam. Com base neste argumento, Plínio discordava de uma proposta de fechamento da Ação Integralista da Câmara Federal. Pedia provas que justificassem a acusação de conspirar contra a autoridade constituída. Desconfiava da sinceridade do acusador, Juracy Magalhães. Confirmada a acusação a Ação Integralista devia ser dissolvida. Não era justificável uma conspiração contra os poderes constituídos, justamente quando o Tribunal Especial ia julgar os comunistas envolvidos na tentativa de golpe de 1935 (118).

Este era mais um ponto de divergência, a tendência golpista dos integralistas. A ameaça comunista, sempre alardeada, quer pelo governo, quer pelos integralistas, soava como justificativa golpista para os eventuais salvadores da pátria. Por esta razão, a Igreja, sempre pronta naquela época a endossar os discursos anti-comunistas, manifestava-se contra os exageros, afirmando que o perigo comunista não era tão iminente que justificasse a recorrência às armas. O pronunciamento do episcopado

(117) OLIVEIRA, P.C.de - "Na expectativa". Legionário, 23 de agosto de 1936.

(118) OLIVEIRA, P.C. de - "Integralismo e comunismo". Legionário, 13 de setembro de 1936.

" (...) mostra que, ao contrário do que pretendem alguns dos partidários da direita, é muito mais da reforma dos homens do que das instituições, que pode decorrer a salvação do Brasil" (119).

Entretanto, o Legionário contribuía para reforçar a autoridade do Estado e as restrições às atividades políticas, acenando sempre com a ameaça comunista. Via de regra, achava pouco rigorosas as medidas repressivas. A sociedade, através do Estado, precisava se defender da subversão, daí a defesa de leis cada vez mais restritivas e enérgicas. Quanto à Lei de Segurança, aprovada no início de 1935, comentava:

"Há porém, um lado fraco. É que a lei procura conservar-se, na maioria dos seus dispositivos, rigorosamente dentro dos limites de ação toleradas pelo liberalismo. Ora, dentro destes limites, difícil será opor diques eficientes a certas ideologias que não têm o direito de vingar" (120).

Não aceitou a exposição de motivos da lei que afirmava ter o povo o direito de modificar a organização política e social, desde que seja por meios pacíficos e dentro da ordem constitucional. Isto seria tolerar aquilo que jamais deveria ser aceito: a propaganda esquerdista (121).

Entre as agremiações políticas que deveriam ser reprimidas o Legionário apontava a "Aliança Nacional Libertadora" (122). Embora afirmasse que a sua importância era peque-

(119) "O Episcopado brasileiro fala à nação". Legionário, 26 de setembro de 1937.

(120) OLIVEIRA, P.C.de - "A lei de repressão ao extremismo". Legionário, 03 de fevereiro de 1935.

(121) Idem.

(122) "Aliança Nacional Libertadora". Legionário, 26 de maio de 1935.

na (123), porque não tinha o prestígio da classe trabalhadora, cujos interesses dizia representar (124), ela atentava contra a pátria, a família, etc. (125). Assim, quando ocorreu a tentativa de golpe comunista no final de 1935, o Legionário via confirmadas as suas suspeitas e clamava por uma

"desinfecção total do tecido social" (126).

A repressão não deveria recuar, devia ser enérgica, principalmente contra os

"chefes comunistas apatacados".

Sobre estas "serpentes" presas no navio "Pedro I" e no Presídio do Paraíso,

"transformados em verdadeiros serpentários",

deveria cair todo o peso da lei (127). Os bons nomes e as fortunas que muitos possuíam não poderiam servir de escudo para os proteger da justiça. Eles foram mais culpados que os seus pobres e desavisados seguidores. Ora, afirmava Plínio:

"Se vier de cima o exemplo da indisciplina, da revolta, do crime, o que se dirá do pobre operariãdo?" (128).

(123) Sobre a força e a capacidade de arregimentação da A.N.L. ver CARONE, Edgard - A República Nova (1930-1937). 3a. edição. São Paulo, Difel, 1982, pp. 256-268.

(124) "Reconquistemo-lo". Legionário, 09 de junho de 1935.

(125) "Ainda a Aliança Nacional Libertadora". Legionário, 09 de junho de 1935.

(126) "Os acontecimentos do Norte e da Capital Federal". Legionário, 08 de dezembro de 1935.

(127) "Ratos e ídolos". Legionário, 22 de dezembro de 1935.

(128) Idem.

Os homens de famílias tradicionais foram mais culpados ainda por terem arrastado à lama da subversão nomes ilustres. Sobre eles o Legionário comentava:

"O que dizer-se de brasileiros que usam nomes ilustres e tradicionais, ufania de nossa história, e que arrastam pela lama dos presídios, lado a lado com malfeitores comuns, uma glória que lhes não pertence, mas à própria nação?" (129).

Todavia, para desgosto do Legionário, a repressão ficou muito aquém do seu desejo. A própria lentidão na constituição dos tribunais de exceção contribuiu para apagar

"o horror aos crimes cometidos" (130).

Assim, após algum tempo, começaram a reintegrar "professores comunistas" nos seus antigos cargos (131). A indignação do Legionário aumentou quando o Ministro da Justiça, Macedo Soares, libertou 308 "comunistas" (132). Antes dessa libertação em massa do ministro, o Legionário já havia protestado contra a soltura de comunistas. Não via lógica na atitude do presidente da República em pedir a prorrogação do estado de guerra ao Legislativo, o que significaria que o perigo comunista continuava a existir, e ao mesmo tempo, libertar comunistas. De fato

(129) "Ratos e Ídolos". Legionário, 22 de dezembro de 1935.

(130) OLIVEIRA, P.C. de - "308". Legionário, 20 de junho de 1937.

(131) OLIVEIRA, P.C. de - "Meia volta, volver". Legionário, 17 de janeiro de 1937.

(132) "7 dias em revista". Legionário, 04 de julho de 1937.

" (...) como explicar a inércia e a covardia, a cumplicidade dos grandes partidos burgueses, das grandes corporações, burguesas, das grandes 'forças conservadoras', que parecem dormir tranqüilamente sobre o vulcão, comprazendo-se em ouvir os estálidos subterrâneos que prenunciam o próximo terremoto, com a mesma volúpia com que algum 'vi veur' adormeceria ao som de qualquer 'berceuse' de Chopin?" (133).

Para Plínio a própria Câmara dos Deputados estava desorientada acerca da repressão ao comunismo. Só isto explicaria o seu silêncio diante da tolerância do Tribunal de Segurança e da Polícia. Faltaria informações e esclarecimento sobre o perigo comunista entre os próprios católicos. Para sanar isto Plínio propôs a criação de um "Aparelhamento controlador" das questões sociais em São Paulo. Ele seria:

"Uma organização que possa dizer com precisão, se em São Paulo há ou não há propaganda comunista, se essa propaganda fere de preferência os intelectuais ou os operários, se se processa com agitadores estrangeiros ou já encontra favor entre os nacionais, se ela tem entrada fácil nos ambientes militares e escolares, se ela mantém afinidades com a maçonaria, o espiritismo, o protestantismo *Et comitante caterva*" (134).

Note-se que nas páginas do Legionário já se havia dado respostas afirmativas a quase todas estas "dúvidas".

A linha de ação do Legionário caminhava no sentido de reforçar as atitudes repressivas do Estado, ao mesmo

(133) OLIVEIRA, P.C. de - "Barrabás em liberdade". Legionário, 07 de março de 1937.

(134) OLIVEIRA, P.C. de - "Conditio sine qua non". Legionário, 14 de março de 1937.

tempo em que suas críticas serviam para deslegitimar os partidos políticos. O Estado Novo, ao se implantar, não tinha uma orientação ideológica explícita. Sendo um virtual auxiliar das pretensões católicas, receberá apoio do Legionário. Pouco antes do golpe Plínio definia, em um longo artigo, a posição do Legionário frente a política nacional (135). Repe-
tia aí o argumento de que a Igreja está acima dos partidos e das formas de governo, mas isto não significa que ela renuncie à posição privilegiada que, por direito, deve ostentar na sociedade. Embora exista a delimitação de poderes entre o Estado e a Igreja, cada um com seus fins próprios, um temporal e outro espiritual, o primeiro acha-se em plano inferior e subordinado ao segundo, pois da vida neste mundo depende a salvação eterna. Assim, o Estado não pode desviar o homem do seu fim supremo, que é servir a Deus neste mundo e depois ganhar a vida eterna no outro. Assim Plínio descrevia o papel do Estado:

"Mas sem ser um simples meio da Igreja, o Estado tem um fim inferior e ordenado a outro. Não pode, pois, desviar o homem do fim supremo, da meta para a qual a Igreja conduz toda a humanidade, e neste sentido o fim do Estado pode ser considerado um meio para a pessoa humana cumprir o seu destino transcendente" (136).

O Estado católico, no sentido de uma determinada forma de Estado, como a monarquia, aristocracia, democracia, não existe. Mas seria possível falar do Estado católico, se

(135) OLIVEIRA, P.C. de - "A posição do 'Legionário' em face da política brasileira". Legionário, 10 de outubro de 1937.

(136) Idem.

por isto entendermos um Estado, seja qual for a sua forma, que reconheça na Igreja uma sociedade perfeita superior (137). Assim:

"Será, pois, católico todo o Estado que reconhecer certos princípios fundamentais da sua organização, princípios que resultam da moral, isto é, da lei natural confirmada e reforçada pela lei divina do Cristianismo de que a Igreja é a única intérprete infalível" (138).

Para atender a estes requisitos o Estado deverá garantir pelo menos três pontos básicos:

- "1. reconhecer que a Igreja é a portadora da verdade, dando-lhe plena liberdade de ação no desempenho de sua missão essencial, a salvação das almas.
2. Coadjuvã-la nessa tarefa, favorecendo a ação católica e dispondo a sociedade a receber a influência da Igreja por uma organização adequada em que, por exemplo, não haja perigo de se desenvolver o germe de doutrinas ímpias e subversivas.
3. Organizar toda a sociedade, quer as relações do Estado com o indivíduo, as famílias e os demais grupos sociais, quer as relações dos indivíduos, da família, dos grupos entre si, segundo os princípios da justiça e caridade, de acordo com as leis de Deus e da Igreja" (139).

Ocorre que nenhuma das correntes políticas brasileiras preenchem as condições para uma política genuinamente católica. No caso de São Paulo, o P.R.P. (Partido Republi

(137) OLIVEIRA, P.C. de - "A posição do 'Legionário' em face da política brasileira". Legionário, 10 de outubro de 1937.

(138) Idem.

(139) Idem.

cano Paulista) e o P.C. (Partido Constitucionalista) prosseguiam

"nos velhos e nocivos rumos do liberalismo".

Tanto poderiam favorecer como contrariar os objetivos da Igreja. O integralismo, apesar de anti-liberal, conservou

"do liberalismo a sua face mais condenável — o liberalismo religioso —"

apesar de contar com católicos nas suas fileiras (140). Desta forma o Legionário defendia uma neutralidade partidária frente às correntes políticas citadas. Isto não significaria abster-se da ação política. Continuaria a deplorar tudo o que era errado e a aplaudir tudo o que era bom. A palavra de ordem era reforçar a Ação Católica e não aceitar compromissos partidários na sucessão presidencial que se aproximava. Mesmo o perigo comunista, que exigia união, não justificaria uma atitude política que permitisse que os católicos se deixassem enfeudar por um partido político, abdicando das suas convicções. Pretensão esta que era alimentada pelos integralistas. Contra isto protestava Plínio, nestes termos:

"Negamos a qualquer partido o monopólio da ação anti-comunista. E por mais iminente que fosse o perigo comunista no Brasil, ele não seria de molde a nos obrigar a uma atitude em que seríamos forçados praticamente a abdicar de nossas convicções para nos abrigarmos à sombra protetora de uma entidade messiânica" (141).

(140) OLIVEIRA, Plínio Corrêa de - "A posição do 'Legionário' em face da política brasileira". Legionário, 10 de outubro de 1937.

(141) Idem.

Embora não estivesse entusiasmado com nenhuma das forças políticas que disputavam a sucessão presidencial, Plínio temia um rompimento da ordem constitucional. Aceitava uma possível ditadura transitória

"em que um homem de pulso preparasse o país para receber uma ordem estável (...)" (142).

A Constituição de 1934 não havia instituído um Estado idealmente católico, mas representou um grande avanço em relação à de 1891 (143). A situação melindrosa pela qual passava o país, não aconselhava nem

"ditaduras, nem aventuras" (144).

Uma vez implantado o Estado Novo, o Legionário reafirmou a sua neutralidade partidária, aceitando a nova ordem institucional e comprometendo-se a buscar seus objetivos católicos dentro dela (145). Por outro lado, confessou não ter a menor saudade pela ordem institucional anterior (146). Via, pelo contrário, com bons olhos a mudança da Constituição que não mantinha a rígida divisão de poderes (147). Comparando com a situação anterior, acreditava que houve uma melhora para a ação dos católicos. A nova Constituição preservou dois

(142) OLIVEIRA, P.C. de - "Nem ditaduras, nem aventuras". Legionário, 24 de outubro de 1937.

(143) Idem.

(144) Idem.

(145) OLIVEIRA, P.C. de - "Em um regime novo". Legionário, 14 de novembro de 1937.

(146) Idem.

(147) "Organização do novo Estado brasileiro". Legionário, 21 de novembro de 1937.

pontos importantes, a proibição do divórcio e o ensino religioso. Abria melhores perspectivas no campo da educação, estabelecendo no artigo 125 que a

"Educação integral da prole é o primeiro dever e direito natural dos pais" (148).

A atitude, então, face ao Estado Novo, era de confiança e expectativa otimista. Com efeito, dizia Plínio:

"Estamos na obrigação de acreditar que, usando os católicos dos meios que a Constituição lhes confere para fazerem valer sua opinião na esfera legislativa, nenhuma hostilidade encontrarão nos poderes públicos, que estarão dispostos a lhes facultar as regalias de que realmente se queiram servir" (149).

O otimismo pareceu se confirmar com várias medidas tomadas pelo Estado Novo que mereceram o aplauso do Legionário. Waldemar Falcão, eleito deputado em 1934 pela L.E.C. do Ceará, foi indicado para a Pasta do Trabalho (150). Este, logo depois de assumir, tomou medidas que protegiam a trabalhadora grávida, merecendo novos aplausos do Legionário (151). Novamente se manifestou favoravelmente às medidas do governo quando este fechou todas as sociedades de caráter nazista no Rio Grande do Sul (152). Em Pernambuco, o interventor federal

(148) OLIVEIRA, P.C. de - "A Igreja e o Estado na nova Constituição". Legionário, 21 de novembro de 1937.

(149) Idem.

(150) "7 dias em revista". Legionário, 05 de dezembro de 1937.

(151) "7 dias em revista". Legionário, 06 de fevereiro de 1938.

(152) "7 dias em revista". Legionário, 27 de fevereiro de 1938.

"Escolhe eminentes católicos para o seu secretaria
do",

entre eles Manoel Lubambo, diretor da revista católica Fron-
teiras. A polícia, por sua vez, apreendeu "livros subversi-
vos", como "Capitães da Areia" e "Tarzan, o Invencível" (153).

Interpretando pronunciamentos do chefe da nação e de ministros de Estado como favoráveis às pretensões católicas, Plínio afirmava que só no catolicismo o regime poderia encontrar as bases necessárias para a sua estabilidade (154). Para ele, todos os regimes anteriores, a partir da monarquia, fracassaram por não compreenderem que longe da Igreja não era possível o Estado promover na população as virtudes morais do verdadeiro nacionalismo. Com base nestas conclusões advertia o novo governo para que não cometesse o mesmo erro, dizendo:

"A 3ª República está colocada na mesma situação que os regimes que a antecederam. Se, como os recentes discursos do chefe da nação e dos ministros da Educação e do Trabalho fazem esperar, a IIIª República procurará na Igreja o manancial doutrinar e moral indispensável para criar verdadeiras raízes no espírito público, ela poderá realizar uma obra histórica comparável em grandeza à dos primeiros desbravadores e catecistas. Os católicos estão obrigados a, dentro deste espírito de larga cooperação, receber com simpatia todo o gesto eventual das autoridades, tendentes a facilitar a reintegração do Brasil no único grande caminho que se abre diante dele, que é o do Catolicismo. Porque temos o direito e o dever de supor que a IIIª República

(153) "7 dias em revista". Legionário, 19 de dezembro de 1937.

(154) OLIVEIRA, Plínio Corrêa de - "Nacionalismo". Legionário, 05 de dezembro de 1937.

não repetirá o erro mortal de suas antecessoras e não fechará os olhos ao que o Brasil tem de mais genuinamente seu, ao que é propriamente sua alma, isto é o Catolicismo" (155).

Assim é que os católicos do Legionário receberam com simpatia a organização corporativa do novo regime achando-o conforme a doutrina social católica (156). Fizeram votos para que o Estado Novo fosse, não só diferente, mas o oposto ao Estado hitlerista, que tantos males causou à Igreja (157). O que se temia era a criação de um partido oficial, temor que não se justificou (158). Vendo o poder concentrado nas mãos de Getúlio Vargas (159) é a este que procuraram pressionar, apontando a ele as inconveniências de aceitar pressões contrárias ao interesse da Igreja (160).

A oferta de apoio e de legitimidade tornou-se uma constante nas páginas do Legionário. Esta sua orientação atestava a identificação com as diretrizes e a estratégia do Cardal Leme nas relações Igreja e Estado. Se a Igreja contou com os favores do governo Vargas, embora muito aquém do que ambicionava o Legionário, a este não faltou retribuição, como reafirmava Plínio:

(155) OLIVEIRA, P.C. de - "Nacionalismo". Legionário, 05/12/37.

(156) OLIVEIRA, P.C. de - "Corporativismo". Legionário, 12 de dezembro de 1937.

(157) OLIVEIRA, P.C. de - "No limiar de 1938". Legionário, 02 de janeiro de 1938.

(158) OLIVEIRA, P.C. de - "Bom prognóstico?". Legionário, 20 de fevereiro de 1938.

(159) OLIVEIRA, P.C. de - "E a política?". Legionário, 11 de setembro de 1938.

(160) OLIVEIRA, P.C. de - "Vargas e Bonaparte". Legionário, 30 de outubro de 1938.

"Mil e mil vezes tem sido dito a S.Excia., os motivos pessoais que em torno de sua figura têm congregado tanta solidariedade. É preciso que o intérprete da opinião católica afirme que a disciplina dos católicos ao poder temporal firma suas raízes mais no fundo, e que abstração feita de considerações de ordem pessoal, sua obediência aos poderes públicos se baseia na convicção de que obedecem assim à vontade do próprio Deus, conhecida pela luz da Razão Natural e pelos esplendores da revelação cristã" (161).

Desta forma, se as relações entre a Igreja e o Estado não eram as idealizadas por Plínio e o seu grupo, mantinham-se pelo menos aceitáveis. O problema que iria preocupar mais o Legionário se situava em outro lugar: no próprio meio católico.

2.4. Divergências no meio católico

As primeiras críticas de Plínio à organização e à militância católica que conseguimos localizar são de 1938. Em artigo de agosto deste ano ele apontava três defeitos na formação dos militantes das organizações católicas. O burocratismo, a "sociologite" e o pietismo. Neste artigo mostrou como muitas associações católicas faziam reuniões formais onde não se decidia nada importante (162). Em artigos posteriores analisou os defeitos restantes. A "sociologite" consistia em discutir-se apenas questões sociais e políticas esquecendo-se da santificação, que deveria ser objetivo de

(161) OLIVEIRA, P.C. de - "Saudação às autoridades civis e militares". Legionário, 07 de setembro de 1942.

(162) OLIVEIRA, P.C. de - "Burocracia". Legionário, 21 de agosto de 1938.

toda associação católica. Acerca delas Plínio comentava:

"A ouvir-se a conversa de muita gente religiosa tem-se a impressão de que Nosso Senhor Jesus Cristo veio ao mundo especialmente para derrotar o comunismo ou esmagar o nazismo, e que a Igreja Católica não tem outro fim senão o aniquilar esses dois adversários.

Se tal gente chega a dirigir uma associação religiosa as reuniões mais parecem 'meetings' políticos do que reuniões de piedade" (163).

O pietismo significava um descuido do estudo da doutrina católica nas associações religiosas. Na nossa época de "armadilhas intelectuais" era preciso desenvolver um trabalho interno para manter "incorrupta a inteligência". Tarefa difícil, que poderia significar até

"violências contra si mesmo" (164).

Plínio chegará à conclusão de que o grande problema não era

"a conversão dos ateus, protestantes e espíritas", e sim a

"catolização dos católicos" (165).

Pois, embora o Brasil seja numericamente um país católico

"(...) é forçoso reconhecer que ele não é totalmente católico na sua vida política, econômica, intelectual, artística e social" (166).

(163) OLIVEIRA, P.C. de - "Sociologite". Legionário, 28 de agosto de 1938.

(164) OLIVEIRA, P.C. de - "A cooperação da vontade". Legionário, 04 de setembro de 1938.

(165) OLIVEIRA, P.C. de - "Seleção e formação". Legionário, 23 de abril de 1939.

(166) Idem.

Neste sentido, uma das tarefas da Ação Católica seria a de

"promover e entreter a vida sobrenatural" entre os católicos (167). Para isto ela precisaria ser

"uma arregimentação de católicos de escol, em cujas fileiras não se encontrem senão elementos cuidadosamente selecionados" (168).

Nas demais associações católicas devia-se pôr fim à prática de escolher para a direção "pessoas importantes", verdadeiros "medalhões" inúteis. A escolha devia basear-se na competência e no trabalho (169). Havia pessoas que eram filiadas a diversas associações católicas, não atuando, na verdade, em nenhuma delas. São Paulo já contava com um

"aguerrido e disciplinado escol católico", mas existiam defeitos a serem sanados (170). Um dirigente de associação católica é o cerne da instituição. Não é um cargo honorífico, mas militante, e como tal devia ser encarado, argumentava Plínio (171).

A preocupação com a seleção e a formação dos membros das associações católicas revelava um temor que elas fossem contaminadas por idéias sociais e políticas, julgadas in-

(167) OLIVEIRA, P.C.de - "Seleção e formação". Legionário, 23/04/1939.

(168) Idem.

(169) OLIVEIRA, P.C. de - "Medalhões". Legionário, 12 de junho de 1938.

(170) OLIVEIRA, P.C. de - "Ressalva preliminar". Legionário, 17 de julho de 1938.

(171) OLIVEIRA, P.C. de - "Dirigentes". Legionário, 31 de julho de 1938.

compatíveis com a doutrina católica. As heresias especificamente religiosas não apresentavam tanto perigo como as políticas e sociais. Isto porque:

"As massas, hoje em dia, não são capazes de se apaixonarem por qualquer heresia referente à Santíssima Trindade ou à Encarnação do Verbo. Para empolgar e arrastar as massas, o demônio usa hoje uma tática diferente: insinua-se na política, na sociologia e na economia, e, nestes terrenos diretamente ligados com a vaidade e a ganância de cada indivíduo, faz fermentar o veneno da heresia. E como se trata de dinheiro, de luxúria e de mando, o homem moderno se agita, se entusiasma e se levanta em pé de guerra. É esta a tática que seguiu o demônio" (172).

Por esta razão a responsabilidade dos dirigentes se estendia até a vigilância sobre os atos e comportamento dos seus dirigidos, pois:

"Quem na Ação Católica foi investido de postos de responsabilidade, tem obrigação absoluta — insistimos na palavra absoluta com toda a consciência do que dizemos — de adestrar sua argúcia, de sorte a poder distinguir da ovelha verdadeira, o lobo que se revestiu matreiramente com a pele do carneiro. Do contrário, não poderá ser dirigente, isto é, pastor" (173).

Este cuidado rigoroso dificultava, evidentemente, o objetivo de expansão, o que não impediu que ambos fossem tentados simultaneamente (174). A preocupação com a pureza do

(172) OLIVEIRA, Plínio Corrêa de - "No século das heresias políticas". Legionário, 29 de maio de 1938.

(173) Idem.

(174) OLIVEIRA, Plínio Corrêa de - "Rumo à expansão". Legionário, 30 de abril de 1939.

movimento católico impedia conciliações e fomentava lentamente a intolerância. Para justificar esta postura Plínio baseava-se nos exemplos de Pio XI que, segundo ele, recusou as mais insistentes propostas de aliança (175). A união, tão necessária ao movimento católico, se faria pela eliminação do erro nos círculos católicos,

"não raro entre os próprios católicos militantes", que seriam

"frutos da ignorância e da má formação" (176).

Embora a grande massa não devesse ser excluída do rol dos católicos, não devia haver ilusões com as simples manifestações esporádicas de fé (177). Note-se que nesta época eram comuns as promoções pela Igreja de grandes manifestações públicas de fé, como os congressos eucarísticos, e estas concentrações eram usadas como prova da força e do prestígio do catolicismo (178).

Os fermentos da desunião não tardaram a se manifestar com mais clareza. Isto ocorria nas práticas religiosas e nas divergências quanto ao papel da Ação Católica e das Asso-

(175) Cf. OLIVEIRA, P.C. de - "Caridade e tolice". Legionário, 14 de maio de 1939. "Action française". Legionário, 21 de maio de 1939. "Contra a 'main tendue'". Legionário, 28 de maio de 1939.

(176) OLIVEIRA, P.C. de - "União". Legionário, 24 de março de 1940.

(177) OLIVEIRA, P.C. de - "Ainda a união". Legionário, 07 de abril, de 1940. "Cavaleiros de Maria, chefes autênticos". Legionário, 02 de fevereiro de 1941.

(178) OLIVEIRA, P.C. de - "Somos uma potência". Legionário, 21 de setembro de 1942.

ciações auxiliares. Plínio trabalhava no sentido de harmonizar a atuação da Ação Católica com às das associações auxiliares. Havia vozes discordantes que viam na Ação Católica um papel não só diferente, como até em contradição com as associações tradicionais, como as Congregações Marianas. Plínio, ao contrário, afirmava:

"(...) abomino de todo coração uma certa pseudo - Ação Católica que, sob o véu de palavras de sentido impreciso, como 'ambiente vital', 'formação vital' e outras do mesmo gênero, pretende fomentar uma formação espiritual conhecida apenas por um pugilo de iniciados, e que no fundo está em contradição com a doutrina católica. Faz parte deste mesianismo a afirmação mais ou menos velada de que o espírito que as Congregações Marianas devem em tese ministrar a seus filiados é um espírito incompatível com o que deve ter um membro da Ação Católica. Há nisto um erro" (179).

As críticas alcançavam também o apostolado de infiltração adotado pela Ação Católica. Para Plínio este apostolado não passava de uma forma de acomodação aos erros do século (180). Os católicos autênticos deviam acentuar a sua ruptura com os costumes do mundo (181). O exemplo de apostolado correto era apontado como sendo o realizado anteriormente por Jackson de Figueiredo (182). Outro ponto criticado consistia na tendência de diminuir o papel do sacerdote nas

(179) OLIVEIRA, P.C. de - "Na família de Deus". Legionário, 02 de fevereiro de 1941.

(180) OLIVEIRA, P.C. de - "Sofismas novos, erros velhos". Legionário, 24 de agosto de 1941.

(181) Idem.

(182) Idem.

organizações da Ação Católica. Isto seria uma repetição do antigo erro cometido pelas irmandades, onde o comissário sacerdote tinha uma "posição deprimente". Dizia Plínio:

"No entanto, quem ousaria negar que esse espírito hoje morto na maior parte das irmandades renasce em certas concepções acerca da situação do assistente eclesiástico na Ação Católica? Alguns entendem que o assistente tem apenas um direito de veto puramente doutrinário. Caso nada se diga ou se resolva contra a doutrina católica seu papel é calar-se respeitosamente. Outros lhe concedem o direito de voto também nas outras questões. Mas um simples voto individual, que pode ser derrotado pela maioria. São os mais generosos, os mais indulgentes, em uma palavra os mais clericais(...)" (183).

A tolerância com os inimigos do catolicismo, com a desculpa do apostolado e da caridade, representava para Plínio o renascer de um deplorável liberalismo católico, que, no entanto, sabia ser intransigente com a "imprensa ultramontana" (184). Imitavam a doçura de Cristo com os inimigos, mas esqueciam a sua não menos patente severidade. Confundiam lobos com ovelhas perdidas (185). Isto significaria a ressurreição do liberalismo religioso atrás do qual se escondia o "espírito maçônico", liberal e "bonacheirão" que pretendia "apossar-se da direção do movimento católico" (186).

(183) OLIVEIRA, P.C. de - "Sofismas novos, erros velhos". Legionário, 24 de agosto de 1941.

(184) OLIVEIRA, P.C. de - "Odiai o erro, amai os que erram". Legionário, 21 de setembro de 1941.

(185) OLIVEIRA, P.C. de - "Não tratemos lobos como ovelhas perdidas". Legionário, 28 de setembro de 1941. "Lobos e ovelhas". Legionário, 05 de outubro de 1941.

(186) OLIVEIRA, P.C. de - "Apóstolo da intolerância". Legionário, 12 de outubro de 1941.

Para isto não hesitavam em tentar apresentar um "retrato novo" de Jackson de Figueiredo no intuito de deturpar o caráter do seu apostolado de intolerância com o erro (187). Não percebiam que a "bondade demais" pode ser um crime. A tolerância com "membros gangrenados" em uma associação religiosa poderia ocasionar a perda de todos os seus integrantes (188). Além disso, em uma época de "radicalismos e heroísmos", as meas medidas não conseguiam mais empolgar. Para despertar entusiasmos o catolicismo devia se mostrar radical (189).

Plínio achava bem mais difíceis de combater estes "inimigos internos" do que os tradicionais inimigos declarados. De fato, afirmava ele:

"A crescente influência do catolicismo no Brasil se impõe aos adversários de nossa fé com a inexorável força do fato consumado. Cessou a luta aparente. E, para melhor continuar a lutar, o diabo se fez 'sacristão' (dia chegaria em que ele se faria bispo), e a fase entre nós está aberta das 'aproximações' insidiosas, das infiltrações perversas, das ambições melíferas" (190).

(187) OLIVEIRA, P.C. de - "Apóstolo da intolerância". Legionário, 12 de outubro de 1941. Outro exemplo de "salutar intolerância" seria o bispo D. Epaminondas de Taubaté, que, entre outras proezas: 1. destituiu publicamente um padre durante a cerimônia; 2. excomungou toda a Câmara de vereadores; 3. presidiu uma queima de livros protestantes em praça pública. Cf. "D. Epaminondas". Legionário, 12 de abril de 1942.

(188) OLIVEIRA, P.C. de - "Juízo temerário". Legionário, 19 de outubro de 1941.

(189) OLIVEIRA, P.C. de - "Os arautos do divino rei". Legionário, 09 de novembro de 1941.

(190) OLIVEIRA, P.C. de "Católicos Apostólicos Romanos". Legionário, 11 de janeiro de 1942.

A tendência do brasileiro à imitação teria alguma responsabilidade no fenômeno, visto que:

"(...) certos católicos 'snobs' que, para imitar não sei que escritores de além-mar, parecem ter relegado ao ostracismo, em seu vocabulário, a palavra 'católico', substituindo-a metodicamente pela palavra cristão (...)" (191).

Uma das inovações nocivas importadas era o movimento litúrgico (192), que naquela época introduzia-se no Brasil através da Ordem de São Bento. Estas reformas tinham o sentido de fazerem os fiéis participarem mais ativamente da missa (193). O Legionário foi um dos opositores ao movimento, afirmando que ele contribuía para desorientar os fiéis pelos seus "desvios" e "exageros" (194).

Um dos argumentos preferidos por Plínio para combater o que julgava ser desvios da Ação Católica, era o recurso à autoridade do papa e à dos bispos. Citando Pio XII e contando com o apoio do Arcebispo de São Paulo e do assistente geral da Ação Católica, Castro Mayer, ele reafirmava o ponto de vista de que a orientação correta era aquela dada à Ação Católica pela Junta Arquidiocesana de São Paulo, da qual

(191) OLIVEIRA, P.C. de - "Católicos Apostólicos Romanos". Legionário, 11 de janeiro de 1942.

(192) "Missas 'versus populum'". Legionário, 22 de março de 1942.

(193) Para as dificuldades da implantação das reformas litúrgicas no Brasil ver ISNARD OSB, D. Clemente José Carlos - "O movimento litúrgico no Brasil". In BOTTE, OSB, Bernard - O movimento litúrgico. São Paulo, Edições Paulinas, 1978, pp. 207-230.

(194) "Liturgismo e pseudo liturgismo". Legionário, 26 de abril de 1942. "Erros que se aproximam da heresia". Legionário, 11 de julho de 1943.

era então o presidente (195). Com este apoio ele não hesitava em condenar os "católicos mornos" que se irritavam com o "radicalismo na verdade" do Legionário (196).

Foi neste clima de confronto em relação à Ação Católica que Plínio resolveu escrever o seu primeiro livro. Ele pretendia com isto dar um golpe fatal nos adversários. Muito mais tarde afirmará que foi um gesto de "Kamikaze", ou estouraria o progressismo católico ou estouraria ele e o seu grupo (197).

No livro, publicado em 1943, Plínio refutava sistematicamente tudo o que considerava desvios da Ação Católica. Via nestes erros o ressurgimento do modernismo já condenado pelos papas. Na primeira parte do livro discutiu a natureza jurídica da Ação Católica, argumentando que ela não possuía um mandato especial do papa, o que a tornaria essencialmente diferente das outras associações católicas, nem estava desobrigada da submissão ao clero (198).

Na segunda parte mostrou a semelhança dos erros da Ação Católica com os erros do modernismo condenados pela Igreja

(195) OLIVEIRA, P.C. de - "Com singular complacência". Legionário, 17 de maio de 1942.

(196) OLIVEIRA, P.C. de - "Odores do céu, cheiros do inferno". Legionário, 24 de maio de 1942.

(197) OLIVEIRA, P.C. de - "Kamikaze". Folha de S. Paulo, 15 de fevereiro de 1964.

(198) OLIVEIRA, P.C. de - Em defesa da Ação Católica. São Paulo, Editora Ave Maria, 1943, pp. 38-39.

ja, resultando em práticas inadequadas na militância, na organização, nos hábitos dos membros, no resultado do trabalho . Isto era o que levaria à incompreensão, à divisão e à incompatibilidade entre os católicos, contrapondo a Ação Católica com as outras organizações católicas anteriores a ela no Brasil.

A terceira parte do livro foi dedicada à análise dos problemas internos da Ação Católica. Nota-se aí uma preocupação de Plínio com a excessiva tolerância com o erro e os defeitos dos membros levando, segundo ele, a uma completa ausência de punição ou de rigor. Além disso, condena também a falta de critério na seleção de novos elementos, aceitando-se pessoas nocivas, contaminando o ambiente católico. Desta forma a Ação Católica, defendida por Plínio, seria, essencialmente, um movimento de elite, composto somente por católicos rigorosamente selecionados (199). Na quarta parte condenava práticas erradas no apostolado que, basicamente, consistiam no fato de ignorar a severidade dos princípios católicos e as suas diferenças com outras religiões, evitando-se a divulgação das condenações da Igreja aos erros do mundo, buscando , assim, uma fácil popularidade (200).

Na quinta parte procurou fundamentar suas posições com citações do Novo Testamento (201).

(199) OLIVEIRA, P.C. de - Em defesa ... op.cit., pp. 164-170

(200) Idem, pp. 222-242.

(201) Idem, pp. 283-336.

Sinteticamente, todos os erros apontados na Ação Católica decorreriam dos seguintes princípios:

"(...) uma negação dos efeitos do pecado original; uma conseqüente concepção da graça como fator exclusivo da vida espiritual, e uma tendência a prescindir da autoridade, na esperança de que a ordem resulte da conjugação livre, vital e espontânea das inteligências e das vontades" (202).

Significativamente, o livro tem como um dos apêndices a Carta Apostólica de S.S. Pio X sobre "Le Sillon", de 25 de agosto de 1910, documento de profundo reacionarismo⁽²⁰³⁾.

(202) OLIVEIRA, P.C. de - Em defesa... op.cit., pp. 337.

(203) O "Le Sillon" surgiu de um grupo de estudantes no início da década de 1890. "Esses estudantes procuravam uma conciliação entre o cristianismo e a sociedade nascida dos princípios de 1789, na linha de um cristianismo de esquerda(...)". A partir de 1899 Marc Sangnier, engenheiro politécnico oriundo da alta burguesia assume a liderança do movimento e muda a orientação da revista Le Sillon. A partir daí transforma-se num movimento de ação. Conseguindo rapidamente sucesso e expansão adquiriu logo uma aparência de cruzada com o objetivo de "cristianizar a democracia moderna", visto de início com simpatia pelo Papa Pio X, a evolução do movimento começou a despertar inquietações pelas suas posições pouco conservadoras, pelas suas apologias ao regime republicano e pela ameaça que representava para a hierarquia. A sua difusão entre jovens sacerdotes e seminaristas, os quais aproveitavam as palavras de Sangnier "sobre a autonomia da consciência cívica para demonstrar independência ante seus superiores também em outros campos", provocou a reação de vários bispos e depois do Vaticano. Desta forma ele foi publicamente condenado pelo papa através da Carta Apostólica dirigida ao episcopado francês em 25 de agosto de 1910. Os principais erros apontados no movimento pela carta foram: pretensão de autonomia ante a hierarquia eclesiástica, ecletismo das alianças com os não católicos, adesão a princípios incompatíveis com a doutrina católica, extraídos de "pretensos filósofos" do século XVIII, erros quanto à origem e exercício da autoridade, à igualdade entre os homens, afirmações errôneas que defendem a necessidade de transformações radicais para resolver o problema social, distanciando-se das soluções inspiradas nos ensinamentos da Igreja, esquecendo-se que "os verdadeiros amigos do povo não são nem revolucionários

Segundo o comentário de D. Clemente Isnard, os anos de 1942 a 1944 foram "tenebrosos". A impressão era de

"(...) que a garra do integrismo iria asfixiar por muito tempo a Igreja no Brasil" (204).

Em 27 de agosto de 1943 D. José Gaspar de Afonseca e Silva, Arcebispo de São Paulo morreu. Um ano depois era no meado o novo Arcebispo D. Carlos Carmelo de Vasconcellos Motta. Durante o ano em que o cargo esteve vago os debates e as divergências foram intensas entre os católicos. A divulgação da obra de Jacques Maritain "Os Direitos do Homem e a Lei Natural", deu oportunidade a novos atritos. O Legionário inicia, em 31 de outubro de 1943, uma polêmica com o Diário de Belo Horizonte em torno do livro de Maritain. Nesta polêmica Alceu de Amoroso Lima já se encontrava em campo oposto ao Legionário. Ele foi um dos que assumiram a defesa de Maritain contra os ataques do Legionário. O próprio Maritain interveio no debate enviando um artigo para o Diário de Belo Horizonte (205).

nem inovadores, mas tradicionalistas". Cf. AUBERT, R. - "A Igreja Romana e o Liberalismo, do 'Syllabus' à condenação do 'Sillon'". Op.cit., pp. 50-55.

(204) Cf. D.Clemente José Carlos ISNARD OSB - Op.cit., p.222.

(205) A polêmica foi iniciada com um artigo do padre Arlindo Vieira - "A Doutrina de Jacques Maritain e os documentos pontifícios". Legionário, 31 de outubro de 1943. A seguir o Legionário publicou os seguintes artigos sobre o assunto

- "Ataques contra Maritain" (28 de novembro de 1943)
- "Jacques Maritain e sua obra" (12 de dezembro de 1943)
- "A defesa de Jacques Maritain" (06 de fevereiro de 1944)
- "Reprodução total da polêmica que envolveu o 'Diário', Maritain e o 'Legionário'" (13 de fevereiro de 1944)
- "Ainda os 'Direitos do Homem e a Lei Natural'" (20 de fevereiro de 1944).
- "O 'mito' de Maritain" (12 de março de 1944).

Se, como afirma D. Clemente, D. Carlos Carmelo de Vasconcellos Motta já estava informado sobre a situação e já tinha uma opinião formada acerca do Legionário ao chegar a São Paulo (206), demorou muito para resolver realizar um expurgo no jornal. Há indicações de que D. Carmelo procurou apaziguar os ânimos, como mostra o artigo escrito por Plínio em novembro de 1944, onde comentou a Carta Pastoral do Arcebispo que pedia um armistício entre os católicos, prometendo, para breve, uma solução sobre os debates em torno da Ação Católica (207). Plínio comprometeu-se, no artigo, cessar as hostilidades até a decisão da Comissão Episcopal sobre os "momentosos assuntos" referentes à Ação Católica (208). O fato foi que D. Carmelo só afastou Plínio e o seu grupo do Legionário no final de 1947. Mais tarde, o ano de 1948 será considerado por Plínio como marco da infiltração comunista nas fileiras da Igreja no Brasil (209). Esta infiltração foi facilitada pela influência da "politique de la main tendue" que, da Europa, chegava ao Brasil. Tratava-se, segundo Plínio, de uma vasta manobra divisionista em favor de Moscou, que atingiu todo o Ocidente.

Assim descreveu ele a manobra da infiltração:

(206) D. Clemente José Carlos ISNARD, OSB - Op.cit., p. 223.

(207) OLIVEIRA, P.C. de - "Armistício". Legionário, 19 de novembro de 1944.

(208) Idem

(209) OLIVEIRA, P.C. de - A Igreja ante a escalada da ameaça comunista - Apelo aos bispos silenciosos. São Paulo, Editora Vera Cruz, 1976, p. 37.

"Através de que fatos concretos esta manobra, realizada em todos os países do Ocidente, se efetivou no Brasil?

O filósofo neo-escolástico Jacques Maritain então no auge de sua influência, apoiou na França a 'politique de la main tendue'. Este gesto teria inevitável repercussão nos pequenos grupos de intelectuais e homens de ação aninhados nos 'Centro Don Vital' os quais existiam então nas mais importantes cidades do Brasil. Sob a influência de Tristão de Athayde, presidente do Centro D. Vital do Rio de Janeiro, se constituiria aos poucos em todo o Brasil, frequentemente com apoio em Centros Dom Vital de outras cidades, uma agitada corrente maritainista. Todos ou quase todos curvaram disciplinadamente a cabeça, e aderiram à 'politique de la main tendue' quando começou a ser preconizada como novo oráculo, pelo intelectual francês.

Contudo, muitos outros católicos previdentes, também intelectuais e homens de ação, dentro e fora dos Centros D. Vital, nas Congregações Marianas e em outras organizações católicas, discordaram. Começou então nas revistas e jornais católicos uma ardorosa e inevitável polêmica que se alastraria rapidamente para temas filosóficos e teológicos mais conexos ou menos, em que se dividiam maritainistas e não maritainistas" (210).

Os debates, então, não se resumiam a São Paulo e Rio de Janeiro, mas se alastravam para as principais cidades do país. Porém, São Paulo e Rio de Janeiro, pela importância dessas cidades, teriam maior peso nos rumos que tomaria a Igreja no Brasil.

No Rio de Janeiro havia morrido, em 1942, o grande líder da Igreja que foi o Cardeal Leme. Seu substituto, D. Jaime de Barros Câmara, não estava à altura do seu antecessor. Contrário às inovações, mas sem espírito combativo, desentendeu-se com Alceu Amoroso Lima que foi posto de lado. Assim, malgrado suas posições conservadoras, D. Jaime procurou esta-

belecer o

"silêncio sobre certos assuntos" (211).

Em São Paulo, D. Carmelo foi bem mais claro na sua posição,

"(...) resumindo, ele limpou o campo",

com uma

"(...) atuação saneadora" (212).

Plínio e o seu grupo foram, assim, alijados do Legionário.

Depois de um período de ostracismo jornalístico, Plínio encontrará outro veículo para a sua militância. Antônio de Castro Mayer foi nomeado Bispo Coadjutor de Campos em 1948, criando-se uma retaguarda para a fundação do mensário Catolicismo, que começou a ser publicado em 1951. Plínio poderá, então, continuar o trabalho que desenvolvia como diretor do Legionário.

A fase do Legionário terminou tragicamente para Plínio e o seu grupo. O ambicioso projeto ideológico traçado desde o início da década de 30 parecia estar completamente desmoronado. Uma série de fatores conjugados contribuíram para isto: a redemocratização de 1945 (213), a substitui

(211) Cf. D.Clemente José Carlos ISNARD, OSB - Op.cit., p. 223.

(212) Idem.

(213) A democratização de 1945 colocou em evidência os percalços do projeto de Plínio. Ele não via favoravelmente o novo ambiente político criado. Não se identificava com nenhum dos partidos políticos e não achou viável a criação de um partido católico, embora a idéia tenha passado pela sua cabeça. "(...) 1. Ou a direção dos partidos políticos mais importantes, não sabe com-

ção do Arcebispo de São Paulo, novas influências no catolicismo brasileiro, principalmente as inspiradas na obra de Maritain, mudança na estratégia da Igreja no Brasil. Assim, o modelo de catolicismo apregoado por Plínio é o de seu grupo deixa de ser hegemônico em São Paulo. Um novo catolicismo estava em gestação. Plínio, anteriormente, via os seus inimigos fora das fileiras católicas. Desta época em diante ele os verá, principalmente, dentro da "Cidadela de Deus".

preender a opinião católica; 2. Ou que a atende com pesar, na medida do indispensável, servindo-se de todos os defeitos da lei, para lhe conceder o menos possível (...)" "(...) Em que situação ficamos? Se continuarmos dispersos pelos vários partidos, seremos neles perpétuos carneiros tangidos pela vara das suspeitíssimas direções. Se fizermos um partido nosso, cumpre que seja vigoroso, rijo, numeroso. E, para isto, todos devemos entrar nele. Teremos transformado automaticamente em partidos anticatólicos os demais partidos, que bem ou mal, são algum tanto tingidos de católicos agora. Para onde iremos nós?". OLIVEIRA, P.C. de - "Ver-gastada cruel". Legionário, 13 de janeiro de 1946. Plínio culpava a lei eleitoral por esta situação e contra ela escreveu vários artigos no Legionário. Além do citado acima: "Uma péssima lei" (28 de novembro de 1945); "Durante as apurações" (09 de dezembro de 1945); "Periêcos" (16 de dezembro de 1945); "Ainda a lei eleitoral" (23 de dezembro de 1945); "Ditadura partidária" (21 de janeiro de 1946); "Democracia frustrada" (27 de janeiro de 1946); "Ainda a lei eleitoral" (10 de fevereiro de 1946). Com efeito ele não vê ambiente para a aceitação das suas idéias nos meios políticos. "A razão, a decência, a dignidade, estão como que ofuscadas ou eclipsadas pela fosforescência do charlatanismo. Não há oportunidade nem ambiente para que os nomes conhecidos, as figuras dignas, os programas sensatos sejam percebidos, apreciados e preferidos (...)" "(...) É esta a nossa política. Mas será este o nosso Brasil? Quem não vê, não sente, não palpa a indignação, o enfado, a extenuação do Brasil verdadeiro?". OLIVEIRA, P.C. de - "Eleições e expiações". Legionário, 09 de novembro de 1947.

CAPÍTULO 3

O CATOLICISMO E O REGIME DEMOCRÁTICO - 1951-1964

3.1. A HIERARQUIA SOCIAL AMEAÇADA

3.2. OS CATÓLICOS LEIGOS E A POLÍTICA DESENVOLVIMENTISTA

Os objetivos do Catolicismo são os mesmos do Legionário. Dirige-se a uma elite de católicos para aprofundá-los no conhecimento da doutrina católica, mobilizando-os e fornecendo-lhes argumentos com vistas a uma ação que impedisse o crescimento do mal que tomava conta da sociedade. Plínio e o seu grupo continuavam firmes na crença de que basta uma elite consciente e combativa para mudar o rumo dos acontecimentos (1).

Percebe-se, porém, que Plínio recomeçou a sua luta de uma posição inferior a que possuía anteriormente. No período do Legionário, principalmente entre 1938 e 1942, muitos dos seus discursos, como vimos, foram dirigidos aos homens que estavam na cúpula do poder político. Exigia medidas e dava sugestões insinuando a alta representatividade do catolicismo e da Igreja na sociedade brasileira. Já na fase inicial do Catolicismo, os seus discursos têm um caráter mais de proselitismo, preocupado em difundir princípios ideológicos, como que indicando uma tentativa de reagrupamento de forças.

São então recolocados os temas da luta entre o bem e o mal (2) do ideal da cristandade (3), dos desvios da

(1) "Um apostolado especializado: difusão das 'virtudes esquecidas'". Catolicismo, nº 16, abril de 1952.

(2) OLIVEIRA, Plínio Corrêa de - "A cruzada do século XX". Catolicismo, nº 1, janeiro de 1951.

(3) Idem.

democracia (4), da refutação da soberania popular, da identificação das mazelas e dos desvios da sociedade (5).

Isto ocorre durante um processo de modernização do país, cujo desenvolvimento econômico tinha como contra-partida política, o populismo (6). Se este foi uma forma precária de equilíbrio político, que garantia a hegemonia das classes dominantes sobre o conjunto das massas trabalhadoras, incorporando novos setores sociais, como os industriais e as classes médias urbanas, excluindo as lideranças de esquerda, e que tinha o desenvolvimento como solução para os problemas nacionais, a Igreja não rejeitou esta fórmula. Ao contrário, sua tendência foi a de cooperar e legitimar a política desenvolvimentista (7).

3.1. A hierarquia social ameaçada

Entretanto, o grupo liderado por Plínio via nas transformações provocadas pelo desenvolvimento econômico, principalmente nos seus efeitos sociais e políticos, uma grande ameaça ao seu ideal de sociedade. Ideal que tem como modelo

(4) OLIVEIRA, P.C. de - "O culto cego do número na sociedade contemporânea". Catolicismo, nº 8, agosto de 1951.

(5) OLIVEIRA, P.C. de - "O século da guerra, da morte e do pecado". Catolicismo, nº 2, fevereiro de 1951

(6) IANNI, Octávio - O colapso do populismo no Brasil. Quarta edição. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1978, pp. 62-72.

(7) LIMA, Luiz Gonzaga de Souza - Evolução política dos católicos e da Igreja no Brasil, op.cit., p. 18.

a Idade Média, na qual estavam garantidas as desigualdades "naturais" entre as classes harmonicamente hierarquizadas. Cada qual com sua dignidade, função, honra e privilégios próprios (8). Esta ordem social que no Brasil, apesar dos percalços, teria vigorado no passado, achava-se duplamente ameaçada: pela ideologia igualitária e pelas transformações econômicas.

Se, para Plínio, era normal a transformação constante da sociedade, não era porém normal aquela que levava ao igualitarismo (9). O progresso só é louvável quando segue por um caminho seguro e certo. Assim, a tradição, na definição de Plínio, não é um apego a um passado morto, mas a preservação de princípios imutáveis para que o progresso seja bem orientado (10). Infelizmente, lamenta Plínio, a Revolução Francesa rompeu com este "caminhar sereno", este "progresso harmônico" (11).

No Brasil não estaria ocorrendo, na efervescente década de 50, este desenvolvimento harmônico. Ao contrário, as influências negativas que vinham do exterior e a degradação de princípios decorrentes da insensatez política, criavam um ambiente desfavorável para as elites tradicionais. Plínio dirigia-se, então, aos grupos sociais cujo poder, prestí

(8) OLIVEIRA, P.C. de - "A sociedade cristã e orgânica e a sociedade mecânica e pagã". Catolicismo, nº 11, de novembro de 1951.

(9) OLIVEIRA, P.C. de - "Por que o nosso mundo pobre e igualitário se empolgou com o fausto e a magestade da coroação?" Catolicismo nº 31 de julho de 1953.

(10) Idem.

(11) Idem.

gio e cuja situação econômica estavam ameaçados pela política desenvolvimentista. O perigo era apontado nas elites inautênticas que não preservavam os valores tradicionais e nas massas de comportamento irracional, manipuladas pela demagogia. Como afirmava Plínio:

"Potentados da indústria e do comércio, acumulando em suas mãos fortunas imensas, perto das quais os patrimônios das aristocracias de outrora eram quase insignificantes, transformaram a economia num reino fechado, em que dispõem a seu arbítrio da alta e da baixa de preços, da circulação e do emprego das riquezas. Ora oprimem o Estado, ora são oprimidos por este quando sobe a onda da demagogia. E assim, a sociedade se vê cada vez mais apertada entre as duas formas mais ou menos veladas de ditadura: a da oligarquia financeira e a da massa. Daí só pode decorrer o estrangulamento das elites sociais e intelectuais verdadeiras, a opressão do trabalhador pacífico e consciencioso, a dizimação da pequena e média burguesia. Miserável fenômeno de luta de classes, em que a sociedade, no que tem de mais inautêntico e pior — camari-lhas de sangue-sugas da economia ou de demagogos vulgares — devora o que tem, em todos os níveis, de mais autêntico e de melhor" (12).

Para Plínio esta era uma situação que só poderia provocar o enfraquecimento e a quebra da coesão interna de uma nação católica, e fazer pender a balança em favor da grande revolução que assola o mundo, enfraquecendo as fileiras da contra-revolução. Para impedir este processo era que Plínio se esforçava para mobilizar uma elite representativa dos verdadeiros valores da alma nacional. Na verdade esta elite precisava, antes de ser mobilizada, ser constituída. Era preciso que determinados membros da sociedade

(12) OLIVEIRA, P.C. de - "Pio XII e a era de Maria". Catolicismo, nº 48, dezembro de 1954.

brasileira se identificassem com o perfil que Plínio traçava destas elites. Para isto ele vai se inspirar em doze alocuções que Pio XII fez ao patriciado romano entre 1941 e 1952. Nelas o papa definiu, na interpretação de Plínio, a missão da aristocracia no mundo moderno. Um dos seus deveres seria o de preservar os valores católicos. Plínio procurava encontrar no Brasil os grupos sociais que correspondessem a essa nobreza européia. Dizia ele:

"O que é na Europa a nobreza, o são no Brasil o 'paulista de 400 anos' e seus congêneres de todos os Estados. É indispensável que esta classe conheça sua missão no Brasil contemporâneo" (13).

Estas elites tradicionais não teriam o direito de se "dissolver na massa", confundindo-se com esta, nem de se manter isolada na sociedade alheia à sua missão (14). Fariam parte dessa missão o servir de guia e modelo nas várias esferas da vida temporal. Um fato natural ligado à existência dessas elites seria a sua perpetuação através da hereditariedade, conservando

"um rico acervo de bens materiais e espirituais" (15).

Comentando palavras do papa, Plínio escrevia:

(13) OLIVEIRA, Plínio Corrêa de - "Um hino de amor sobe ao trono do pontífice imortal". Catolicismo n° 63, março de 1956.

(14) Idem.

(15) OLIVEIRA, P.C. de - "Missão hodierna das elites tradicionais". Catolicismo n° 64, abril de 1956.

"Magnífica definição do que seja a essência da nobreza, que faz lembrar as grandes estirpes de colonizadores, bandeirantes e plantadores, que durante séculos fizeram o progresso da América, constituindo a maior riqueza moral das sociedades temporais em que viveram e vivem" (16).

A generalização de regimes democráticos no mundo Ocidental do pós-guerra não deviam impedir que as aristocracias mantivessem a sua identidade própria. Diante dessa situação elas deviam impedir que a democracia tomasse um rumo revolucionário. Assim,

"À vista da avalanche igualitária, e sem entrar nas preferências políticas, Pio XII procura tornar a tendência democrática como ela existe, e guiá-la de sorte a evitar mal maior" (17).

A intensão de mobilizar politicamente setores sociais que se identificassem como elite é clara. Com efeito, ele apelava constantemente para que esta aristocracia atentasse para as

"(...) graves responsabilidades destas altas camadas sociais dentro dos planos da providência" (18).

O isolamento e a omissão seriam os seus maiores pecados, uma vez que elas,

"Ignorando sua missão, deixam absorver-se pelo presente, renegando todo o passado, o que no Brasil, é a tentação dos dois polos econômicos das elites tradicionais, isto é, os riquíssimos e os paupé-

(16) OLIVEIRA, P.C. de - "Missão hodierna..." .Op.cit.

(17) Idem.

(18) OLIVEIRA, Plínio Corrêa de - "A importância das elites tradicionais na solução da crise hodierna". Catolicismo nº 65, maio de 1956.

rimos. Os primeiros não raras vezes se cosmopolitizam, se paganizam, assumem toda trivialidade de pensamento e de maneiras dito 'modernas' e 'democráticas'. Os últimos, por desespero, por revolta, por mediocridade, se proletarizam imaginando que a fidalguia não reside tanto nos homens quanto no ouro... que já perderam" (19).

Assim, esta elite devia tentar assumir os postos dirigentes da sociedade e aí exercer uma influência sadia sobre todo o corpo social. Isto devia ser feito, entre outras coisas, para deter o "vento do igualitarismo" que minava a autoridade dos pais sobre os filhos, dos patrões sobre os empregados, dos mestres sobre os alunos. Os males do liberalismo iam corroendo toda a sociedade levando ou à total desagregação ou ao estado policial, e assim

"(...) o 'metier' de governar homens se transforma, quando estes homens se deixarem picar pela mosca venenosa do liberalismo, em função de domador de feras" (20).

Ocorre que as aristocracias precisavam de condições adequadas para se manterem enquanto tais e estas condições estavam sendo destruídas pelo desenvolvimento "desordenado" e por algumas características negativas do próprio capitalismo, uma vez que,

"Sob o aspecto social, nota-se que neste sistema a diferenciação das classes está baseada quase que exclusivamente na predominância dos valores monetários" (21).

(19) OLIVEIRA, P.C. de - "A importância...". Op. cit.

(20) OLIVEIRA, Plínio Corrêa de - "Lutar varonilmente até o fim". Catolicismo nº 67, julho de 1956.

(21) FREITAS, Luiz Mendonça de - "Capitalismo". Catolicismo nº 94, outubro de 1958.

Isto impediria a estabilidade das famílias aristocráticas, provocando uma acentuada capilaridade social. Aspecto inteiramente negativo porque:

"A preservação da civilização católica exigiria um sistema diferente, capaz de garantir a transmissão durante muitas gerações, dos caracteres, dos hábitos e dos progressos morais adquiridos pelos indivíduos e pelas famílias" (22).

Desta forma, na medida em que a sociedade conservava esta aristocracia cristianizada ela tenderia a converter em hábito social as virtudes cristãs. Com efeito, afirmava o articulista do Catolicismo:

"Tais hábitos devem impregnar a vida social a ponto de se transformar em uma segunda natureza, que os indivíduos adquirem como que insensivelmente, apenas pelo fato de viverem neste ambiente são e católico. Mas, para isso, é necessário que as famílias, especialmente as aristocráticas, possam manter-se por muitas e muitas gerações, sem precisar entregar-se a atividades econômicas demasiado absorventes" (23).

A competição acirrada e a mobilidade social acelerada impedem um cuidadoso processo de seleção e aprimoramento. Se os aristocratas tradicionais se descuidam da fortuna para se dedicar à cultura, estão condenados a empobrecer e perder sua posição, então acabam abandonando a vida de cultura para não perder a fortuna (24).

(22) FREITAS, Luiz Mendonça de - Op. cit.

(23) Idem.

(24) Idem.

Apesar desses defeitos do capitalismo ele possuiria dois valores que devem ser preservados: a propriedade privada e a preeminência do indivíduo sobre o Estado (25).

Segundo a nossa interpretação, estes discursos expressos nos artigos do Catolicismo, e já antes no Legionário, visavam atingir dois tipos de elite. Aqueles que, no plano econômico, estão nos extratos mais altos, ou seja, os membros de famílias tradicionais que não perderam a fortuna, e um número indefinido de indivíduos, espalhados pelos diversos segmentos da classe média. Estes últimos, sempre poderão reivindicar a excelência das suas origens e a nobiliarquia das suas famílias. De fato, temos a impressão de que o número de "boas famílias" na nossa sociedade é incontável.

Como já foi observado, a implantação do capitalismo no país não se baseou na ideologia burguesa clássica de legitimação do mercado, onde valoriza-se a competição, a mobilidade social, os direitos individuais, etc., que da economia eram generalizados

"(...) para todas as instituições sociais inclusive para o Estado, constituindo assim uma visão abrangente da ordem social" (26).

Esta ideologia constituiu-se concomitantemente com o desenvolvimento das ciências naturais, as quais servi-

(25) FREITAS, Luiz Mendonça de - Op. cit.

(26) LAMONIER, Bolivar - "Ideologia em regimes totalitários: uma crítica a Juan J. Linz". Estudos Cebrap nº 7. São Paulo, 1974, p. 80.

ram para legitimizar a ordem social burguesa.

A legitimação do desenvolvimento capitalista entre nós se deu de maneira diversa. Na interpretação de Bolívar Lamonier,

"(...) A representação ideológica não o representa (o capitalismo) como o único modelo 'natural' mas em última análise como o mais benéfico, um mal menor, ou talvez aquele que melhor contabiliza o conjunto das representações ideológicas desses indivíduos e grupos (detentores de poder na sociedade). Há portanto valores e representações que se supõem de início como diferentes ou independentes, senão como 'superiores' aos caracteristicamente capitalistas" (27).

Entretanto, após o fim da segunda guerra, com a derrota dos regimes fascistas, cresceu a influência da ideologia liberal. Plínio e o seu grupo representariam a continuidade de uma ideologia que nega legitimidade de uma ordem inspirada na democracia liberal clássica.

Se a função essencial da ideologia é constituir indivíduos em sujeitos (28), os discursos de Plínio delinham claramente o sujeito a ser constituído, mas abrem um leque variável de indivíduos passíveis de serem constituídos neste sujeito. Aristocracias decadentes economicamente, classes médias inseguras da sua posição social ou frustradas na sua pretensão de ascensão, são setores potencialmente influenciáveis por estes discursos.

(27) LAMONIER, Bolívar - Op. cit., p. 82.

(28) ALTHUSSER, L. - Ideología y aparatos ideológicos de Estado. Buenos Aires, Ediciones Nueva Historia, 1974.

3.2. Os católicos leigos e a política desenvolvimentista

Se a tendência da Igreja era a de se adaptar ao quadro político pós-1945, apoiando o desenvolvimentismo dos governos populistas, logicamente o grupo de católicos liderados por Plínio caminhava em direção oposta.

A despeito de ter sido afastado sumariamente do Legionário, Plínio não atacou nenhuma figura da hierarquia católica. Isto ocorrerá somente na década de 60. Suas críticas se dirigiam aos setores católicos leigos. Esta atitude de Plínio e dos seus companheiros do Catolicismo reforça a tese de Luiz Gonzaga de Souza Lima que afirma que o setor dinâmico na transformação do papel político da Igreja foram os setores leigos. Ao seu ver:

"Os setores sociais nos quais o trabalho da Igreja, influenciado pelo chamado 'grupo progressista do episcopado', era mais significativo, isto é, no campo e nas escolas, não foram setores somente escolhidos preliminarmente como áreas a serem defendidas. A ação dos católicos nesses setores (nessas zonas sociais) se deu porque tais setores começaram a se mobilizar na defesa de seus interesses e por transformações nas estruturas do país. Foi essa mobilização que possibilitou a ação da Igreja e que, de certa forma, a solicitou" (29).

Entretanto, a cautela de Plínio em não atacar diretamente a hierarquia tem outras explicações. Na década de 50, e na primeira metade da de 60, a Igreja não aparecia como um protagonista importante na difusão de idéias e projetos considerados errados por Plínio. A C.N.B.B., principalmente na década de 50, não estava ainda estruturada de uma

(29) LIMA, Luiz Gonzaga de Souza - Op. cit., p. 31.

forma que pudesse aparecer como porta-voz oficial do episcopado nacional. Além disso, Plínio contava com o apoio direto de dois bispos, D. Castro Mayer e D. Sigaud. Reforçar a autoridade da hierarquia, confiando em uma maioria conservadora do episcopado, era uma atitude que pareceu mais aconselhável a Plínio naquele momento. Os erros que apontava nos meios católicos não envolviam, então, o nome de bispos. Mas, mesmo sem citar nomes, é possível detectar nos artigos do Catolicismo críticas às novas práticas no meio católico, denunciando, inclusive, que estas pareciam contar com maiores facilidades (30). Aponta as influências negativas de Maritain e condena o católico liberal que aceitava com naturalidade os erros modernos (31). Quando o erro penetrou nos meios católicos Plínio se achava no dever de combatê-lo, sem que isto implicasse em fomentar a desunião entre os católicos. A polêmica poderia ser "conduzida na caridade" sem deixar de ser dura. Por esta razão:

"Se o adversário está investindo as muralhas da fortaleza, é necessário que todos se unam. Mas se ele penetrou na cidadela, não basta lutar extra-muros. É necessário lutar intra-muros também" (32).

(30) OLIVEIRA, P.C. de - "Moderação o grande exagero do nosso século". Catolicismo n° 39, março de 1954. Neste artigo Plínio acusa os católicos da "Terceira força" de serem moderados apenas com o erro e não com a direita.

(31) OLIVEIRA, P.C. de - "Desfazendo explorações maritainistas". Catolicismo n° 42, junho de 1954.

(32) OLIVEIRA, P.C. de - "Não trabalha pela concórdia senão quem luta contra o erro". Catolicismo n° 73, janeiro de 1957. "Razões e contra-razões em todo de tema efervescente". Catolicismo n° 71, novembro de 1956.

No seu dever de católico e em apoio à hierarquia, Plínio se tornará mais explícito nas suas condenações, mostrando que a amplitude dos erros nos meios católicos já era, naquele momento, preocupante. Alguns exemplos apontados: colaboração com os comunistas, incompreensão do magistério eclesiástico, modernização da doutrina católica, erros sobre o celibato, desvios dos ensinamentos do papa, erros sobre a eucaristia, multiplicação de teologias que traem a tradicional e rebeldia dos fiéis diante das determinações da sagrada hierarquia (33). O perigo era visto muito mais na desobediência dos fiéis aos ensinamentos da hierarquia do que numa mudança significativa da posição ideológica e política desta. Confiava-se no clero, mas não se confiava nos leigos. De fato, afirmava Plínio:

"Nosso país vive em circunstâncias que colocam nas mãos do clero — muito mais nitidamente do que em outras épocas — não só o destino eterno de nossos contemporâneos, mas de certo modo o de muitas e muitas gerações vindouras, e ipso facto a grandeza da pátria brasileira nos séculos que estão por vir" (34).

Esta ação benéfica do clero era tão mais importante, naquele momento, devido ao renascimento do modernismo católico entre nós, cujo objetivo era

"arrastar a hierarquia para a via das reformas" (35).

(33) OLIVEIRA, P.C. de - "Indulgentes para com o erro — severos para com a Igreja". Catolicismo n° 72, dezembro de 1956.

(34) OLIVEIRA, Plínio Corrêa de - "Considerações sobre a cultura católica". Catolicismo n° 51, março de 1955.

(35) OLIVEIRA, Plínio Corrêa de - "Por orgulho repelem toda a salvação" Catolicismo n° 82, outubro de 1957.

Plínio afirmava que para os modernistas a autoridade eclesiástica exercia uma função mais ou menos negativa, e por esta razão não se sentiam envergonhados ao serem repreendidos pela autoridade e continuavam, a agir da mesma forma, como se isto fosse um dever sagrado (36). Comparava a ação dos modernistas à dos jansenistas, que minaram as bases do catolicismo na França e impediram uma reação eficiente contra o enciclopedismo e a Revolução Francesa (37).

Com certeza Plínio se referia aos setores leigos de vanguarda da Ação Católica Brasileira (A.C.B.) que, gradativamente vão evoluir para uma posição de luta em favor de

"(...) transformações radicais na estrutura social, com a ascensão das massas ao controle do poder político, (...) (38).

Isto colocava estes setores leigos em posições mais avançadas do que o setor progressista do episcopado uma vez que

"(...) as modificações da estrutura social defendidas pelo grupo progressista eram legitimadas pela doutrina social da Igreja, (e) não contestavam nenhum princípio eclesiástico. Por outro lado, a realização das modificações propostas não estabelecia nenhum antagonismo com as classes dominantes, e além do mais permitia o estabelecimento de relações de colaboração com as classes governantes. As modificações estruturais propostas pelo grupo progressista do episcopado deveriam ocorrer dentro dos limites do populismo, e de seu projeto de desenvolvimento" (39).

(36) OLIVEIRA, P.C. de - "Por orgulho..." op. cit.

(37) OLIVEIRA, P.C. de - "Revivem nos modernistas o espírito e os métodos do jansenismo". Catolicismo, nº 83, novembro de 1957.

(38) LIMA, Luiz Gonzaga de Souza - Op. cit., p. 35.

(39) Idem, p. 34.

Ocorre ainda que esta posição, aquêm das dos setores leigos, não era nem unitária nem majoritária dentro da Igreja, existindo, além disso, um setor radicalmente conservador.

Por esta razão é que o Catolicismo criticava os setores católicos leigos juntamente com as propostas reformistas do populismo. As tentativas de solução dos problemas sociais eram deslegitimadas com uma argumentação teológica. A preocupação com o sofrimento neste mundo era assim tida como "exagerada", visto que o maior mal do mundo não seria o sofrimento, mas o pecado (40). Uma preocupação excessiva em aliviar sofrimentos levaria a uma deformação de um sentimento tipicamente cristão: a caridade (41). Condenava assim o realismo daqueles que afirmavam

"que abrir escolas é fechar cadeias";

que a questão operária decorria exclusivamente da má organização da sociedade; que fosse viável um democratismo que tornasse possível a todos os homens serem capazes de decidir tudo razoavelmente, suprimindo-se assim a autoridade e a elite (42). Por outro lado lamentava a tendência de valorização da técnica em prejuízo da moral. Dizia ele:

"O mundo do futuro pertence aos instrutores e aos técnicos. Não aos sacerdotes, moralistas e educação

(40) OLIVEIRA, P.C. de - "Uma deformação romântica da caridade: o 'bom coração'". Catolicismo n° 34, outubro de 1953.

(41) Idem.

(42) OLIVEIRA, P.C. de - "O progresso da civilização depende mais da moral do que da ciência". Catolicismo n° 74, fevereiro de 1957.

dores" (43).

A par deste desvio, resultante do

"ateísmo teórico e prático" (44)

ocorria uma tendência para o socialismo, o qual estaria ali-
cerçado no

"despotismo dos corpos legisladores"

que estimulavam a voracidade tributária, a estatização das fontes de energia, a reforma agrária, a redução dos prazos de usucapião, enfim, acabavam apoiando medidas que, mesmo tendo maioria parlamentar, seriam contrárias ao direito natural (45).

Enquanto a política populista do governo, e os se-
tores que a apoiavam, apostavam no desenvolvimento econômi-
co como solução para os problemas sociais, Plínio lembrava que a abundância, o bem-estar e a prosperidade não aproximam os homens de Deus. Apontava a "crise" enfrentada por socie-
dades prósperas como a sueca e a suíça para argumentar que era uma falácia supor que os nossos problemas de crise reli-
giosa e moral fossem causados pela miséria, insegurança, ex-
cesso de trabalho, etc. (46). Assim, nosso atraso econô-
mico era agravado, pela influência negativa que vinha do ex-
terior. Plínio lamentava:

(43) OLIVEIRA, P.C. de - "O progresso...". Op. cit.

(44) Idem.

(45) SANTOS, J. de Azeredo - "Temis de túnica vermelha", Cato-
licismo nº 73, janeiro de 1957. Artigo que critica o ma-
nifesto das Assembléias Legislativas após o Congresso
realizado em São Paulo em novembro de 1956.

(46) OLIVEIRA, P.C. de - "A mortificação cristã, princípio vi-
tal da civilização". Catolicismo nº 76, abril de 1957.

"Pois este nosso pobre país, cheio de misérias, mazelas e crises, padece espiritualmente do mal dos prósperos! Não somos ricos, mas nosso perigo moral é exatamente o da Suíça e da Suécia" (47).

O "explendor" do progresso pode ser, neste ponto de vista, negativo, pois leva a um excessivo apego aos bens materiais, quando necessário seria o desapego. Com efeito, argumentava Plínio:

"Ora, trata-se precisamente de o desapegar. E isto, não só porque esse tipo de felicidade terrena para a grande maioria dos povos é inatingível, mas porque, se realizado, gera bárbaros. A dor é necessária no panorama mental do homem, e isto sob todos os aspectos. Dor moral, dor física, insegurança, pobreza, morte, tudo enfim que faça o homem gemer ou chorar. Não é que achemos que a vida é só dor. Mas sem ela a vida não é vida. É vulgaridade, é egoísmo, e baixeza de alma, é infâmia" (48).

É interessante notar que Plínio possuía plena consciência de que este tipo de discurso só teria aceitação em um círculo muito limitado de pessoas. Sentia que remava contra a maré. Dizia, então,

"Tudo isto posto, se de uma parte temos a persuasão de ter dito coisas de maior importância, de outro lado não podemos fugir à sensação de que tudo é palavreado vazio, uma coleção de lugares-comuns mais do que sabidos, mas que não assustam, não convencem, não servem para coisa alguma" (49).

A época estava a exigir mais do que simples pregação doutrinária, a julgar pela conclusão de Plínio:

(47) OLIVEIRA, P.C. de - "A mortificação...". Op. cit.

(48) Idem.

(49) Idem.

"E é bem exato. Nunca a humanidade, por si mesma, abraçará estas verdades. E a de nossa época menos do que outra qualquer" (50).

Vivia-se (e parece que ainda vivemos), segundo Plínio, em uma situação onde era mais fácil influenciar para o mal do que para o bem. O clima de tolerância para com o mal criava um ambiente hostil aos intolerantes, visto que

"(...) o intolerante não é tolerado em nenhum lugar. Vivemos na era da tolerância. Todas as opiniões são permitidas. Não se pode suportar que alguém sustente que há opiniões que não podem ser permitidas" (51).

Plínio sente que era considerado um extremista, mas sua ideologia não permitia que ele fizesse nenhuma concessão aos "erros modernos".

O desenvolvimento do "espírito igualitário" entre nós indicaria que o país, lentamente, abria caminho para a implantação comunista. Existiriam católicos que aceitavam como certa a vitória do socialismo (52), em uma clara "traição" aos ensinamentos da Igreja.

A política educacional também seria socializante uma vez que a ampliação do ensino público levaria a uma uniformização não garantindo a desigualdade de classe e de origem dos alunos. Além do que seria falsamente gratuito, pois se alimentaria de um imposto voraz. Isto roubaria o legíti-

(50) OLIVEIRA, P.C. de - "A mortificação...". Op. cit.

(51) OLIVEIRA, P.C. de - "O laicismo dos Estados roubou à sociedade moderna o sentir da Igreja". Catolicismo n° 79, julho de 1957.

(52) SANTOS, J. de Azeredo - "A tática de enevoar". Catolicismo n° 79, julho de 1957.

mo privilégio de se ter uma educação desigual (53).

Assim os redatores do Catolicismo insistiam em apontar as conseqüências negativas da industrialização, da democratização do ensino, da intervenção do Estado na economia, da participação mais ativa da massa nas decisões políticas e, o pior, do engajamento de católicos neste processo. Neste ritmo de reformas o comunismo ganhava terreno e seria implantado sem necessidade do uso da força, como na Rússia.

Plínio e os seus companheiros do Catolicismo encontrarão na reforma agrária um tema privilegiado para a ação político-ideológica. Com efeito, uma das questões que mais provocou polêmicas e aglutinou forças contra os governos populistas foi a da reforma agrária. Plínio aproveitou bem a potencialidade do tema. O engajamento do Catolicismo na luta contra a reforma agrária aumentou as possibilidades de aceitação das suas idéias. Ampliou o leque dos seus possíveis simpatizantes.

Não foi então por acaso que o acirramento dos debates em torno das propostas de reforma agrária coincidiu com uma mobilização maior de Plínio e seus seguidores, assim como coincidiu com uma insistência mais freqüente e calorosa no perigo comunista.

Em 1959 Plínio escreveu o livro "Revolução e Contra-Revolução" que servirá como diretriz ideológica para a organização que será fundada no ano seguinte: a

(53) ALVARENGA, Cunha - "Proletarização do ensino secundário". Catolicismo nº 84, dezembro de 1957.

"Sociedade para a defesa da Tradição, Família e Propriedade" (T.F.P.).

Esta decisão foi importante porque revelou que Plínio percebeu que a simples atividade jornalística e a atuação localizada de militância político-ideológica nas dioceses de D. Castro Mayer e D. Sigaud estavam aquém das exigências do momento. O fato de ser uma organização sem relações de dependência com a hierarquia da Igreja vai dar a ela maior liberdade de ação. A T.F.P. tentará realizar o papel que Plínio havia idealizado para a Ação Católica na década de 30.

A fundação da T.F.P. e o engajamento na luta contra a reforma agrária marcaram uma mudança na militância de Plínio e do seu grupo. Não se limitaram, a partir daí, à produção de idéias, mas fizeram com que as idéias gerassem campanhas, debates, mobilizações.

Em março de 1960 Plínio alertava para o perigo que representava o confisco de terras pelos governos do Rio Grande do Sul e de Pernambuco (54). Neste mesmo ano será preparado um livro para

"despertar a classe dos fazendeiros"

para a ameaça que pairava sobre a propriedade fundiária (55). Do seu ponto de vista a agitação em favor da reforma não vi-

(54) OLIVEIRA, P.C. de - "Revolução e contra-revolução em 30 dias". Catolicismo n° 111, março de 1960.

(55) MAYER, D. Antônio de Castro; SIGAUD, D. Geraldo de Proença; OLIVEIRA, P.C. de & FREITAS, L.M. de - Reforma agrária - Questão de consciência. São Paulo, Editora Vera Cruz, 1960.

nha "de baixo", mas era promovida "do alto" (56). A apresentação de vinte projetos de reforma no Legislativo Federal seria uma maneira de agitar as massas para que estas aceitassem o assunto (57). As massas rurais estariam frias e distantes, além disso, o espírito religioso do povo seria um fator de ordem no campo (58). Mas isto não queria dizer que o perigo não fosse grande, uma vez que:

"Com a demagogia por alavanca e a confusão por ponto de apoio, pode-se tirar de seus gonzos um país. Principalmente porque, se a confusão começa a se instalar no elemento dirigente e pensante, o que não têmer?" (59).

Para evitar que isto levasse à implantação do socialismo era preciso isolar as minorias, denunciar as intenções de um "palavreado capcioso" e

"(...) mais especialmente, obstar a toda forma de exploração da religião para fins de luta de classes e revolução agrária, (...)" (60).

É com este espírito que foi lançado, em novembro de 1960, o livro "Reforma agrária. Questão de consciência". A primeira edição, de cinco mil exemplares, esgotou-se em três semanas. Os autores receberam elogios na imprensa, nos órgãos de classe dos proprietários rurais, na Câmara Federal, na televisão. A Comissão de Economia da Assembléia Legisla-

(56) OLIVEIRA, Plínio Corrêa de - "Reforma agrária - Questão de consciência". Catolicismo n° 118, outubro de 1960.

(57) Idem.

(58) Idem.

(59) Idem.

(60) Idem.

tiva de São Paulo convidou os autores para opinarem sobre o Projeto de Revisão Agrária do Governo Carvalho Pinto⁽⁶¹⁾.

Provavelmente, em resposta ao livro, D. Helder Câmara compareceu à televisão e prestou o seu apoio ao projeto de Revisão Agrária em nome do Episcopado paulista. O apoio dos bispos paulistas suscitou um esclarecimento do secretário de D. Castro Mayer da Diocese de Campos nas páginas do Catolicismo: os bispos não são infalíveis. Em caso de controvérsias entre eles, o fiel devia recorrer aos ensinamentos dos papas, estes sim infalíveis em matéria doutrinária (62).

Assim, o livro recebeu apoio de bispos, como D. José Maurício da Rocha, de Bragança, mas recebeu críticas inesperadas, como as de Gustavo Corção (63).

Se o objetivo do livro era provocar um acirramento dos debates e uma mobilização contra a Reforma Agrária, ele foi atingido. Em julho de 1961 iniciou-se no Rio Grande do Sul um abaixo-assinado de agricultores contra a reforma. O documento continha uma moção de apoio às teses dos

(61) "O pleno êxito de um grande livro". Catolicismo n° 120, dezembro de 1960.

(62) BLOES NETO, Pe. João - "Esclarecimento". Catolicismo n° 120, dezembro de 1960.

(63) Plínio respondeu as críticas de Corção em três artigos, dos quais consultamos dois:

"Reforma agrária Questão de consciência - Livro odioso como a invasão da Hungria?". Catolicismo n° 124, abril de 1961 e "RAQC-Livro que o Sr. Corção não leu". Catolicismo n° 125, maio de 1961.

autores do livro. Posteriormente, o abaixo-assinado, com vinte e sete mil assinaturas, será entregue ao Congresso Nacional como forma de pressão. Em outubro do mesmo ano Plínio pronunciará conferências em Belo Horizonte a convite de órgãos estudantis da Universidade Federal de Minas Gerais. Em dezembro, novas conferências em Belo Horizonte, agora como hóspede oficial do governo mineiro. Além de conferências e abaixo-assinados promoveu-se o envio de telegramas, cartas e manifestos aos deputados, ao presidente da república, ao Congresso Nacional (64).

Esta mobilização foi concomitante ao confronto com os setores leigos da Ação Católica, principalmente com a Juventude Universitária Católica (J.U.C.). A ação do Catolicismo era no sentido de mostrar que os comunistas e certos "arraiais católicos" estavam do mesmo lado: ambos estavam irados contra o livro R.A.Q.C. (65). Neste sentido é que será organizada uma mensagem assinada por seiscentos universitários mineiros interpelando ex-dirigentes e ex-assistentes eclesiásticos da J.U.C. sobre um manifesto publicado no jornal O São Paulo de 10 de junho de 1962, no qual condenavam o capitalismo e o marxismo, optando por uma terceira posição. Os estudantes queriam esclarecimentos sobre esta posição. Para isto enviam uma série de proposições

(64) OLIVEIRA, Plínio Corrêa de - Sou católico: posso ser contra a Reforma Agrária? . São Paulo, Editora Vera Cruz, 1981, pp. 205-210.

(65) OLIVEIRA, P.C. de - "Revolução e contra-revolução em 30 dias". Catolicismo nº 125, maio de 1961.

para serem respondidas pelos membros da J.U.C. Estas proposições ilustram bem os pontos de divergência entre os interpeladores e os interpelados. Vejamos as principais:

1. Pode existir socialismo católico?
2. O capitalismo é de qualquer forma anti-católico?
3. São favoráveis à Reforma Agrária expropriatória ou às teses do livro R.A.Q.C.?
4. São favoráveis à reforma urbana que visa acabar com o inquilinato?
5. Os operários têm direito nos lucros, propriedade e gestão da empresa?
6. São favoráveis à cátedra universitária?
7. São favoráveis à relação com os países comunistas?
8. São favoráveis à legalização do Partido Comunista?
9. São favoráveis à colaboração com os comunistas no movimento estudantil?

Para que não pairassem dúvidas sobre a organização exigia-se respostas objetivas e claras ⁽⁶⁶⁾. A J.U.C. não respondeu. Mais tarde, março e abril de 1964, a interpelada será a Ação Católica por haver apoiado o plano de Reformas de Base do Governo Goulart. O apóio da Ação Católica era legitimado por um documento da Comissão Central da C.N.B.B. de 30 de abril de 1963, que defendia a necessidade de reformas de base. A interpelação teria contado com cento e sessenta mil assinaturas coletadas pela T.F.P. (uma versão posterior da organização fala em 207.000) e exigia da Ação Católica uma justificativa da sua atitude com base na doutrina católi-

(66) OLIVEIRA, Plínio Corrêa de - "Reforma agrária questão de consciência em 30 dias". Catolicismo n° 140, agosto de 1962.

ca (67) . Não houve resposta.

Os argumentos contra as reformas de base, principalmente a reforma agrária, a pressão sobre os órgãos da Ação Católica e a pregação contra o comunismo ocorreram si multaneamente. Os dois bispos que apoiavam Plínio, e que faziam parte do grupo do Catolicismo, foram diligentes na ação de prevenir os fiéis. Contra as variadas artimanhas da "Seita comunista", D. Castro Mayer publicou uma pastoral em julho de 1961, afirmando que toda a América Latina estava ameaçada depois do que ocorreu em Cuba. Alertava que, em Sierra Maestra, católicos cooperaram com os revolucionários caindo no engodo comunista mais usual: luta contra a miséria e a injustiça. Na verdade os comunistas queriam era exacerbar as massas contra as elites. Por esta razão, os católicos não deviam nunca apoiar campanhas das quais os comunistas participassem. Não pode haver acordo entre comunistas e católicos em nenhum ponto. Alertava também contra os desvirtuamentos dos documentos pontifícios, feitos para tentar encontrar afinidades entre a doutrina católica e as teses comunistas . Os agitadores aproveitavam a realidade social, com suas injustiças, as misérias, os sofrimentos, para fomentar a luta de classes, mas a revelação afirma que o sofrimento é fruto do pecado original. Diante disso, devemos lutar vigorosamente contra o comunismo e pregar o desapego aos bens

(67) "160 mil brasileiros proclamam: reformas de base importam mesmo numa questão de consciência". Catolicismo n° 160, abril de 1964.

terrestres (68).

D. Sigaud, em março de 1962, não fica atrás, publica também a sua carta pastoral contra o comunismo. Depois de expor didaticamente todos os pontos essenciais do comunismo, seus objetivos, sua visão de mundo, sua origem e evolução, aponta os seus disfarces e suas táticas atuais, entre eles a tentativa de neutralizar a religião pela tática da colaboração, levando os católicos e os cristãos à apostasia. Emprega-se com mais frequência, a fim de confundir, a palavra socialismo, o qual age como verdadeiro cavalo de Tróia do comunismo. Por fim os fautores da revolução realizaram a sua maior proeza, enfeitaram o socialismo com o rótulo de cristão. No Brasil, naquele momento, devido a esta ação solerte do comunismo, haveria o perigo deles chegarem ao poder. Com efeito eles já estariam infiltrados nos setores vitais da nossa sociedade. Diante disso, a carta propunha algumas medidas práticas que bem poderiam ter servido de orientação para os militares que assumiram o poder mais tarde:

1. Legislação de repressão ao comunismo.
2. Ruptura das relações diplomáticas e comerciais com a Rússia.
3. Proibição (efetiva) do Partido Comunista Brasileiro.
4. Expurgo dos propagandistas e agentes comunistas nos meios militares, estudantis, sindicais, etc.

(68) Cf. D. Antônio de Castro MAYER - "Carta pastoral prevenindo os diocesanos contra os ardis da seita comunista". Catolicismo n° 127, julho de 1961.

5. Expurgo nas empresas privadas.
6. Análoga ação nas repartições públicas e organismos paraestatais.
7. Eleição de deputados e senadores anti-comunistas e anti-socialistas (69).

Em agosto do mesmo ano, D. Sigaud publica uma propaganda anti-comunista mais simples. Um conjunto de perguntas e respostas no estilo do catecismo usado nas igrejas⁽⁷⁰⁾.

Para os que são de opinião que a Igreja não deve interferir em assuntos temporais, principalmente políticos, estes três documentos servem para uma reflexão sobre o assunto.

Observe-se que o esforço de divulgação destes escritos foi muito grande. Para isto contou-se com a presteza dos membros da T.F.P. Com a citada carta pastoral de D. Castro Mayer a organização fundada por Plínio adotou, como meio mais eficiente de divulgação, o sistema de venda direta ao público nas ruas de diversas cidades. Assim, a carta de D. Castro Mayer teve, até o fim de 1963, três edições, com 11.500 exemplares. A carta pastoral de D. Sigaud vendeu 13.000 exemplares (duas edições).. E o seu "Catecismo anti-comunista" 110.000 exemplares, num total de cinco edições (71).

(69) Cf. D.Geraldo de Proença SIGAUD, S.V.D. - "Carta pastoral sobre a seita comunista, seus erros, sua ação revolucionária e os deveres dos católicos na hora presente". Catolicismo n° 135, março de 1962.

(70) Cf. D.Geraldo de Proença SIGAUD, S.V.D. - "Catecismo anti comunista". Catolicismo n° 140, agosto de 1962.

(71) Dados citados por P.C. de OLIVEIRA - Sou católico... op cit. , p. 207.

A ação liderada por Plínio Corrêa de Oliveira contra as reformas de base contribuiu para criar um clima favorável ao golpe militar de 1964, como afirmou o próprio Plínio (72).

Se havia naquele momento uma possibilidade de implantação de um projeto de desenvolvimento socialista (73) , como alternativa ao modelo de desenvolvimento capitalista as sociado que de fato de implantou, os católicos, enquanto tais, estiveram envolvidos política e ideologicamente na questão.

O debate realizado entre Plínio e o então deputado Paulo de Tarso ilustra bem os polos opostos em que se situavam os católicos. O tema do debate foi: Qual dos dois sistemas estaria mais perto do cristianismo, o socialismo ou o capitalismo? Plínio argumentava que o capitalismo "em si mesmo" é de acordo com a doutrina católica. O que a Igreja condenaria seriam os abusos. Quanto ao socialismo a condenação seria completa, não podendo haver um socialismo católico. A argumentação de Plínio era sustentada com citações de Leão XIII, Pio XI e Pio XII. Paulo de Tarso insistia no termo "socialização" que estaria contido na *Mater et Magistra* de João XXIII (74).

(72) OLIVEIRA, P.C. de - Sou católico... Op.cit., p. 208.

(73) IANNI, Octávio - Op. cit., p. 11.

(74) "Capitalismo e socialismo: Qual a posição da Igreja?" - Reprodução de debate na TV Tupi de São Paulo realizado no dia 24 de outubro de 1961. Catolicismo nº 132, dezembro de 1961.

O confronto entre católicos sobre a questão socialista foi acirrado pelos documentos pontifícios de João XXIII e pelas discussões do Concílio do Vaticano II a partir de 1962.

Em janeiro de 1962 Plínio alimentava esperanças de que o próximo Concílio conseguisse fazer cessar a

"desorientação que lavrava em numerosos ambientes católicos" (75).

Já condenava antecipadamente algumas conjunturas para o Concílio, como o ecumenismo, afirmando que a Igreja não podia renunciar a nenhuma parte da sua doutrina para realizar a união com outros cristãos (76).

A Encíclica *Mater et Magistra* deu margem a que os católicos de esquerda afirmassem que o trabalhador tivesse direito certo na participação nos lucros, co-gestão e co-propriedade na empresa. O Catolicismo via na Encíclica uma reafirmação da doutrina social da Igreja, não havendo fundamento nela para inovações apressadas (77). Acusava de usarem de má fé os que, como Tristão de Athayde, extraíam dos textos pontifícios a palavra "socialização" (78).

(75) OLIVEIRA, P.C. de - "Na perspectiva do próximo Concílio" Catolicismo nº 133, janeiro de 1962.

(76) OLIVEIRA, P.C. de - "Revolução e contra-revolução em em trinta dias". Catolicismo nº 134, fevereiro de 1962.

(77) SANTOS, J. de Azeredo - "Mais uma Encíclica mal interpretada". Catolicismo nº 137, maio de 1962.

(78) ALVARENGA, Cunha - "Equilibristas". Catolicismo nº 155, novembro de 1963.

Plínio escreveu contra o espírito do igualitarismo que fazia com que o Concílio fosse visto como uma assembleia representativa. O Concílio estava e não poderia sair da égide do papa (79). O princípio da colegialidade dos bispos, que seria adotado nas conferências episcopais, era visto como uma ameaça à autoridade dos bispos. Por esta razão foi condenado por bispos conservadores durante o Concílio, como D. Sigaud (brasileiro) e D. Lefebvre (francês)(80).

O golpe de abril de 1964 será uma vitória das forças que se opunham às propostas populistas de reforma. Entre estas forças se encontrava Plínio e o seu grupo. Eles se sentiram orgulhosos de terem contribuído para o sucesso da "revolução anticomunista", verdadeira

"glória do povo brasileiro" (81).

O aplauso à revolução foi acompanhado de sugestões repressivas, como podemos ver nas linhas a seguir:

"Catolicismo não precisa dizer até que ponto apoia os expurgos anticomunistas. Sob certo aspecto, toda a nossa vida tem sido um infatigável pleitear de energia imediata e total contra os subversivos da ordem eclesiástica, bem como da ordem civil. Os fatos supervenientes provam até que ponto tínhamos razão.

(79) OLIVEIRA, P.C. de - "Concílio e o igualitarismo moderno". Catolicismo n° 142, outubro de 1962.

(80) OLIVEIRA, P. C. de - "Pensando, criticando, matizando e esperando na borrasca do século XX". Catolicismo n° 160, abril de 1964.

(81) "A revolução anticomunista, glória do povo brasileiro". Catolicismo n° 161, maio de 1964.

Entretanto, parece-nos que não basta ficar nos expurgos já feitos. A nação precisa ter toda a vigilância, em relação a elementos cuja solidariedade com o esquerdismo, em dias de Jango, a preocupou.

Dizendo-o mencionamos especialmente na esfera civil — os ex-ministros San Thiago Dantas e Afonso Arinos" (82).

Os meios católicos, obviamente, não foram descuidados. Plínio fez questão de mostrar a participação católica na

"nefasta obra do governo Goulart" (83).

Os órgãos de repressão estavam devidamente alertados para a "infiltração subversiva" na Igreja através das denúncias de Plínio, como a que segue:

"Muito se falou, ao longo da recente crise política, do lamentável papel desempenhado pelo chamado esquerdismo católico. Como reconhecem os observadores políticos de todas as correntes, inclusive os de esquerda, não teria sido possível a Goulart e seus auxiliares levar tão longe a sua nefasta obra, sem o apoio de escritores, oradores populares e arregimentadores de massas que, formados em seminários e organizações da Ação Católica, se utilizavam em favor das reformas de base socialista e confiscatórias, do janguismo e até do comunismo, das credenciais que a um ou a outro título tinham para anunciar ao público a doutrina social da Igreja. Pois, era única e exclusivamente o prestígio imenso da Igreja, oriundo da natureza desta, bem como de seu grande e glorioso passado, que esses infelizes — despidos de qualquer prestígio pessoal junto à imensa maioria sadia do povo — exploravam para destruir até as suas bases a civilização cristã no Brasil" (84).

(82) "A revolução anticomunista..." Op. cit.

(83) OLIVEIRA, P.C. de - "Não pertence ao ensinamento de Cristo a defesa da propriedade?". Catolicismo nº 162, junho de 1964.

(84) Idem.

Por enquanto os atacados pela pena de Plínio eram os católicos leigos. Futuramente será a C.N.B.B. Isto se explicava pela crescente divergência entre a Igreja e o Estado no Brasil. Com efeito a hierarquia, na sua maioria, teve uma atitude tímida e temerosa diante do golpe (85). Ela tentou se adaptar ao novo regime, estando mesmo disposta a apoiá-lo, contanto que isto não significasse o abandono de qualquer possibilidade de influenciar as classes dominadas, ou seja, de poder preservar a sua autonomia e a independência da sua ação. Ocorre porém que

"(...) os militares sō compreendiam o apoio no sentido militar: como adesão incondicional. No seu entender, essa incondicionalidade seria justificada pelas suas proclamações de defesa do 'mundo ocidental e cristão', o que lhes conferiria o direito de limitarem a atividade da Igreja a distribuição dos sacramentos e a organização dos atos litúrgicos, devendo a hierarquia disciplinar ou renegar os seus subordinados que contra essa limitação se rebelassem" (86).

Acrescente-se a isto o fato de que o plano de desenvolvimento que orientava os governos militares contrariava o ponto de vista da Igreja na sua política de remover os obstáculos que dificultavam a sua ação junto às classes dominadas (87).

(85) ALVES, Márcio Moreira - Op. cit., p. 182.

(86) Idem, pp. 199-200.

(87) ROMANO, Roberto - Op. cit., pp. 226-229.

Os setores católicos conservadores não sentiam este problema. Não tinham como proposta a aproximação com os setores dominados e por isto identificavam - se com o regime instalado pelo golpe.

CAPÍTULO 4

A IGREJA E O MOVIMENTO DE 1964

- 4.1. O CONFRONTO COM A HIERARQUIA
- 4.2. O REPÚDIO À "BURGUESIA PROGRESSISTA"
- 4.3. A MANIPULAÇÃO IDEOLÓGICA
- 4.4. A POLÍTICA INTERNACIONAL E A ESPERANÇA NA REAÇÃO
CONSERVADORA

Esta fase da atuação político-ideológica de Plínio será caracterizada pelo combate acirrado que moverá contra a C.N.B.B., órgão máximo do episcopado nacional, e por esta razão, colocando-se em uma posição de defesa do poder do Estado e contra os interesses corporativos da instituição Igreja. Posição oposta à que teve na fase do Legionário, mas, por paradoxal que possa parecer, utilizando os mesmos argumentos. Antes a "ordem cristã" parecia depender mais do fortalecimento da influência da Igreja. Após o golpe, principalmente no período posterior a 1968, a maior ameaça à ordem cristã pareceria a Plínio estar dentro da Igreja.

Por outro lado, o golpe de 1964 foi recebido por Plínio e pelos seus seguidores com esperanças de uma reviravolta completa na situação política e ideológica do país. Isto porque, o regime então instaurado, erigiu como inimigos aqueles que já eram combatidos por Plínio desde a época do Legionário. Finalmente, pensava Plínio, os postos-chave de influência seriam arrancados das mãos subversivas, ou coniventes com a subversão.

É neste clima de confiança no regime militar e de desconfiança na atuação de muitos bispos, padres e católicos leigos, que se dará o confronto de Plínio com a hierarquia católica.

4.1. O confronto com a hierarquia

O confronto de Plínio com a cúpula da Igreja no Brasil começou a se acentuar na medida em que a atuação da instituição, representada pela C.N.B.B., ou por bispos individualmente, assumia uma posição de crítica ao regime militar. Com efeito a C.N.B.B. evoluiu de uma atitude de cautela, esperança de acordo, apoio condicional ⁽¹⁾, até à oposição clara.

Os primeiros confrontos entre Plínio e figuras do episcopado ocorreram porque, enquanto ele e os seus companheiros clamavam por repressão nos meios católicos infiltrados por subversivos ⁽²⁾, bispos, mesmo alguns considerados conservadores, protestavam contra a repressão indiscriminada. Esta defesa dos bispos provocou a imediata reação do Catolicismo ⁽³⁾.

(1) Ver a declaração da Comissão Central da C.N.B.B. divulgada no dia 03 de junho de 1964, reproduzida por Luiz Gonzaga de Souza LIMA - Op. cit., pp. 147-149.

(2) ALVARENGA, Cunha - "Elites católicas promovem sensualidade, lutas de classes e subversão social". Catolicismo n° 171, março de 1965.

(3) "Resposta de Catolicismo a uma carta do Exmo. Revmo. Sr. Arcebispo de Porto Alegre". Catolicismo n° 175, julho de 1965. Apesar da sua posição conservadora o Arcebispo de Porto Alegre sentiu necessidade de preservar a instituição da repressão e dispensar a "ajuda" de organismos situados à margem dela, caso da T.F.P. A Ação Católica da Arquidiocese foi vítima de um IPM. O Catolicismo apoiou a ação repressiva e D. Scherer contou as acusações e negou a culpa dos implicados.

A hostilidade entre Plínio e figuras do episcopado, acabando por envolver a C.N.B.B. (4), aumentou na medida em que ela assumiu não só a defesa dos "agentes da subversão" nos meios eclesiásticos, mas também acabou empunhando as suas bandeiras.

A reação de alguns bispos contra a ação da T.F.P. foi bastante incisiva. D. José de Medeiros Delgado travou uma polémica com Plínio pelos jornais na qual chamou Plínio de "polemista inútil" e "cangaceiro das letras católicas" (5).

D. Castro Pinto foi outro bispo que advertiu os fiéis contra a T.F.P., dizendo que ela não tinha autoridade para falar em nome da Igreja e que, na prática, havia assumido posições contrária a ela. Plínio negou as acusações e apontou no bispo alguns desvios como o seu apoio ao padre Comblin e as suas teses favoráveis aos protestantes (6).

Apesar dos conflitos individuais com alguns bis-

(4) "A T.F.P. ao público". Catolicismo n° 188, agosto de 1966. Este comunicado foi publicado nos principais jornais e foi uma resposta à declaração da Comissão Central da C.N.B.B. condenando a ação da T.F.P. e advertindo os fiéis para que obedecessem os seus verdadeiros pastores.

(5) Ver os artigos de Plínio Corrêa de Oliveira "Respeitosos reparos a 'Conversas avulsas' do Exmo. Sr. Arcebispo de Fortaleza". Catolicismo n° 195, março de 1967. E "Um diálogo que se tornou impossível". Catolicismo n° 196, abril de 1967.

(6) OLIVEIRA, P.C. de - "D. Castro Pinto em quadrinhos". Folha de S. Paulo de 27 de novembro de 1968.

pos, Plínio alimentava esperanças de uma derrota dos progressistas na C.N.B.B., ou pelo menos de uma neutralização da ação da instituição pelos bispos conservadores. Em agosto de 1968, por exemplo, Plínio escreveu dois artigos comentando a atitude discordante de dezenove prelados contra pronunciamento da C.N.B.B.⁽⁷⁾. Estes prelados escreveram uma carta ao presidente Costa e Silva dessolidarizando-se com as decisões da C.N.B.B. aprovadas no encontro realizado, de 15 a 20 de julho de 1968, no Rio de Janeiro. Plínio afirmou que a atitude oposicionista da C.N.B.B. era devida ao autoritarismo de uma minoria progressista⁽⁸⁾. Esta opinião era compartilhada por muitos bispos. Com efeito o Cardeal D. Agnelo Rossi recebeu uma denúncia a este respeito assinada por quarenta bispos⁽⁹⁾. Para Plínio, isto era um sinal de que a Igreja não caminharia para a esquerda, e que a "miragem progressista" estaria se desfazendo: a C.N.B.B. não tomaria um rumo socialista, o que, se ocorresse, a colocaria em conflito com as forças armadas⁽¹⁰⁾.

A estratégia adotada por Plínio, era, então, de atacar as figuras mais destacadas do episcopado, consideradas progressistas, como D. Helder Câmara⁽¹¹⁾. Alarmando a

(7) OLIVEIRA, P.C. de - "Das páginas da imprensa para as da história-I". Folha de S. Paulo de 17 de agosto de 1968.

(8) OLIVEIRA, P.C. de - "Das páginas da imprensa para as da história-II". Folha de S. Paulo de 20 de agosto de 1968.

(9) Idem.

(10) Idem.

(11) OLIVEIRA, P.C. de - "D. Helder: 3 êxitos marcantes". Folha de S. Paulo de 30 de outubro de 1969. "Ciclamatos de D. Helder: ponto final". Folha de S. Paulo de 02 de outubro de 1969. "D. Helder cria problema - Comunistas aplaudem". Folha de S. Paulo de 01 de fevereiro de 1970.

maioria conservadora da C.N.B.B. poder-se-ia, assim, isolar os progressistas e tirar deles o apoio e a legitimidade da Igreja Católica para as suas ações.

Por esta razão, Plínio se tornará insistente em apontar as "evidências" da infiltração esquerdista nos meios católicos. O discurso que deslegitimava a ação progressista, legitimava, ao mesmo tempo, a ação da T.F.P. O nascimento da T.F.P. ocorreu para contrapor a infiltração subversiva na Igreja (12). A história da T.F.P. é a história da transformação da Igreja no Brasil. Neste sentido ela assume claramente o papel de força auxiliar dos governos militares contra a oposição que recebiam da Igreja (13). A ação da organização liderada por Plínio é justificada como necessária ao combate à subversão para a qual não existiriam

"(...) soluções colocadas apenas em termos de força" (14).

Os militares não podiam, argumentava Plínio, reduzir ao silêncio a sociedade civil e

"(...) tratar a sua própria pátria como terra conquistada" (15).

(12) OLIVEIRA, P.C. de - "Como ruiu a pirâmide de Queops". Folha de S. Paulo, 05 de fevereiro de 1969. "Kamikaze". Folha de S. Paulo, 15 de fevereiro de 1969. "Nasce a T.F. P." Folha de S. Paulo, 22 de fevereiro de 1969.

(13) OLIVEIRA, P.C. de - "O gládio, as batatas e o astro". Folha de São Paulo, 19 de abril de 1969.

(14) Idem.

(15) Idem.

Por esta razão a T.F.P. cooperava numa campanha permanente que levasse o povo a admirar e a colaborar na ação anti-subversiva (16). Os militares e o governo não poderiam exercer esta ação por conta própria. Ela só poderia ser realizada adequadamente com

"(...) a cooperação de múltiplas forças vivas, espontaneamente nascidas do próprio povo, cheias de convicção de idealismo, e de sadia auto-determinação" (17).

À medida em que a Igreja se transformava em uma das principais instituições de oposição ao regime, Plínio intensificava suas denúncias contra o clero subversivo. A idéia básica das suas denúncias era a que o comunismo escolheu a Igreja como disfarce para a sua ação. Esta atuação comunista no interior da Igreja teria feito surgir a denominada "Igreja nova", traidora da Igreja católica autêntica (18). Qualquer inovação ocorrida na prática da Igreja, já era imediatamente identificada com a ação comunista (19). As denúncias cobravam da direção da Igreja medidas auto-repressivas. Exigia-se que a Igreja fizesse um expurgo nas suas fileiras (20). Para isto Plínio apresentava provas dos desvios dou-

(16) OLIVEIRA, P.C. de - "O gládio...". Op. cit.

(17) Idem.

(18) OLIVEIRA, P.C. de - "Artigo-bomba explode em Madri". Folha de S. Paulo, 07 de maio de 1969.

(19) OLIVEIRA, P.C. de - "Da infiltração a subversão". Folha de S. Paulo, 14 de maio de 1969. "Os 'grupos proféticos' a serviço da Igreja nova e do comunismo". Folha de S. Paulo, 21 de maio de 1969.

(20) OLIVEIRA, P.C. de - "O 'jornal da verdade' e a crise religiosa". Folha de S. Paulo, de outubro de 1969. "O incólume". Folha de S. Paulo, 7 de dezembro de 1969.

trinários e da identidade de princípios de certos católicos com o comunismo. Entretanto, a atitude da Igreja foi de não aceitar as denúncias. Ao contrário, apoiava e defendia a ação dos seus membros quando eles eram vítimas de processos, denúncias, campanhas e prisões. Isto fez com que Plínio apontasse a C.N.B.B. como conivente com a subversão (21). Cita como exemplo a atuação do padre Comblin que, apesar de todas as denúncias, continuava incólume (22). Mesmo os bispos considerados conservadores, como D. Agnelo Rossi ou D. Vicente Scherer, não aceitaram endossar as conclusões dos órgãos repressivos (23). Esta atitude justificaria, aos olhos de Plínio, a ação repressiva, pois se a autoridade eclesiástica não tomava providências, o Estado, em "legítima defesa", teria que usar outros meios de ação (24). A opinião católica bem informada (Plínio, obviamente, se encarregou de informá-la) não se chocaria com as medidas de força (25).

Plínio esforçou-se, diante da atitude da Igreja, em deslegitimar todas as suas iniciativas, intensificando as críticas contra os documentos da C.N.B.B. (26), os pro-

(21) OLIVEIRA, P.C. de - "O jogo da verdade...". Op.cit.

(22) Idem.

(23) OLIVEIRA, P.C. de - "Surpresa surpreendente". Folha de S. Paulo, 16 de novembro de 1969. "E quando há provas". Folha de S. Paulo, 03 de maio de 1970. "O otimismo, esse perigo". Folha de S. Paulo, 29 de novembro de 1970.

(24) OLIVEIRA, P.C. de - "O jogo da verdade...". Op.cit.

(25) Idem.

(26) OLIVEIRA, P.C. de - "C.N.B.B. e a luta de classes". Folha de S. Paulo, 20 de novembro de 1976.

nunciamentos individuais dos bispos (27), as campanhas promovidas pela Igreja (28). Insinuou que a Igreja, devido à sua mudança de atitude, estava perdendo prestígio e influência. Escrevia, então, Plínio:

"Já disse alhures, e aqui repito, que essa imensa influência (da Igreja) sofreu acentuada diminuição no Brasil — como aliás no mundo inteiro — em consequência da crise progressista que começou a minar os meios católicos já desde os últimos anos do pontificado de Pio XII" (29).

Realmente, pelo menos entre as classes dominantes, a ação da Igreja no Brasil é mais provável que provoque preocupações do que angarie prestígio. A elas não faltam motivos para endossarem a constatação de Plínio:

"Onde estão os pastores e os sermões anti-comunistas que se ouviam tanto outrora (...) quando o comunismo constituía um perigo remoto? Onde as medidas canônicas de profilaxia anti-comunista, próprias a fazer cessar a infiltração comunista na Igreja? Se formos otimistas, diremos que de tudo isto não se vê quase nada" (30).

A atuação de Plínio e da sua organização, a T.F.P., causou dissabores a muitos bispos e à própria C.N.B.B. Isto porque, os escritos publicados por Plínio eram acompanhados de ruidosas campanhas de rua: campanhas contra a reforma

(27) OLIVEIRA, P.C. de - "Não é, não é, não é". Folha de S. Paulo, 28 de maio de 1977.

(28) OLIVEIRA, P.C. de - "Shorts e comunhões sacrílegas". Folha de S. Paulo, 04 de junho de 1972. "A pastoral sobre Cursilhos". Folha de S. Paulo, 03 de dezembro de 1972. "Na própria Espanha os Cursilhos são caso". Folha de S. Paulo, 31 de dezembro de 1972. "Ferve o cursilhismo" Folha de S. Paulo, 28 de dezembro de 1973.

(29) OLIVEIRA, P.C. de - "Desagregam-se os gomos?". Folha de S. Paulo, 20 de março de 1978.

(30) OLIVEIRA, P.C. de - "Perigosamente cambaia". Folha de S. Paulo, 25 de outubro de 1970.

agrária, contra o padre Comblin, contra a infiltração esquerdista no clero, contra o IDO-C, contra o divórcio, etc. (31).

Numa fase de regime ditatorial e repressivo esta ação visava colocar a ação da Igreja sob suspeita constante. Poderia ter provocado, inclusive, uma cisão muito mais profunda nos meios católicos e na própria hierarquia. Entretanto a C.N.B.B. conseguiu manter uma unidade, até certo ponto surpreendente, nas suas condenações ao regime militar e na aprovação de resoluções que contrariavam os setores dominantes (32).

Esta atitude da Igreja não se explica apenas pela auto-defesa corporativa da instituição ao se sentir atacada. Ela se insere no quadro mais geral das mudanças ocorridas na Igreja universal, particularmente na Igreja Latino-Americana. Os pontificados de João XXIII e de Paulo VI, as decisões do Concílio Vaticano II e das Conferências de Medellín, na Colômbia, e Puebla, no México, foram marcos na im-

(31) Sobre a ação da T.F.P. e as suas campanhas ver Sociedade Brasileira de Defesa da Tradição, Família e Propriedade - Meio século de epopéia anticomunista. São Paulo, Editora Vera Cruz, 1980 e MONTEIRO DE LIMA, Délcio - "A goela do leão". In Os Senhores da Direita. Rio de Janeiro, Edições Antares, 1980. Infelizmente, o último livro cita poucas fontes e não tem notas de rodapé.

(32) DELLA CAVA, Ralph - "Política a curto prazo e religião a longo prazo". In Encontros com a Civilização Brasileira, nº 1. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1978.

plantação de uma nova estratégia de atuação, novas formas de organização e novos argumentos teológicos. A novidade não estava nas propostas, mas no fato delas serem assumidas oficialmente pelos mais altos representantes da Igreja. Os progressistas da C.N.B.B. achavam-se plenamente estimulados e legitimados pelos ventos que sopravam do Vaticano.

Por se tratar de um fenômeno que não se restringe ao Brasil, os artigos de Plínio não se limitaram a criticar apenas o episcopado nacional. Acompanharam atentamente a atuação da Igreja no exterior, principalmente na América Latina (33).

Se antes a palavra do papa era um dos argumentos preferidos de Plínio, no pontificado de Paulo VI a própria palavra papal será criticada. Assim, quando Paulo VI instituiu um novo *Ordo missae*, diferente em vários pontos do anterior, que data do século XVI, Plínio procurou justifi-

(33) O número de artigos escritos por Plínio tratando de questões atinentes à Igreja fora do Brasil é muito grande. Entre eles podemos citar: "O vós todos que passais pelo caminho". Folha de S. Paulo, 05 de março de 1969. "150 padres face a trama para destruir a Igreja". Folha de S. Paulo, 09 de abril de 1969. "Desconcertante". Folha de S. Paulo, 30 de abril de 1969. "Concordo com Fidel, discordo do Monsenhor". Folha de S. Paulo, 08 de outubro de 1969. "Claro como água". Folha de S. Paulo, 07 de junho de 1970. "Entre lobos e ovelhas: novo estilo de relações". Folha de S. Paulo, 01 de novembro de 1970. "Sim, são por meio de uma Cruzada!". Folha de S. Paulo, 15 de novembro de 1970. "Onze padres valentes". Folha de S. Paulo, 15 de abril de 1973. "A tragédia: sós, sem chefe e sem pastor". Folha de S. Paulo, 22 de abril de 1973. "Prelado brilhante pela ausência". Folha de S. Paulo, 17 de junho de 1973. "O Arcebispo de Ho Chi Minh". Folha de São Paulo, 09 de outubro de 1977.

car a atitude de parte do clero de recusar a inovação (34). Por outro lado manifestou a sua perplexidade quando Paulo VI mandou um telegrama a Salvador Allende desejando felicidades e prosperidade para o seu governo (35). Plínio diz que não se trata de simples gentileza, pois o nuncio apostólico teve encontro privado com Allende cercado por clima da maior cordialidade (36). A Igreja estaria dando aprovação e ajuda a um programa de governo marxista (37).

Quando o delegado do Vaticano na O.I.T. elogiou o desenvolvimento econômico da China, Plínio classificou a declaração de autodemolidora da Igreja (38). Paulo VI foi igualmente criticado por não se pronunciar contra o metralhamento de três fugitivos no Muro de Berlim, mas ter engrossado o coro da esquerda católica para protestar contra um suposto e não provado massacre na África (39). A "Ostpolitik" de Paulo VI estaria favorecendo claramente a expansão comunista no mundo. No caso do Brasil ele advertiu o embaixador brasileiro acerca da violação dos direitos huma

(34) OLIVEIRA, P.C. de - "O direito de saber". Folha de S. Paulo, 25 de janeiro de 1970. "Artiguetes ácidos e uma carta a Cyrano". Folha de S. Paulo, 29 de março de 1970.

(35) OLIVEIRA, P.C. de - "Perplexidade que agride". Folha de S. Paulo, 28 de março de 1971.

(36) Idem.

(37) Idem.

(38) OLIVEIRA, P.C. de - "O suicida vai bem obrigado". Folha de S. Paulo, 08 de julho de 1973.

(39) OLIVEIRA, P.C. de - "Fatos e comentários". Folha de S. Paulo, 24 de julho de 1973.

nos. Isto provocou a reação indignada de Plínio (40). Por que não apresentou provas? Por que escolheu logo o Brasil para censurar? Com isto o papa, juntamente com a política do Presidente Carter, estariam abalando as classes dirigentes na América Latina (41).

A T.F.P. enviou um abaixo-assinado, com 1.600.368 assinaturas, solicitando ao papa, em 1968, medidas eficazes contra a infiltração comunista no clero brasileiro, fato que estaria mais do que comprovado pelo exemplo do padre Comblin, e não obteve resposta (42). Mas o papa intercedeu pessoalmente em favor de D. Pedro Casaldáliga (43), bispo cujo comunismo Plínio se esforçou para provar através de minuciosa análise dos seus escritos (44).

Esta posição "desfavorável" do papa ajuda a entender vários artigos escritos por Plínio, onde ele apresentou argumentos que justificam a discordância dos fiéis em relação à orientação do papa. Confessou o seu amor e o seu dever de obediência ao papa, mas ressaltou que só obedecerá se isto não significar pecado, pois em primeiro lugar deve

(40) OLIVEIRA, P.C. de - "Diário comunista romano aplaude Paulo VI". Folha de S. Paulo, 16 de julho de 1977.

(41) Idem.

(42) OLIVEIRA, Plínio Corrêa de - A Igreja ante a escalada da ameaça comunista... Op. cit., p. 75.

(43) Idem, p. 31, nota 12.

(44) Idem, pp. 11-30.

obediência a Deus (45). Quando um superior está cometendo um erro doutrinário é perfeitamente legítimo contestá-lo (46). Para justificar esta afirmação Plínio recorre à autoridade de vários teólogos do passado, dos quais extrai uma afirmação significativa

"Deve-se resistir em face ao papa que publicamente destrói a Igreja" (47).

O papa poderia até tornar-se cismático (48). Por esta razão é dever dos católicos pedir esclarecimentos à hierarquia quando ela induz ao erro (49). Neste sentido as críticas deviam ser bem recebidas, principalmente em uma época, afirma Plínio, em que a Igreja não recusa o diálogo até com os ateus (50).

Plínio já havia insinuado anteriormente que a Igreja poderia se transformar em um instrumento de ação do comunismo, na sua tarefa de arrancar a fé do povo e fazê-lo aceitar uma ordem social contrária à doutrina cristã tradicional (51). Este processo de "auto-demolição" da Igreja visaria uma convivência pacífica entre cristãos e comunis-

(45) OLIVEIRA, P.C. de - "A perfeita alegria". Folha de S. Paulo, 12 de julho de 1970.

(46) OLIVEIRA, P.C. de - "São Paulo: 'resisti-lhe em face'". Folha de S. Paulo, 11 de março de 1973.

(47) OLIVEIRA, P.C. de - "A um jovem enfurecido contra a TFP". Folha de S. Paulo, 04 de março de 1973.

(48) OLIVEIRA, P.C. de - "São Pio X agradeceu as críticas". Folha de S. Paulo, 18 de março de 1973.

(49) Idem.

(50) Idem.

(51) OLIVEIRA, P.C. de - "Lições no jardim do vizinho". Folha de S. Paulo, 25 de julho de 1971.

tas, a exemplo do que ocorreu com a Igreja Ortodoxa (52), cuja ação para acabar com a religião na Rússia foi mais eficiente do que a força bruta. Nas palavras de Plínio:

"Para arrancar a fé da alma popular — pensava—
-se com razão no Crêmlim — a mão brutal e estúpida do sem-Deus e incomparavelmente menos eficiente do que a mão unguida, macia, jeitosa, do mau bispo, do mau padre, da freira degradada" (53).

O sentido maior da denúncia de Plínio era o de mostrar que a Igreja trocou a condenação doutrinária do socialismo e do comunismo por uma procura de convivência. A Igreja romana estaria, assim, seguindo o mesmo caminho da Igreja ortodoxa, onde:

"A fim de conseguir segurança e pão, os bispos — bem diversos dos antigos mártires — se sujeitavam a qualquer coisa" (54).

Dessa forma, a política de aproximação de Paulo VI em relação aos governos vermelhos desfigurava a Igreja e em nada contribuía para atenuar as posições comunistas (55).

Em 1963 Plínio escreveu um ensaio para demonstrar

(52) OLIVEIRA, Plínio Corrêa de - "Na I.O.". Folha de S. Paulo, 19 de setembro de 1971.

(53) OLIVEIRA, Plínio Corrêa de - "Autodemolição, instrumento de lavagem cerebral". Folha de S. Paulo, 26 de set. 1971.

(54) OLIVEIRA, Plínio Corrêa de - "A I.O. no 'water shoot'". Folha de São Paulo, 03 de outubro de 1971.

(55) OLIVEIRA, Plínio Corrêa de - "Não, não e não". Folha de São Paulo, 26 de março de 1972.

que não pode haver acordo entre a Igreja e os Estados comunistas (56). Depois Plínio amplia o seu estudo e transforma a matéria em livro (57). Este escrito de Plínio é o que conseguiu maior divulgação. Só em português teve 10 edições, com um total de cem mil exemplares. Foi ainda editado em mais oito línguas: uma edição em alemão, onze em castelhano, três em francês, uma em húngaro, quatro em inglês, duas em italiano, uma em polonês e uma em ucraniano. Como podemos ver, não faltam recursos nem canais para a divulgação das obras de Plínio.

4.2. O repúdio à "burguesia progressista"

É claro que Plínio divergia dos rumos da Igreja a nível nacional e internacional. Entretanto, embora a Igreja tenha uma importância especial para Plínio, não foi apenas nela que ele concentrou as suas críticas nos artigos que escreveu na Folha de S.Paulo. O esquerdismo, apesar da Revolução de 1964, encontrava facilidades de penetração em vários outros ambientes, como, por exemplo, nos meios burgueses. De fato, uma das preocupações primordiais

(56) OLIVEIRA, P.C. de - "A liberdade da Igreja no Estado comunista". Catolicismo n° 152, agosto de 1963.

(57) OLIVEIRA, Plínio Corrêa de - Acordo com o regime comunista: para a Igreja, esperança ou autodemolição. 10a. edição. São Paulo, Editora Vera Cruz, 1974.

Obs.: O título foi modificado na décima edição. A obra foi distribuída a todos os presentes na segunda e terceira sessões do Concílio Ecumênico.

de Plínio será com a imprevidência da burguesia diante da ameaça comunista. Um dos sinais dessa imprevidência seria o pacifismo, a crença ingênua de que o comunismo podia ser comedido e amante da paz (58). Assim, ao mesmo tempo que se criava uma atitude tolerante com o comunismo, acentuava-se a intolerância com a T.F.P. (59). A condenação dos extremismos e a tentativa de resolver os problemas sociais através de reformas, seria a tática mais perigosa da esquerda disfarçada de centro (60). "Desgraçadamente" a burguesia era sensível a estes argumentos centristas. Surgiu, assim, a figura contraditória do anticomunista favorável ao comunismo na prática (61). Se dizem anticomunistas, mas adotam pontos de vista coincidentes com os comunistas (62). A aprovação das relações pré-matrimoniais e o casamento como simples registro para efeitos civis secundários, seriam alguns pontos em comum com os comunistas (63). O ideal comunista de vida sexual tornou-se a aspiração de muitos no ocidente. Concluía, então, Plínio:

(58) OLIVEIRA, Plínio Corrêa de - "Refletindo em pleno suspense". Folha de S. Paulo, 28 de agosto de 1968.

(59) OLIVEIRA, Plínio Corrêa de - "Cá e lá os mesmos tiranos há". Folha de S. Paulo, 04 de setembro de 1968.

(60) OLIVEIRA, Plínio Corrêa de - "2 + 2 ainda é igual a 4?" Folha de S. Paulo, 16 de outubro de 1968.

(61) OLIVEIRA, Plínio Corrêa de - "Para os anti-comunistas pró-comunismo". Folha de S. Paulo, 04 de junho de 1969.

(62) Idem.

(63) Idem.

"A consequência salta aos olhos: quem aplaude ou promove a imoralidade nas sociedades do Ocidente, prepara-se para o comunismo" (64).

Existe, dizia Plínio, um nexo entre família e propriedade, destruída a família pela imoralidade, ameaçada de morte ficaria também a propriedade (65).

Plínio não via superioridade do comunismo em nenhum campo, mas temia a ameaça comunista devido à moleza e à imprevidência dos anticomunistas, aliadas ao fanatismo, à sagacidade, à agilidade e à técnica de manipulação da opinião pública das minorias autenticamente comunistas (66).

O burguês, só preocupado com o seu lucro imediato e acreditando que o desenvolvimento econômico resolvia os problemas sociais, era, no fundo, um egoísta, visava apenas a felicidade terrena (67). As atividades da nação eram vistas como um negócio, o que dava numa total inversão de valores (68). Por esta razão queria a paz a qualquer custo e estava disposto a comprá-la, até com a perda da fé, honra e independência (69). A resistência ideológica coerente poderia provocar a subversão e a guerrilha e, por

(63) OLIVEIRA, P.C. de - "Para os anti-comunistas pró-comunismo", op.cit.

(64) Idem.

(65) Idem.

(66) OLIVEIRA, P.C. de - "Animar, esse dever urgente". Folha de S. Paulo, 10 de setembro de 1969.

(67) OLIVEIRA, P.C. de - "Dissecando o avestruz". Folha de S. Paulo, 07 de fevereiro de 1971.

(68) Idem.

(69) Idem.

isto, era evitada pelo burguês comodista (70). Assim, ele adotava sistematicamente a tática de ceder para não perder. O medo da guerra, ou da revolução violenta, o tornava favorável a todo tipo de conciliação (71). Aceitava a pregação esquerdista de que o mundo caminhava para o socialismo, e de que era possível combinar aspectos positivos dos dois blocos ideológicos em que se divide o mundo, resultando em um sistema que combinasse liberdade política com igualdade social e dirigismo econômico (72). Neste tipo de pregação é que Plínio via o maior perigo, afirmando:

"Confesso que considera mais perigoso para o Brasil o sapo do que o terrorista. Pois não creio que o temperamento nacional se deslumbre com a violência. Sinto-o, entretanto, sensível aos pregadores de todas as conciliações" (73).

Ao explicar o avanço do comunismo pela imprevidência da burguesia, Plínio era coerente com a sua idéia de que os acontecimentos são determinados pelas elites. Assim, o vírus comunista se propagaria de cima para baixo. Surgia nos membros da "Inteligentzia", contaminava os jovens universitários e se propagaria para o resto da população, pois estas pessoas representam o prestígio social. Os meios de comunicação se encarregariam de apresentá-los como

(70) OLIVEIRA, P.C. de - "Dissecando...". Op. cit.

(71) OLIVEIRA, P.C. de - "Sapo de guarda-chuva, perigo máximo". Folha de S. Paulo, 17 de setembro de 1969.

(72) Idem.

(73) Idem.

a maioria no seu meio e, assim, o mau-exemplo se generalizava (74). Plínio comparava a difusão do comunismo com a da droga. É usada pela mania de novidade e acaba viciando (75).

Plínio tentava mostrar que a atitude de recuo da burguesia frente ao comunismo, repetia o erro da monarquia e da aristocracia diante do republicanismo (76). O "monarqu-aristocratismo" foi vitimado pela tática do medo-simpatia, agora empregada pelo comunismo (77). A tática consistia em alternar períodos de violência e ameaças com concessões e sorrisos (78). Ante a face ameaçadora do comunismo o burguês assustado se voltava para o socialismo que lhe parecia mais brando e aceitável (79). Concluía então Plínio:

"Em suma, sem jamais subir ao poder, o PC astutamente auxiliado pelo socialismo, vai conseguindo a metamorfose da sociedade burguesa" (80).

Derrotadas a dinastia e a nobreza, resta a burguesia em franca decadência, lenta e contínua, marcada pela erosão da propriedade e pela penetração do espírito socia-

(74) OLIVEIRA, P.C. de - "Apetite de extravagância total" .
Folha de S. Paulo, 09 de abril de 1972.

(75) Idem.

(76) OLIVEIRA, P.C. de - "O binômio medo-simpatia". Folha de S. Paulo, 01 de março de 1970.

(77) Idem.

(78) Idem.

(79) Idem.

(80) Idem.

lista nas fileiras da burguesia e do clero (81).

A Revolução Bolchevista de 1917 causou pânico nos "povos civilizados", foi a fase violenta do avanço comunista. Mas ele, depois de causar medo, muda de tática e procura atrair simpatias. Por esta razão o comunismo,

"Em várias fases de sua história ele tem tido necessidade de contemporizar, de sorrir, de fazer promessas, para adormecer a vigilância e a combatividade do adversário, antes de se atirar sobre ele" (82).

Assim, o comunismo ia conseguindo com a mão alheia o que não conseguiria por suas próprias mãos. Conseguia o apoio de burgueses, atraídos por um socialismo difuso, e de trabalhadores intelectuais, convencidos de que o socialismo é irreversível (83). Esta ação das forças revolucionárias explicaria algumas atitudes paradoxais da burguesia. Como a do exemplo abaixo:

"Com efeito, o empresário é, por definição, um proprietário. E não se compreende como possa alguém estar cômoda e opulentamente aboletado na situação de proprietário... e, ao mesmo tempo, ser contra a propriedade" (84).

(81) OLIVEIRA, Plínio Corrêa de - "1770-1970: uma visão de conjunto". Folha de S. Paulo, 22 de fevereiro de 1970.

(82) OLIVEIRA, P.C. de - "A manobra Garaudy". Folha de S. Paulo, 15 de março de 1970.

(83) OLIVEIRA, P. C. de - "Garaudy esboça outra aproximação". Folha de S. Paulo, 08 de março de 1970.

(84) OLIVEIRA, Plínio Corrêa de - "O coelho". Folha de S. Paulo, 04 de abril de 1971.

Na visão que Plínio tem da política e da ideologia, só existem duas posições coerentes e aceitáveis: a sua posição e o comunismo no extremo oposto (85). Às outras posições, ou faltaria lógica, ou sinceridade. Esta postura de Plínio o levou a condenar as posições políticas que ele denominava centristas. O centrista teria uma posição incoerente porque quer conciliar o inconciliável. O reto pensamento tem que ter lógica, pois:

"O caminhar do espírito se parece com o do corpo. É saudável, belo e nobre quando se dirige retamente ao ponto terminal. É enfermizo, deselegante e sem varonia quando hesita, titubeia e se perde nos descaminhos e dédalos da dúvida" (86).

Para Plínio o centrista aceita este postulado, "esta exigência lógica" para um físico ou um matemático, ou seja, quando se trata de ciência, mas ao pensador político entende que tal não é lícito:

"E se este age como o cientista e chega às últimas consequências do seu pensar, o centrista o qualifica desde logo de extremista" (87).

Entretanto, é preciso distinguir em Plínio dois significados diferentes para o termo "centrismo". O "falso" e o "verdadeiro" centrismo. O verdadeiro seria um estado de espírito comum ao cidadão médio brasileiro, o qual era assim descrito por Plínio:

(85) OLIVEIRA, Plínio Corrêa de - "Os ene-a-ene é". Folha de S. Paulo, 05 de abril de 1970.

(86) OLIVEIRA, P. C. de - "Sobre a palavrota-palavrão". Folha de S. Paulo, 26 de setembro de 1979.

(87) Idem.

"Segundo sinto o centrista, este parte da noção de que, no Brasil, a imensidade de território, a doçura do clima, a generosidade e suavidade de toda conduta da natureza, minguem entre nós os fatores que têm levado tantos outros povos a crises, revoluções e guerras. De outro lado, a indole pacata e afetiva do brasileiro fã-lo ter aversão a rixas, intrigas ou dramalhões" (88).

Este centrismo, que constituiria a maioria no país, é então um "estado psicológico e temperamental", que levaria o brasileiro a tentar compor a direita com a esquerda, mas a "perspicácia do brasileiro" impediria que ele visse no comunismo a solução para os seus problemas⁽⁸⁹⁾. Dessa forma ele seria, basicamente, consevador, quer a ordem social como ela é, não pendendo nem para a direita nem para a esquerda⁽⁹⁰⁾. Sua característica maior é uma certa indiferença diante dos fatos que não dizem respeito direto ao seu interesse individual⁽⁹¹⁾.

O "falso centrismo" pode ser identificado pela sua atitude diante da direita e da esquerda. Aparentam indecisão, mas na prática nutrem simpatias pelo comunismo e aversão pela direita, principalmente pela T.F.P.⁽⁹²⁾. A democracia cristã será o exemplo mais citado por Plínio do centrismo falso:

(88) OLIVEIRA, Plínio Corrêa de - "Bálsamos, unguentos e e chazinhos curam câncer?". Folha de S.Paulo, 21 de fevereiro de 1977.

(89) Idem.

(90) OLIVEIRA, P.C. de - "Como escapar ao vácuo". Folha de S.Paulo, 05 de novembro de 1972.

(91) OLIVEIRA, P.C. de - "Psico-tornassol". Folha de S.Paulo, 06 de fevereiro de 1978. "Ahorita,ahorita". Folha de S.Paulo, 18 de novembro de 1978.

(92) OLIVEIRA, P.C. de - "Rumo firme na nau da indecisão". Folha de S.Paulo, 26 de julho de 1970.

"Como o comunismo, do qual é uma espécie de caçula, a D.C. é, em toda a América do Sul, essencialmente um fenômeno de salão e de sacristia. Ela não conquistou a pequena burguesia nem o operariado. O grosso de seus recrutados faz parte da alta burguesia, ou dos círculos 'snobs' da burguesia média. O conjunto dos burgueses democristãos constitui a 'saparia'. Centrista na aparência, esta é ardorosamente esquerdista na realidade"(93).

Na sacristia o falso centrista também agiria em favor da esquerda, usando de muita sagacidade visto que:

"Ele não se confunde com o padrezinho incendiário; a freira subversiva ou o agitador leigo.(...) Assume ares de pessoa 'aggiornata', mas de temperamento cauto e conciliador. Procura criar a impressão de que está a meio termo entre a T.F.P. e a esquerda, e aponta defeitos em uma e outra. Cochichando indignado, recomenda toda a intransigência para com a T.F.P. Falando alto com timbre untuoso e linguagem condescendente, preconiza compreensão e tolerância, quando se trata da esquerda" (94).

A D.C. não se resume, para Plínio, no conjunto dos partidos com esta denominação. Ela seria uma "seita bem estruturada" que, em alguns países, assumiu a forma de um partido político (95). O falso centrismo da D.C. seria demonstrado pela sua atuação favorável à esquerda, como o P.D.C. italiano com sua "abertura a sinistra" (96), ou o P.D.C. chileno, responsável pela confusão que resultou na

(93) OLIVEIRA, Plínio Corrêa de - "A dupla intensidade da D.C." Folha de S.Paulo, 13 de agosto de 1973.

(94) Idem.

(95) Idem.

(96) OLIVEIRA, Plínio Corrêa de - "O bolo". Folha de S. Paulo, 12 de junho de 1969.

vitória de Allende (97). No Brasil a D.C. faz parte da "falange progressista" que trama a ruína do país (98). Sob a aparência de indecisão e neutralidade pulsa no pedecista uma inconfessada simpatia pelo comunismo (99).

Os burgueses imprevidentes, paganizados e como—distas, o clero progressista, traidor da "verdadeira" Igreja, os católicos leigos imbuídos pelo espírito da D.C. contribuam, cada um a sua maneira, para a penetração de um "comunismo difuso" que substituiu com vantagens a pregação clara e aberta dos partidos comunistas no Ocidente, que os têm levado, sempre, ao fracasso eleitoral onde participam de eleições (100).

Embora o progressismo de diversos matizes representem minorias, ele consegue ir aos poucos minando as resistências e metamorfoseando a sociedade em direção aos objetivos comunistas. Os principais pontos dessa ação visariam:

1. Degradar todas as formas de expressão artística;

-
- (97) OLIVEIRA, P.C. de - "Toda a verdade sobre as eleições no Chile". Folha de S. Paulo, 10 de setembro de 1970. "O lobo uiva em defesa do pastor". Folha de S. Paulo, 22 de março de 1970.
- (98) OLIVEIRA, P.C. de - "O que é um pedecista". Folha de S. Paulo, 19 de julho de 1970.
- (99) OLIVEIRA, Plínio Corrêa de - "Indecisos, talvez, neutros jamais". Folha de São Paulo, 02 de agosto de 1970.
- (100) OLIVEIRA, Plínio Corrêa de - "Comunismo: a grande mudança de tática". Folha de S. Paulo, 23 de janeiro de 1972.

2. Eliminar a boa escultura dos parques e substituí-la por configurações informes e sem graça e significação.
3. Fazer desaparecer as leis que refreiam as obscenidades.
4. Apoiar todo movimento socialista para o estabelecimento de uma autoridade central sobre uma seção qualquer da educação cultural.
5. Infiltrar nas igrejas para substituir a religião revelada por uma religião social.
6. Desacreditar a família pela propaganda do divórcio e do amor livre.
7. Tratar todos os problemas de conduta pessoal como sendo desordens psiquiátricas que devam ser tratadas por especialistas (101).

Para Plínio, a denúncia que ele fazia desse estado de coisas, através dos seus livros, artigos e da ação da T.F.P., numa verdadeira operação de desmascaramento, era que provocaria a ojeriza contra ele e a sua organização. Com efeito, ele freqüentemente denunciava as "difamações", os "ataques gratuitos", a "mã-vontade" da imprensa, as incompreensões e as condenações dos bispos das quais seria vítima a T.F.P. (102).

(101) OLIVEIRA, P.C. de - "Rapazolas e moçoilas em risco". Folha de S. Paulo, 02 de abril de 1972.

(102) OLIVEIRA, P.C. de - "Sapo zangado". Folha de S. Paulo, 09 de julho de 1969. "O sapo quer coexistência e Comblin". Folha de S. Paulo, 30 de julho de 1969. "Extremismos de direita, cebolas e sapos alados". Folha de S. Paulo, 28 de dezembro de 1969. "Os 'sapos', a epopeia e a opereta". Folha de S. Paulo, 21 de setembro de 1970. "Por que?". Folha de S. Paulo, 10 de janeiro de 1971. "És tu?". Folha de S. Paulo, 04 de outubro de 1970. "Artimanhas centristas em favor da esquerda". Folha de S. Paulo, 02 de julho de 1969. "Violência". Folha de S. Paulo, 09 de outubro de 1968.

Desta forma se apresenta ao público como um católico inteligente, dedicado, sincero e vigilante na defesa dos valores cristãos, mas mesmo assim condenado e caluniado, juntamente com a sua organização. Sua função principal parece ser a de ficar vigiando os passos do inimigo, sempre atento para poder identificar os seus disfarces e desmascarar suas artimanhas.

Entretanto, ele não se limitava a apontar inimigos disfarçados. Tentava convencer os seus leitores utilizando outros recursos. Com efeito os discursos de Plínio continham outros elementos de convencimento, que eram os apelos a determinados valores como a família, o desejo de ascensão social, o medo da proletarização, o moralismo, a defesa da propriedade privada e da desigualdade de salários e rendimentos, a valorização da caridade tradicional e da autoridade.

Assim como a igualdade pode ser um apelo político altamente mobilizador, a defesa de "desigualdades legítimas", como o melhor pagamento para o trabalho intelectual do que para o manual, o "direito" a um ensino diferenciado, o prêmio ao grande talento, etc, pode também encontrar eco no seio de diversos segmentos da classe média.

Por esta razão, Plínio argumentará que quem nega a propriedade nega também a liberdade e o trabalho ⁽¹⁰³⁾. Se

(103) OLIVEIRA, Plínio Corrêa de - "Liberdade, trabalho ou propriedade". Folha de S. Paulo, 02 de outubro de 1968.

o homem é dono do seu trabalho é também dono do fruto do mesmo que é a sua propriedade (104). A T.F.P. ao defender a propriedade defenderia, implicitamente, a liberdade e o trabalho. A prioridade é dada à propriedade porque é ela que se achava mais ameaçada (105). A herança também seria legítima, porque nada mais justo do que o pai ter o direito de transmitir o fruto do seu sacrifício aos seus filhos (106). A supressão da herança seria um verdadeiro crime contra o amor paterno, que quis dar ao filho uma vida tranquila produzindo mais (107). Desta forma a T.F.P. nada teria de extremista ao defender a propriedade, o direito dos proprietários de imóveis cobrarem aluguéis justos, etc. (108). Ela na verdade estaria identificada com o

"pensar e sentir"

da

"médica dos brasileiros" (109).

Além do que, todos os argumentos usados para a defesa desses direitos estão legitimados pelos textos pontifícios sobre a propriedade privada (110)

(104) OLIVEIRA, P.C. de - "Liberdade, trabalho...". Op.cit.

(105) Idem.

(106) OLIVEIRA, P.C. de - "A igualdade total no ponto de partida, essa injustiça". Folha de S. Paulo, 11 de dezembro de 1968.

(107) Idem.

(108) OLIVEIRA, P.C. de - "Isto é extremismo". Folha de S. Paulo, 04 de janeiro de 1970.

(109) Idem.

(110) OLIVEIRA, P.C. de - "Propriedade privada". Folha de S. Paulo, 30 de maio de 1971. "Papás e propriedade privada". Folha de S. Paulo, 06 de junho de 1971.

OBS: Tudo indica que, na apostila, houve um salto inadvertido desta página.
O assunto da página 166 continua a fluir naturalmente na página 168.

Sendo um direito natural e estando de acordo com os retos princípios de justiça, a propriedade privada é ainda fator positivo no funcionamento e no progresso da economia. Desejo de lucros e de propriedades são fatores do sucesso econômico (111). Isto explica o bom funcionamento da empresa privada. Nela o interesse do patrão em lucros, dos chefes em prêmios e promoções e dos operários em bons salários contribuem para o êxito da empresa (112). Nos países socialistas a economia não funciona porque foram suprimidos estes estímulos naturais e perenes.

"O dinamismo estuante, estusiasmado, heróico, este só se pode esperar, em via de regra, dos homens estimulados pelo desejo legítimo de lucro e considerável ascensão" (113).

Nas economias comunistas a solução para esta falta de estímulo foi a chibata. Foi quebrada assim a tendência natural do homem a se tornar proprietário, uma vez que:

"O socialismo e o comunismo abstraem dessas realidades naturais e perenes. Fecham ao trabalhador a possibilidade de economizar e tornar-se proprietário e ao empresário a de ascender as propriedades que possui (114).

Para Plínio era preciso intensificar a divulgação dos fracassos econômicos dos países comunistas para des

(111) OLIVEIRA, Plínio Corrêa de - "Empresa podre". Folha de S. Paulo, 28 de novembro de 1971.

(112) Idem.

(113) Idem

(114) Idem.

moralizar a demagogia dos que pregam a abolição da propriedade privada como solução para os nossos problemas (115) . Até a decantada Suécia estaria em decadência econômica devido as tendências socialistas da sua economia. E isto:

"(...) é natural. Se o comunismo produz a miséria, todo regime sócio-econômico será tanto mais depauperante quanto mais se parecer com o comunismo" (116).

Apesar disso ainda se defende, lamenta Plínio, a nivelção social. Com efeito haveria atualmente uma verdadeira inversão de valores. Cada vez se quer recompensar mais o trabalho manual e mais insensível se é nas recompensas aos "grandes feitos", que demonstram "alto nível de capacidade" ou "valor moral" (117). Desta forma

"(...) O acesso à riqueza e às honras vai sendo cada vez mais difícil para o grande talento e a grande coragem" (118).

A tendência ao igualitarismo é também uma ameaça à família. É ela que perpetua uma desigualdade legítima na medida em que garante a continuidade, de geração em geração, de

"(...) um rico acervo de bens materiais e espirituais (...),

(115) OLIVEIRA, P.C. de - "Argumentos, esse presente de Natal". Folha de S. Paulo, 24 de dezembro de 1972.

(116) Idem.

(117) OLIVEIRA, Plínio Corrêa de - "Questão trabalhista ... astronáutica". Folha de S. Paulo, 01 de janeiro de 1969.

(118) Idem.

a permanência de um

"(...) mesmo tipo físico e moral" (119).

As boas maneiras, a fineza, o hábito de caridade tradicional são alguns bens espirituais que devem ser conservados, mas que estão desaparecendo. Com eles desaparecem também os critérios tradicionais que dispunham a estratificação social (120). Hoje o único critério, lamentava Plínio, é o da riqueza. Esta mudança ocorreu em poucos anos no Brasil, visto que, na Paulicéia antes de 1930, o fazendeiro rico, o indivíduo bem sucedido nas profissões liberais, o banqueiro, o comerciante ou industrial, eram respeitados, mas não, apenas pelos bens que possuíam. Nas palavras de Plínio:

"A consideração a estas pessoas não resultavam diretamente do que tinham, mas da respeitabilidade da função que exerciam e do valor pessoal que o exercício da função pressupunha. No fazendeiro se via mais o patriarca do que o rico. No advogado, médico ou engenheiro, mais o homem de saber do que o burguês abastado" (121).

Com efeito, as mudanças trouxeram um clima de vulgarização, afirma Plínio, própria do igualitarismo moderno:

"Ora, o mundo será terrivelmente vulgar, a vida insuportavelmente banal, no dia em que não haja

(119) OLIVEIRA, P.C. de - "Família". Folha de S.Paulo, 24 de abril de 1969.

(120) OLIVEIRA, P.C. de - "O dinheiro não é o valor supremo". Folha de S.Paulo, 09 de maio de 1971.

(121) Idem.

mais na terra autênticos senhores, nem genuínas senhoras. Será o mundo dos 'camaradas' (122).

A T.F.P. encarnava este espírito senhorial da verdadeira família cristã aristocrática e tradicional. Esta família que era um foco de bondade, que tornava a propriedade simpática quando abre a mão para os que não têm (123). Era esta família que a T.F.P. imitava quando fazia campanhas de caridade para o Natal dos pobres (124), ou quando promovia visita aos doentes (125). Aliviava-se o sofrimento da miséria e da doença ao mesmo tempo em que se praticava as virtudes cristãs, nada mais natural e louvável, pois:

"Um mundo em que não houvesse lugar para pobres, nem para verdadeiras damas cristãs, nem para a caridade, o que seria? Simplesmente um inferno (...)" (126).

Como vimos, Plínio consegue combinar valores como competição, procura do lucro, individualismo, com um saudosismo aristocrático. A sua defesa da sociedade capitalista é sublimada com elementos valorativos menos vulgares e grosseiros do que o puro interesse econômico. Este tipo de discurso vai de encontro aos anseios e temores de grupos sociais inseguros da sua posição social, mas ao mes

(123) OLIVEIRA, Plínio Corrêa de - "Para os pobres: a esquerda, esse perigo". Folha de S.Paulo, 20 de dezembro de 1970.

(124) Idem.

(125) OLIVEIRA, P.C. de - "24.124 visitas". Folha de S.Paulo, 06 de dezembro de 1970.

(126) Idem.

mo tempo orgulhosos da sua relativa superioridade em relação à imensa maioria. Disso resulta a procura de sinais de distinção e a propensão de ver perigos por todos os lados.

4.3. A manipulação ideológica

Plínio insiste constantemente na idéia de que os esquerdistas, em geral, e os progressistas católicos são minoria e que não representam os sentimentos e os anseios da maioria da população. A influência desses setores decorreria das posições-chave que ocupam nos meios de produção e divulgação ideológica. Por isto dão impressão de estarem afinados com a opinião pública. Esta seria formada, de acordo com Plínio, da conjugação de dois fatores: a intuição espontânea e a influência dos meios de comunicação social (127). A intuição espontânea, principalmente no brasileiro, é considerada favorável, restando, porém a influência negativa dos meios de comunicação social. Por esta razão, Plínio dá uma importância enorme aos meios de comunicação e à propaganda. É através deles que, contra o "espírito da nação", se dá a "revolução comunista invisível" e a "manipulação psicológica das multidões" (128). Para neutralizar esta ação era preciso, dizia Plínio, endossando pala-

(127) OLIVEIRA, Plínio Corrêa de - "Badernas e balelas". Folha de S. Paulo, 18 de setembro de 1968.

(128) OLIVEIRA, Plínio Corrêa de - "Revolução comunista invisível" Folha de S. Paulo, 09 de janeiro de 1972.

avras do general Humberto de Souza Mello:

"No lar, na escola, na universidade, nos locais de trabalho, nos ambientes de lazer, nos recintos de lazer, toca a cada um de nós a tarefa da vigilância e da resistência proporcionadas à magnitude do perigo" (129).

É claro que idéias como esta apontam para um controle e repressão constante nos meios culturais, o que de fato ocorria no Brasil naquele momento (1972).

A capacidade de manipulação das consciências pela propaganda é, para Plínio, quase que ilimitada. Ela pode levar o

"(...) pobre homem de rua", que considera com horror o comunismo, a aceitar, por exemplo, a tese de que a propriedade é um roubo (130). Assim, a "guerra psicológica revolucionária", estaria violando um dos mais caros direitos humanos. Argumentava Plínio:

"Por certo o leitor concordará comigo quando afirmo que o direito mais básico do homem consiste em conhecer, com os recursos naturais que Deus lhe deu, e com o auxílio dada graça, a Verdade, o Bem e a Beleza" (131).

A propaganda subversiva, na medida em que falsearia "de modo irreversível" o "processo interior" com que o

(129) OLIVEIRA, P.C. de - "Revolução comunista...". Op.cit.

(130) OLIVEIRA, Plínio Corrêa de - "Enquanto Carter faz a sua barulheira". Folha de S. Paulo, 24 de março de 1977.

(131) Idem.

homem comum forma suas convicções, traça o rumo da sua existência e delibera os seus atos, violaria da pior maneira possível os direitos humanos (132). O comunismo conseguiria por este método uma "baldeação ideológica inadvertida", ou seja, o indivíduo, no caso a vítima, se tornaria comunista sem perceber e sem querer! Com efeito, afirmava Plínio:

"Parece importante acentuar desde logo que o processo de que nos ocuparemos (a baldeação ideológica) se destina a predispor favoravelmente à doutrina e às táticas do comunismo, e, pois, a transformar em inocentes-úteis, quando não em comunistas convictos, pessoas que de si são refratárias à pregação marxista explícita. Por isto mesmo, o processo em questão atua nas mentalidades de modo implícito.

É nota essencial e característica desse processo que, ao longo de toda ou quase toda a sua extensão, os pacientes não percebem que estão sofrendo uma ação psicológica por parte de quem quer que seja, e nem que o rumo para o qual caminham suas impressões e suas simpatias é o comunismo. Eles têm consciência, com clareza maior ou menor conforme cada indivíduo, de que estão 'evoluindo' ideologicamente. Mas essa evolução se lhes afigura ser tão somente a descoberta ou o aprofundamento feito paulatinamente por eles mesmos, sem qualquer concurso de outrem, de uma 'verdade' ou de uma constelação de 'verdades' que reputam simpáticas e generosas" (133).

Esta técnica comunista é usada, principalmente, contra a maioria das pessoas que são indiferentes ao problema comunista, antipáticos ao comunismo, mas que não chegam à hostilidade militante (134).

(132) OLIVEIRA, P.C. de - "Enquanto Carter...". Op. cit.

(133) OLIVEIRA, Plínio Corrêa de - Baldeação ideológica inadvertida e diálogo. São Paulo, Editora Vera Cruz, 1974, p. 17.

(134) Idem, pp. 39-40.

Para não despertarem suspeitas os comunistas escolhem para seus agentes pessoas de aparência não comunista e até anticomunista. Assim,

"(...) Quanto mais insuspeitos de comunismo parecerem, tanto mais eficazes serão. No plano da ação individual, por exemplo, um grande capitã—lista, um político burguês proeminente, um aristocrata ou um clérigo serão para isto de muito maior eficiência do que um pequeno burguês ou um operário (...)"

"(...) muito podem em favor do comunismo os partidos políticos, os jornais e os outros meios de publicidade que, aparentando todas as garantias de não serem comunistas, entretanto não vêm na luta contra a seita vermelha uma necessidade contínua e de capital importância nos dias que correm" (135).

A julgar por estas palavras, os partidos, jornais, rádios, etc., que não vêm "uma necessidade contínua" na luta contra o comunismo estão sob suspeição de comunismo. Neste caso estariam, por exemplo, os órgãos que promoviam internacionalmente D. Helder Câmara ao mesmo tempo que ignoravam figuras e livros da direita (136). Estes meios de comunicação conseguiriam dar importância a determinados fatos e ignorar outros, fazendo com que o público confunda "importância publicitária" com "importância real" (137).

O progressismo católico estaria neste caso, pois contaria com uma bem articulada rede de promoção e divulga—

(135) OLIVEIRA, P.C. de - Baldeação.... Op.cit., p. 40.

(136) OLIVEIRA, P.C. de - "Sucesso internacional de um brasileiro". Folha de S.Paulo, 08 de janeiro de 1969.

(137) OLIVEIRA, P. C. de - "Importância real e importância publicitária". Folha de S.Paulo, 29 de janeiro de 1969.

ção das suas idéias. O IDO-C, por exemplo, que nasceu de um centro de informações criado por ocasião do Concílio Vaticano II para informar o episcopado holandês, transformou-se num verdadeiro "dinossauro" de propaganda do progressismo (138). O progressismo católico contaria, em 1969, segundo Plínio, com uma organização que abrangia mais de trinta países, com vários centros de informações, cento e vinte especialistas, grandes editoras, além do controle sobre as notícias católicas em grandes jornais e revistas (139). O efeito pernicioso da ação dessa organização, seria o de fazer parecer que certas idéias progressistas são frutos espontâneos das tendências ideológicas atuais (140). Os membros do grupo promoveriam-se uns aos outros, criando falsos debates (141). Assim, eles controlavam cargos e influências em quase todas as matérias religiosas, e com isso preparavam a Igreja para estar de acordo com uma situação revolucionária (142).

A infiltração esquerdista na imprensa seria uma das razões da incompreensão da opinião em relação à T.F.P. (143). A organização de Plínio, ou seria renegada ao si-

(138) OLIVEIRA, P.C. de - "A propaganda progressista: um dinossauro discreto". Folha de S.Paulo, 26 de março de 1969.

(139) Idem.

(140) Idem.

(141) OLIVEIRA, P.C. de - "Mais alguns dados sobre o dinossauro". Folha de S.Paulo, 02 de abril de 1969.

(142) Idem.

(143) OLIVEIRA, P.C. de - "Estilo". Folha de S.Paulo, 24 de setembro de 1969.

lêncio, ou seria vítima de um "estrondo publicitário" desfavorável (144).

A vantagem dos esquerdistas seria enorme, pois no Ocidente gozariam de todas as facilidades para a sua propaganda, mas nos países que governam não dão as mesmas condições para os adversários (145). Se esta propaganda fosse possível nos países comunistas os seus governos seriam facilmente derrubados (146).

Sem defesas eficientes, o Ocidente ia sendo contaminado pelo comunismo, como se estivesse atacado por uma doença misteriosa. Assim, escrevia Plínio:

"Dir-se-ia que nos mais variados setores uma doença misteriosa vai minando as resistências anti-comunistas. De sorte que o comunismo encontra diante de si inércias e complacências com as quais no início do século, sequer ousaria sonhar" (147).

Se durante a fase mais obscura do regime militar, no Brasil, quando as limitações à liberdade de imprensa, à atividade política e cultural em geral, eram particularmente acentuadas, e mesmo assim Plínio denunciava a "excessiva" liberdade e condescendência com a infiltração comunista, logicamente não viu com bons olhos o processo de abertura política e liberalização do regime a partir do governo Geisel.

(144) OLIVEIRA, P.C. de - "Do anonimato ao estrondo publicitário". Folha de S. Paulo, 10 de outubro de 1971.

(145) OLIVEIRA, P.C. de - "Piparote salvador". Folha de S. Paulo, 29 de outubro de 1972.

(146) Idem.

(147) OLIVEIRA, Plínio Corrêa de - "Thiobacillus thiopharus". Folha de S. Paulo, 03 de janeiro de 1977.

O movimento de 64, sem dúvida acabou por frustrar as esperanças que Plínio depositava nele. Os governos militares não realizaram a tarefa que Plínio considerava mais importante: impedir a presença controladora dos "esquerdistas" nos meios de comunicação, nas universidades, na imprensa, na Igreja e demais setores importantes de produção e difusão ideológica.

A decepção foi coroada com a abertura política, que para Plínio significará um retrocesso ao período anterior a 64, um retorno ao império da demagogia. Com o agravante da pouca sintonia entre os anseios do povo e a atuação dos políticos, resultando num regime contraditório em seus próprios princípios (148). Além do mais, o modo laico de conceber a democracia e a soberania popular está, de acordo com Plínio, em contradição com o ensino tradicional dos papas sobre o que seria uma democracia cristã (149). A concepção laica de democracia prevê, diz Plínio, uma "pauta fundamental" inviolável que estabelece a liberdade de consciência, de pensamento e de religião. Com isto, a democracia laica violaria o próprio princípio da sabedoria popular, uma vez que

"(...) se alguém tem o direito de dizer ao povo soberano que há uma 'pauta fundamental' na qual ele não pode introduzir nenhuma modificação o verdadeiro soberano deixa de ser o povo e passa

(148) OLIVEIRA, P.C. de - "Silêncio, a grande lição". Folha de S. Paulo, 06 de dezembro de 1978.

(149) OLIVEIRA, P.C. de - "Desde que se case com José". Folha de S. Paulo, 27 de janeiro de 1979.

a ser esse alguém" (150).

Esta democracia pautada nega a soberania popular e, ao mesmo tempo, na lógica de Plínio, a liberdade de opinião (151). Deste ponto de vista, a abertura democrática era apenas uma mudança de pauta, visto que:

"Até há pouco, crime era lutar contra o princípio da propriedade privada. Agora isto deixaria de ser crime. E passaria a ser crime atentar contra a tríplice pauta" (152).

Antes se

"(...) atava com as penas da lei o braço esquerdo. Hoje, ataria o braço direito" (153).

A democracia aceitável seria aquela onde prevalecesse a liberdade de legislar, desde que não fossem transgredidas as leis de Deus (154).

Entretanto Plínio não pode deixar de dar aos seus seguidores uma palavra de ânimo. Não pode, mesmo em situações adversas, levar a crer que a propaganda anticomunista é impotente no clima de abertura. Dizia ele:

"Eu estaria, pois, em contradição comigo mesmo, e passaria um atestado de inutilidade à minha ação pública, se pensasse que, francamente aberta ao anti-comunismo a faculdade legal de argumentar ,

(150) OLIVEIRA, P.C. de - "Desde que se case com José". Op. cit.

(151) Idem.

(152) Idem.

(153) Idem.

(154) Idem.

não obstante está tudo perdido, irremediavelmente perdido. Usemos, pois, esta faculdade largamente, com desassombro e sem prejuízo do respeito e até da cordialidade que a discussão de alto bordo doutrinário exige. Pois — repito — uma via transitável continuará aberta ao patriotismo dos que, como eu, se preocupam sem desfalecimento, com o perigo comunista" (155).

Apesar dessas palavras, Plínio sentiu que a ação ideológica da direita ficou inibida em um clima de descontração política e liberalização do regime. Com efeito, ele afirmou que a "abertura à esquerda" significava um "fechamento à direita" (156). Assim, por exemplo, o apoio da imprensa às greves operárias, "que quase chegou a insuflação", além da posição desenvolvida de grande parte da hierarquia em favor delas, deixou o patronato e os que não eram favoráveis completamente inibidos (157). Apesar daqueles setores que apoiaram as greves não representarem o sentimento da nação (158), eles davam a impressão de serem a maioria. Exclamava Plínio:

"Por que foi tão longe no bafejar as greves a ala convexa e reivindicatória da hierarquia? Não percebe ela que, a força de avançar aplaudida pela esquerda, vai se distanciando da nação, que é pacata e centrista?" (159).

Ampliada a liberdade de manifestação política e

(155) OLIVEIRA, P.C. de - "Desde que case com José". Op.cit.

(156) OLIVEIRA, P.C. de - "Côncavos e convexos". Folha de S. Paulo, 09 de junho de 1979.

(157) Idem.

(158) Idem.

(159) Idem.

ideológica, a maioria centrista, com tendências conservadoras, continuava teimosamente silenciosa. A esquerda, ao contrário, cada vez mais atuante, uma vez que:

"(...) Já antes da abertura, os comunistas gozavam no Brasil de larga margem de franquias para fazer propaganda de suas idéias: livrarias literalmente abarrotadas de livros comunistas a preços mínimos, redações de jornais notoriamente infiltradas de comunistas que punham seu 'sal' no tempero ideológico de toda sorte de notícias e comentários, comunistas enfim em cátedras universitárias, em microfones de rádio ou de vídeos de TV, na direção de atividades sociais e econômicas importantes, onde, por sua presença e por sua palavra, podiam disseminar largamente suas doutrinas" (160).

Com tais meios não é de admirar que consigam interferir na liberdade das pessoas pensarem, com o que estaria falseada a abertura, uma vez que ela devia significar uma maior participação de todos no governo do país (161). A liberdade de fazer e de falar, dizia Plínio, supõe a liberdade de pensar. Se não sou livre de pensar, não sou livre de dizer e de fazer algo de meu (162). A abertura deveria então significar remoção

"(...) dos obstáculos e das ingerências(...)" que impedem o pensar (163). Mas seria possível tamanha interferência na mente das pessoas? Para Plínio sim, pois, escrevia ele:

(160) OLIVEIRA, P.C. de - "Prestes, - PCB, tema secundário". Folha de S.Paulo, 10 de outubro de 1979.

(161) OLIVEIRA, P.C. de - "PDQNCPC". Folha de S.Paulo, 08 de maio de 1980.

(162) Idem.

(163) Idem.

"Mas como pode alguém intervir no domínio indevasável do próprio ego de outrém? Essa pergunta é arcaica. Nesta época de guerra psicológica, das prestidigitações e dos truques publicitários, das ingerências parapsicológicas, etc., afirmam muitos que na mente de uma pessoa é tão fácil agir quanto em um cofre. Basta conhecer-lhe o segredo e abrir a porta" (164).

A abertura significaria, assim, a entrega da sociedade nas mãos da propaganda ideológica de esquerda, a qual implantaria uma verdadeira ditadura do pensamento sobre a maioria. Isto seria possível porque:

"O homem de hoje pensa cada vez menos e, em seu espírito, o vazio deixado pelo pensamento vai, sendo substituído por não sei que despóticas e sutis psico-alavancas manuseadas por não sei que dedos" (165).

Ao mesmo tempo que afirmava que a maioria é conservadora e que as massas repudiam a propaganda revolucionária, Plínio acusava os intelectuais esquerdistas bem instalados, de imporem idéias reformistas que conduziriam, aos poucos, às metas comunistas.

A fórmula usada por Plínio não era nova. Falava-se em nome e na defesa de uma maioria que não fala, ao mesmo tempo em que se nega autenticidade e legitimidade aos que falam, interpretando-os como obra de elementos infiltrados, minorias subversivas, manipulação de políticos inescrupulosos, do clero traidor da verdadeira tradição cristã.

(164) OLIVEIRA, P.C. de - "PDQBCP". Op. cit.

(165) OLIVEIRA, Plínio Corrêa de - "Recortar, perguntar ... meditar". Folha de S. Paulo, 02 de dezembro de 1980.

Diante da ação "diabólica" dos inimigos da "civilização cristã", Plínio faz o papel de vigia, decifrador de charadas, esclarecedor de idéias. Seus escritos são uma tentativa deliberada de deglutir os acontecimentos nacionais e mundiais colocando-os ao alcance do entendimento dos seus leitores. Na sua pena os fatos são desvendados, esclarecidos e simplificados. Uma das características mais marcantes destes discursos é a ausência de complexidade. Narra-se um fato, explica-se o seu significado, tira as consequências e fornece-se argumentos aos seus aliados. É um discurso desproblematizado. A realidade é simples, clara. A aparente confusão é ardil do inimigo. Por isso Plínio revela uma capacidade enorme de tratar de uma variedade muito grande de assuntos nacionais e internacionais. No final, reduz tudo a um esquema simples: a luta entre a verdade e o erro, entre o comunismo e o anti-comunismo, entre os bons e os maus, entre a civilização e a barbárie.

É um discurso dirigido ao leitor de cultura média que não exige o rigor da análise, mas se impressiona com a lógica simples de Plínio.

4.4. A política internacional — esperança na reação conservadora

As constantes análises que Plínio fez da política internacional foram também calcadas numa visão polarizada, onde qualquer política que não fosse franca, clara e constantemente anti-soviética e anti-comunista em geral, era

duramente criticada.

A política externa dos Estados Unidos, desde o final da Segunda Guerra, teria sido de molde a permitir o avanço soviético no mundo (166). O medo da guerra estimularia a moleza ocidental nas negociações com os russos, por isso Plínio lembrava sempre o acordo de Munique, onde as concessões feitas a Hitler não evitaram a guerra, antes contribuíram para provocá-la (167). Mesmo a aproximação com a China era condenada por Plínio, pois, para ele, só traria vantagens para a propaganda comunista e servia para extrair ajuda técnica dos Estados Unidos (168).

Diante da União Soviética os Estados Unidos estariam se comportando como o cordeiro diante do lobo, só que no caso a nação mais forte faria o papel do cordeiro (169). Nixon e Brejnev conversavam de paz, ao mesmo tempo que a União Soviética promovia revolução no mundo todo, desta forma a insistência dos soviéticos em falar de paz tinham como finalidade apenas desmobilizar o espírito dos anticomunistas (170). As visitas de Nixon a Moscou e a Pequim, e as declarações emitidas na ocasião, contribuíram para causar a

(166) OLIVEIRA, P.C. de - "Clarividência otimista e pessimismo dorminhoco". Folha de S.Paulo, 25 de dezembro de 1968.

(167) OLIVEIRA, P.C. de - "Churchill, o avestruz e a América do Sul". Folha de S.Paulo, 31 de janeiro de 1971.

(168) OLIVEIRA, P.C. de - "Yalta multiplicada por Yalta". Folha de S.Paulo, 12 de março de 1972.

(169) OLIVEIRA, P.C. de - "A agenda". Folha de S.Paulo, 21 de maio de 1972.

(170) OLIVEIRA, P. C. de - "Concessões, caminho para a guerra". Folha de S. Paulo, 28 de maio de 1972.

impressão, inaceitável para Plínio, de que não existem erros nem verdades absolutas, e de que todas as oposições ideológicas, encontram sua solução, não na polêmica, mas no diálogo. Assim

"(...) as relações entre o mundo comunista e o não-comunista passaram da fase polêmica para a dialética" (171).

O fim da guerra fria teria constituído uma vantagem para a Rússia. Os Estados Unidos têm condições de defesa militar, dizia Nixon ao Congresso Americano, mas não falava na defesa do resto do mundo. Com esta atitude, ele não conseguiu demover os russos de promoverem a subversão na América Latina,

"(...) como vão longe os dias de Monroe(...)" (172).

Além da política insensata e entreguista dos Estados Unidos, Plínio via como um fator favorável ao comunismo, a sua "aparente" quebra de unidade a nível internacional. O conflito sino-soviético, a rebeldia de vários partidos comunistas em relação ao Partido Comunista Soviético, o eurocomunismo, não convenceram Plínio de que isto trouxe desvantagens para a esquerda, nem que representou uma mudança essencial na doutrina comunista (173). Na verdade te-

(171) OLIVEIRA, P.C. de - "Deus julgará". Folha de S. Paulo, 11 de junho de 1972.

(172) Idem.

(173) OLIVEIRA, P.C. de - "O 'plateau de fromages'". Folha de S. Paulo, 27 de agosto de 1969.

ria trazido vantagens, pois, favoreceu a política soviética de "coexistência pacífica" e criou diversos laivos de comunismo para satisfazer todos os gostos (174). Belinger na Itália e Allende no Chile, só na aparência teria independência em relação a Moscou. No fundo tratava-se de uma grande manobra (175). Assim,

"O comunismo tem, portanto, o maior interesse em dar a idéia de que ele rompeu a sua unidade mundial" (176).

Isto teria lançado o Ocidente numa confusão política. Se há vinte anos atrás, dizia Plínio, o mundo estava "claramente polarizado", de um lado o bloco comunista e de outro o bloco das nações que o rejeitavam, apresentando, então, o ocidente uma unidade ideológica, econômica, política e social (177), hoje (1973), a situação seria de claro processo de "auto-demolição". Assim, apesar do fracasso do comunismo nos países onde se implantou, ele continuava a sua expansão. Fato até certo ponto incompreensível, pois:

"Neste momento em que o fracasso russo, repetido pelo fracasso chileno, deveria estar reduzido a zero o prestígio dos regimes comunistas, estes se vão aproximando — paradoxalmente, e mais do que nunca — da dominação do mundo" (178).

Para Plínio, o mais incrível era que a falência

(174) OLIVEIRA, P.C. de - "O 'plateau...'" . Op.cit.

(175) OLIVEIRA, P.C. de - "Belinger, Amendola e Cia". Folha de S.Paulo, 21 de novembro de 1971.

(176) OLIVEIRA, P.C. de - "Briguinta, seguinte do 'bluff'". Folha de S.Paulo, 01 de abril de 1973.

(177) OLIVEIRA, P.C. de - "Enquanto Brejnev e Nixon se abraçam". Folha de S.Paulo, 24 de junho de 1973.

(178) Idem.

econômica da União Soviética sô não ocorria devido a ajuda do Ocidente! Apesar da indiferença ideolôgica da maioria das pessoas isto era para provocar imensos protestos. Plínio perguntava:

"Como pode adelgar-se no Ocidente a barreira psico-política de horror ao comunismo, a ponto de ser tolerado hoje, pelo mundo livre, a aproximação soviético-americana, que há cinco ou dez anos atrás teria levantado de indignação até as pedras das ruas?" (179).

Sô o desinteresse ideolôgico não poderia explicar esta indiferença, visto que:

"Dentro do próprio ponto de vista dos homens a-ideolôgicos, qualquer que seja seu padrão econômico, a salvação do comunismo pelo Ocidente é um absurdo" (180).

A explicação era dada, por um lado, pela propaganda vermelha infiltrada no Ocidente e por outro lado, pela degeneração dos costumes. Degeneração assim explicada por Plínio:

"Ora, nestas últimas décadas, o hábito de viver nas delícias da sociedade de consumo se foi tornando cada vez mais um vício. Mas, para aproveitar em toda sua extensão essas delícias é indispensável a despreocupação" (181).

O resultado era a indolência diante do perigo, a disposição de ceder, de fazer concessões e de achar que

(179) OLIVEIRA, Plínio Corrêa de - "Prodotta e imbottiglia ta in Russia". Folha de S.Paulo, 01 de julho de 1973

(180) Idem.

(181) Idem.

a maior desgraça é a guerra. Deste ponto de vista tudo é negociável⁽¹⁸²⁾. Explorando o medo da guerra a União Soviética continuava recebendo ajuda econômica. Mesmo não pagando as dívidas da segunda guerra ela continuaria se beneficiando de investimentos americanos⁽¹⁸³⁾. Mesmo sendo pobre, ela investiria maciçamente em armas e evitaria, com a ajuda ocidental, a falência econômica⁽¹⁸⁴⁾. Os Estados Unidos, estariam, assim, fazendo

"(...) o papel de um indivíduo que empresta dinheiro a um caloteiro, para que compre um revólver" (185).

Ao mesmo tempo que os Estados Unidos se aproximavam da União Soviética, o Japão, sentindo que estava desprotegido, depois do abandono de Formosa à sua própria sorte pelos americanos, aproximava-se da China⁽¹⁸⁶⁾. A economia americana sustentaria a União Soviética e a japonesa a China. Formar-se-iam, assim, dois eixos e neles acabaria prevalecendo os comunistas. Diante deste quadro, previsto por ele mesmo, Plínio perguntava como ficaria a civilização ocidental⁽¹⁸⁷⁾. Ela teria que ser preservada na Améri-

(182) OLIVEIRA, P.C. de - "O bom rapaz". Folha de S. Paulo, 07 de novembro de 1971.

(183) OLIVEIRA, P.C. de - "Kissinger em Moscou". Folha de S. Paulo, 17 de setembro de 1972.

(184) Idem.

(185) Idem.

(186) OLIVEIRA, Plínio Corrêa de - "Pesadelo: dois eixos". Folha de S. Paulo, 01 de outubro de 1972.

(187) Idem.

ca Latina, principalmente no Brasil (188). Dizia Plínio:

"Temos brio. Em nossas veias corre o sangue latino, revigorado em sua pugnacidade pelas nobres tradições ibéricas da Reconquista, bem como pela epopéia do desbravamento e povoamento das vastidões em que hoje vivemos soberanos. Somos católicos, e como tais resolvidos a enfrentar as peripécias da História com que Camões chamava 'cris-tãos atrevimentos' (189).

Enquanto na Europa e nos Estados Unidos predominava o entreguismo, da América Latina deveria partir o exemplo para o mundo (190).

Os Estados Unidos caminhariam, no eixo que estaria formando com a União Soviética, para um ponto em que teria que escolher

"(...) entre o naufrágio final ou a guerra. Uma guerra já então travada com possibilidades de vitória muitíssimo inferiores às atuais" (191).

No entanto, a vitória sobre a Rússia, afirmava Plínio, seria tão fácil, bastava mantê-la em inferioridade militar e lhe negar qualquer apoio econômico. O regime comunista, deteriorado, sucumbiria por si mesmo, engolido pelo descontentamento das massas internas (192).

O quadro trágico apresentado por Plínio da ameaça comunista, com seus disfarces, sua perfídia, seu cinismo,

(188) OLIVEIRA, P.C. de - "Nossa grande aliança". Folha de São Paulo, 08 de outubro de 1972.

(189) Idem.

(190) OLIVEIRA, P.C. de - "Nunca tantos sofreram tanto de um só". Folha de S. Paulo, 17 de dezembro de 1972.

(191) OLIVEIRA, P.C. de - "De eixo a eixo". Folha de S. Paulo, 24 de setembro de 1972.

(192) Idem.

sua malignidade, não o impedia de ser otimista e de acreditar na vitória do bem sobre o mal. De fato, dizia ele:

"Recuso-me a admitir que esteja tudo perdido. Por que pertenço, pela graça de Deus, à categoria de homens que lutam animosamente, mesmo com os mais mínguados recursos, contra o mais poderoso adversário. Porque acima de tudo creio na Providência Divina, e sei que pelos rogos de Nossa Senhora, os bons jamais serão abandonados em sua luta contra o mal. Porque assim cumpre alertar os bons" (193).

Resultado ou não da Providência Divina, o fato é que Plínio encontrava sinais de mudanças e de reação conservadora no mundo. Assim ele interpretava a grande quantidade de votos em branco nas eleições brasileiras de 1970, as quais revelariam maturidade do eleitorado brasileiro (194). Nos Estados Unidos ocorreram protestos, abaixo-assinados e vigília em frente à Casa Branca devido à viagem de Nixon à China (195). No Uruguai, a frente ampla, que para Plínio era comunista, foi derrotada eleitoralmente, apesar da traição do episcopado daquele país, que deixou o caminho aberto para os uruguaios votarem nos comunistas (196). Depois das eleições as tramas comunistas continuavam com o terrorismo dos Tupamaros, a infiltração nos sindicatos e a ação no Con

(193) OLIVEIRA, P.C. de - "Os dois calcanhares". Folha de S. Paulo, 25 de junho de 1972.

(194) OLIVEIRA, P.C. de - "'Voto recusa': motivo de esperança". Folha de S. Paulo, 22 de novembro de 1970.

(195) OLIVEIRA, P.C. de - "Enquanto baixa a poeira, um alarido se levanta". Folha de S. Paulo, 29 de agosto de 1971.

(196) OLIVEIRA, P.C. de - "O brado de sangue". Folha de S. Paulo, 05 de dezembro de 1971.

gresso, mas os militares desmantelaram os Tupamaros e os focos de subversão sindical e política (197).

O pouco interesse que o eleitorado americano teria revelado na reeleição de Nixon indicaria a recusa da grande massa americana ao programa dos candidatos, a qual estaria passando por uma profunda transformação, recusando com o seu silêncio os rumos que o mundo ia tomando (198). Esta mudança indicaria um desgaste dos políticos e da propaganda (199). Mais tarde, o desgaste do presidente Carter e a rejeição pela opinião pública da sua política externa, seriam novos indícios de uma reação renovadora (200). A aparência de completa decadência da sociedade americana esconderia um

"(...) crescimento magnífico da reação direitista mas sobretudo centrista nos Estados Unidos (...)" (201).

Crescimento que se expressava na recusa do próprio Partido Democrata aos acordos de limitação de armas com os russos, na reação contra o permissivismo, nos protestos contra o corte no orçamento militar; na oposição à retirada de tropas

(197) OLIVEIRA, P.C. de - "O 'show'". Folha de S. Paulo, 13 de janeiro de 1977. "O 'show' feito de três 'shows'". Folha de S. Paulo, 29 de janeiro de 1977. "O fim dos três 'shows'". Folha de S. Paulo, 07 de fevereiro de 1977.

(198) OLIVEIRA, P.C. de - "Silenciosos do Ocidente". Folha de S. Paulo, 19 de novembro de 1972.

(199) Idem.

(200) OLIVEIRA, P.C. de - "Miniaturas". Folha de S. Paulo, 22 de maio de 1978.

(201) OLIVEIRA, P.C. de - "Lantejoulas, farândolas, farandoleiros". Folha de S. Paulo, 21 de junho de 1978.

pas da Corêia do Sul e no protesto contra o perdão aos desertores da guerra do Vietnã⁽²⁰²⁾.

Estas informações, dadas por Plínio aos seus leitores, visavam despertar o ânimo e afastar o pessimismo. Como dizia ele:

"Essas notícias são de molde a 'exorcizar' em muitos leitores brasileiros o demônio do pessimismo. Imaginam eles que a marcha para rumo ao abismo é irreversível no Brasil e no mundo, simplesmente porque está impulsionada pelos prestigiosos ventos da modernidade" (203).

Este ânimo era necessário porque o conservadorismo estaria algo desarticulado. Exclamava Plínio:

"Mas como estão dormentes, abucôlicas, desagregadas, tantas forças vivas e autênticas em nosso País!" (204).

A eleição de Reagan para a presidência dos Estados Unidos seria a confirmação da reação conservadora, desmoralizando a teoria marxista de que

"(...) as massas se tornariam cada vez mais agressivas e indignadas" (205).

À medida em que os ricos iam se tornando mais progressistas os pobres se mostravam conservadores. Com efeito, concluía

(202) OLIVEIRA, P.C. de - "O descontentamento da direita e do centro". Folha de S. Paulo, 21 de julho de 1978.

(203) OLIVEIRA, P.C. de - "Êxitos do centrismo conservador". Folha de S. Paulo, 12 de agosto de 1978.

(204) Idem.

(205) OLIVEIRA, Plínio Corrêa de - "Conscientizar, conscientizar". Folha de S. Paulo, 17 de novembro de 1980.

Plínio:

"O que salva da catástrofe os segmentos sociais mais opulentos é, a meu ver, que os pobres e a classe média são muito mais conservadores do que eles" (206).

A conduta política e ideológica dos setores ricos seria contraditória com seus próprios interesses econômicos (207). A lição de conservadorismo, dada pelos setores pobres e médios, deveria ser aproveitada. Caso contrário, advertia Plínio:

"Se a essa lição os não-pobres se omitirem de responder com uma conduta impregnada de respeito, do espírito de justiça e de caridade cristã, o curso da história, guiado pela mão de Deus, derrubarã esses nababos socialistas incorrigíveis. Para fazer uma sociedade sem classes? — Não, mas uma sociedade hierarquizada, que comece a merecer o genuíno e nobre qualificativo de cristã". (208).

Quanto à Igreja, Plínio acreditava também numa reação conservadora após a morte de Paulo VI. O período abrangido pelos pontificados de João XXIII e Paulo VI teria sido de amortecimento da oposição irreconciliável entre a doutrina católica e a doutrina comunista. Os pontificados destes dois papas eram avaliados da seguinte maneira por Plínio:

"Os papas até João XXIII ensinaram e agiram de tal forma que todos os católicos sabiam ser im-

(206) OLIVEIRA, Plínio Corrêa de - "Conscientizar, conscientizar". Op.cit.

(207) Idem.

(208) Idem.

possível tal saída (aceitação da religião amputada das suas implicações sócio-econômicas), pois fundamentalmente contraditória com a doutrina e a missão da Igreja. É fato notório que, no decurso dos Pontificados de João XXIII e Paulo VI esta convicção se foi apagando no espírito de muitos católicos. E que não poucos chegaram a afirmar, impunemente, a conciliação entre a religião e o comunismo" (209).

Os comentários que Plínio fez, numa série de artigos, sobre o pronunciamento do papa em Puebla, mostraram que, se João Paulo II ficou aquém dos anseios de Plínio, não decepcionou de todo (210).

A posição mais conservadora de João Paulo II permitiu a Plínio acusar a C.N.B.B. de boicotar as orientações do papa e fazer o jogo da teologia da libertação (211).

(209) OLIVEIRA, Plínio Corrêa de - "E João Paulo II". Folha de S. Paulo, 28 de outubro de 1978.

(210) Foram cinco artigos escritos na Folha de S. Paulo nos dias 26 de março, 7-14-26 de abril e 19 de maio de 1979 com o título geral "Mensagem de Puebla: notas e comentários". Para Plínio o pronunciamento do papa condenou o desvirtuamento da doutrina católica na América Latina, principalmente a teologia da libertação e a preocupação com problemas temporais, esquecendo-se da missão precípua da Igreja: a vida futura extra-terrena. Plínio lamentou que o papa tenha falado apenas sobre a hipoteca social que pesa sobre a propriedade sem mencionar que a mesma pesa também sobre o trabalho. Lamentou que a condenação feita ao comunismo não tenha sido mais geral, mencionando apenas o comunismo ateu.

(211) OLIVEIRA, Plínio Corrêa de - "Raio, vaga-lume, silêncio". Folha de S. Paulo, 29 de dezembro de 1979. "Sobre o raio e o vaga-lume: final". Folha de S. Paulo, 06 de janeiro de 1980.

Assim, quando o país entrava em um clima de abertura, Plínio procurava estimular uma reação conservadora. Ocorre, porém, que os seus argumentos anticomunistas já estão um pouco gastos. Os discursos que alertavam para a ameaça do comunismo ateu conseguiram, nas vésperas do golpe de abril de 1964, colocar milhares de pessoas na rua. Conseguiram, bem ou mal, justificar a supressão da liberdade de imprensa, as cassações de mandatos, o afastamento de professores nas universidades, o desmantelamento dos órgãos representativos, dos estudantes, dos operários, etc. Católicos conservadores, como Plínio Corrêa de Oliveira, buscaram um conteúdo ideológico para o regime militar. Alguns dos seus argumentos, como pudemos ver, estiveram entremeados nos pronunciamentos dos chefes militares. Durante o período mais obscuro do regime, a visão católica conservadora, de que o homem precisa ser protegido contra si mesmo, de que ele é um ser degradado e, portanto, deixado à sua própria sorte, sem um poder vindo do alto, se precipita para a sua perda definitiva ⁽²¹²⁾, servia como justificativa aos desmandos repressivos. Passado este momento, conquistado um espaço mínimo para a livre manifestação de idéias, a sociedade já não é sensível, como antes, aos fantasmas com os quais se pretende assustá-la, abrindo caminho para os eternos salvadores da pátria.

(212) Cf. ANTOINE, Charles - Op. cit., p. 118.

CONCLUSÃO

Na introdução tratamos das mudanças ocorridas na Igreja no Brasil a partir da segunda metade do século XIX. Observamos que o seu revigoramento esteve associado à implantação de um novo modelo de catolicismo, denominado ultramontano. Nesta fase de renovação multiplicaram-se as dioceses, novas ordens religiosas foram trazidas da Europa, criaram-se seminários, procurou-se disciplinar o clero, adotaram-se novas formas de culto. Tudo isto acompanhado de uma maior organização e centralização das decisões, reforçando-se os laços com o Vaticano. O catolicismo brasileiro começou, então, a ser romanizado, ou seja, assumir os moldes europeus.

Destacamos que o catolicismo ultramontano esteve, na Europa, ideologicamente associado à reação contra a sociedade burguesa, o capitalismo, o regime republicano, enfim contra tudo aquilo que significava modernização. Igreja, aristocracia e monarquia eram forças aliadas. No aspecto político, o ultramontanismo católico se colocava ao lado do que existia de mais reacionário.

Na época em que Plínio Corrêa de Oliveira se firmava como jornalista, militante, pensador e líder católico, a partir de 1930, o catolicismo ultramontano já se achava na sua fase madura no Brasil. Desta forma, Plínio pode ser considerado como um autêntico representante deste catolicismo. Estava, portanto, perfeitamente afinado com a cúpula da Igreja no Brasil. Engajado na estratégia de recatolizar

o povo brasileiro de cima para baixo. Surgiu como produto do esforço da Igreja em formar uma elite de católicos leigos, intelectuais, jornalistas, professores, capazes de impregnar a sociedade de valores católicos e, assim, promoverem a influência e o prestígio da Igreja.

Ocorreram, porém, transformações extremamente rápidas no quadro político, social e econômico do país, e isto obrigou a Igreja a modificar o seu discurso e as suas práticas. Estas mudanças respondiam a uma necessidade de adaptação à realidade nacional, mas acompanhavam também as inovações ocorridas no catolicismo mundial, as quais desembocaram no Concílio Vaticano II, marco de uma nova fase na vida da Igreja.

No Brasil, a Igreja procurou conciliar suas inovações com uma convivência harmônica com o Estado, o que foi conseguido até o golpe de Estado de 1964. Iniciou-se, então, um período de sérias divergências e confrontos entre a Igreja e o regime militar.

Desta forma, durante os anos de militância de Plínio Corrêa de Oliveira nos foi possível distinguir três períodos: o período final de hegemonia do catolicismo ultramontano, situado por nós entre 1930 e 1945; o período democrático, onde a Igreja apoiou o desenvolvimento econômico dos governos populistas, de 1945 a 1964; e o período de divergência com o regime militar, de 1964 a 1980. Na introdução caracterizamos cada uma destas fases.

No primeiro capítulo expusemos os pontos principais do pensamento de Plínio Corrêa de Oliveira, destacan-

do a sua visão polarizada do mundo social, o qual é visto como irremediavelmente dividido entre o bem e o mal. A Igreja católica e a civilização cristã por ela inspirada, a qual tem como modelo ideal uma sociedade medieval idealizada, são as expressões do bem e da verdade. Tudo o que contraria ou nega os valores dessa civilização cristã e as verdades imutáveis estabelecidas por Deus através da sua Igreja, representam o mal, o pecado, as fraquezas humanas e a própria ação do demônio. Próprias da civilização cristã, sendo portanto sacralizadas, estão a propriedade privada, a hierarquia social que estabelece desigualdades legítimas, a família de acordo com o modelo cristão, a autoridade, etc.

Assinalamos que esta maneira de ver e interpretar a realidade social trouxe como conseqüências a impossibilidade de aceitar o pluralismo ideológico como legítimo e normal, estimulando, por outro lado, a formação de um clima de suspeição generalizada, exigindo a vigilância, a censura e a repressão constantes, repelindo como intrinsecamente má a livre manifestação de idéias.

O anticomunismo ferrenho é outra conseqüência lógica desta postura ideológica. Se o bem está personificado nos valores católicos, o mal deve também ter contornos bem nítidos para poder ser identificado. O comunismo serviu bem a este papel, pois nega o direito de propriedade, prega o materialismo, a igualdade entre os homens, etc. A partir desta polarização, entre verdades católicas de um lado e comunismo de outro, Plínio conseguiu classificar as mais

variadas e diversificadas posições políticas. Tudo o que não se encaixe perfeitamente com a doutrina católica tradicional ou com o figurino comunista foi reduzido a posições intermediárias que, cedo ou tarde, devem evoluir em direção de um dos pólos. Desta forma o mesmo mal que estava presente na Reforma Religiosa, no Humanismo e no Renascimento ou na Revolução Francesa se acha agora pronto e acabado no comunismo. O demônio sempre esteve presente na história.

Por outro lado, mesmo entre os povos não cristãos seria possível encontrar sinais do bem e da verdade, tais como a propriedade privada, a família, o princípio de hierarquia e autoridade. Porém, só sob a guarda infalível da Igreja teríamos a garantia de preservarmos a verdade.

No segundo capítulo, mostramos como Plínio, argumentando com a ideologia reacionária própria do catolicismo ultramontano, defendeu os interesses corporativos da Igreja, tornando-se, com isto, uma figura proeminente nos meios católicos leigos e homem de confiança do arcebispo de São Paulo na época. Mediante estas credenciais foi eleito deputado nas eleições para a Assembléia Constituinte Federal realizadas em 1933, dirigiu o órgão oficioso da Arquidiocese, o Legionário, foi presidente da Junta Arquidiocesana da Ação Católica de São Paulo.

Atuando de acordo com a estratégia liderada pelo Cardeal Leme a nível nacional, Plínio, através do Legionário, pressionava o Estado, exigindo privilégios para a Igreja, em nome da maioria católica, e oferecendo apoio e

legitimidade ao poder constituído. Esta ação se fazia à margem dos partidos políticos existentes, pois a Igreja queria se situar acima da política partidária. Plínio sentia-se, então, livre para criticar ou apoiar, conforme as circunstâncias, a ação de qualquer partido, sempre se colocando na cômoda posição de representante dos sentimentos religiosos da maioria da população.

Desta forma, o Legionário combateu como pôde a Aliança Libertadora Nacional, tida e havida como comunista. Denunciou os partidos de inspiração liberal pelo catolicismo de fachada que adotavam, mostrando na prática má vontade no atendimento das reivindicações católicas. Encontrou na Ação Integralista Brasileira diversos pontos positivos, como a defesa da família, da religião, da pátria e o anti-comunismo militante, mas ao mesmo tempo, tinha motivos para temer uma aliança política com os integralistas. O exemplo dado pelas relações entre a Igreja e os partidos fascistas na Europa, alertavam para o perigo desse tipo de aliança. Os partidos fascistas tinham uma ideologia própria, com uma vocação claramente totalitária. Chegando ao poder eles não deixam espaço para a atuação da Igreja. Absorvem toda a vida cultural. Imprensa, escola, arte, tudo deve ter a marca ideológica e a orientação do partido. Assim, mirando no exemplo europeu, Plínio, como representante dos interesses da Igreja, tinha razões para ter desconfianças em relação ao integralismo. Um dos pontos esclarecidos pela nossa pesquisa foi exatamente o de estabelecer os fatores de aproximação e de divergência entre o integralismo e o

catolicismo representado por Plínio.

O golpe de Getúlio Vargas em 1937, possibilitou uma posição política mais clara do Legionário em apoio ao Estado. O regime instalado pelo golpe de Vargas satisfez, em parte, os anseios repressivos do grupo liderado por Plínio com relação ao que eles entendiam ser ameaças comunistas. O Estado Novo respeitou os campos, não criou um partido único oficial, com ideologia própria, exclusivista, deixando o campo livre para a atuação da Igreja. Diante disso, Plínio confiava que a influência da Igreja tinha condições favoráveis para expandir o seu prestígio, alicerçada que estava nos privilégios e facilidades oferecidos pelo Estado e nas perspectivas otimistas em relação ao futuro da Ação Católica.

Os bons prognósticos não se confirmaram. O Legionário continuou a clamar contra a inércia da maioria dos que se diziam católicos. Seguiu denunciando a infiltração comunista nos mais diversos setores de produção e divulgação ideológica. Considerava que a repressão não tinha a continuidade e a coerência necessárias à preservação dos valores católicos e a extirpação da subversão comunista.

Finalmente surgiu o problema mais grave: desvios e erros nas próprias fileiras católicas. Plínio identificou, a partir de 1938, idéias e atitudes condenáveis, do ponto de vista prático e doutrinário, entre os membros e dirigentes da Ação Católica. Para ele isto representava a

repetição de antigos erros ocorridos na Europa e já devidamente condenados pelos papas.

O resultado das divergências de Plínio com os rumos tomados pela Ação Católica foi o seu afastamento do Legionário. Este episódio representou uma opção do Arcebispo D. Carlos de Vasconcelos Motta pela renovação do catolicismo brasileiro. A inflexibilidade ideológica de Plínio não era adequada à nova estratégia de atuação que se esboçava na Igreja naquele momento de transição do Estado Novo para o regime democrático.

O inconformismo do Legionário com as novas regras políticas manifestou-se claramente nas críticas que fez ao sistema eleitoral. Esta intransigência e rebeldia com as novas regras do jogo político era pouco interessante para a Igreja, pois dificultava suas relações com os governos eleitos, os quais se legitimavam no poder pelo voto popular. O alargamento da base política, entretanto, contrariava a concepção elitista que Plínio tinha do poder e da sociedade. A democratização significou para ele massificação. O pluralismo político e ideológico e a maior liberdade para a divulgação de idéias, implicava no aumento das facilidades para a ação dos oportunistas e demagogos. A nova realidade serviu, na interpretação de Plínio, para promover figuras mediócras e propostas políticas vulgares. Desta forma eliminava as chances das elites tradicionais, cultas e refinadas, de imporem os seus pontos de vista e de se projetarem politicamente.

A Igreja, ao contrário da atitude de Plínio, procurou se ajustar internamente para poder se adaptar à nova realidade política. Isto permitiu a ela afinar-se, rapidamente, com o populismo desenvolvimentista, legitimando os planos governamentais que procuravam resolver os problemas do país através de reformas e do desenvolvimento econômico.

No capítulo três mostramos como Plínio estava longe dessa perspectiva. No período considerado ele revelou as suas discordâncias com os rumos políticos do país e condenou o processo de desenvolvimento econômico, apontando o seu caráter anárquico e a instabilidade social que provocava, sendo assim, extremamente nocivo para as famílias tradicionais, portadoras de um requinte cultural aristocrático, próprio das sociedades genuinamente católicas. Nesta situação instável e anárquica, germinava o eterno inimigo da civilização cristã, beneficiário e fomentador de todas as crises: o comunismo.

Na medida em que as organizações fundamentais da Ação Católica evoluíram nos seus diagnósticos sobre a realidade social e econômica do país, acabando por tomar consciência das raízes estruturais do subdesenvolvimento, e na medida em que assumiram posições políticas mais avançadas do que as da hierarquia, transformaram-se no polo dinâmico da evolução do catolicismo no Brasil. Por esta razão Plínio centralizou suas críticas no setor leigo do catolicismo brasileiro, não incluindo nos ataques desse período, os bispos e membros do clero em geral. Assim, ao mesmo tem

po em que Plínio apontava os resultados negativos do desenvolvimento econômico e do regime democrático, denunciava, também, o envolvimento dos católicos no processo de degenerescência da sociedade brasileira, induzidos por erros doutrinários novos e antigos.

Esta postura ideológica e política de Plínio Corrêa de Oliveira o colocaram ao lado das forças que conspiraram e derrubaram o governo populista de João Goulart. Sua militância contribuiu para a formação de um clima favorável ao golpe junto à opinião pública. Seus artigos estimulavam e alimentaram os temores e a insegurança das classes médias, alertando-as para as ameaças de cunho comunista representadas pelas propostas de reformas de base do governo Goulart. Por outro lado, justificavam os anseios de ascensão e distinção social, caros às classes médias, ao mesmo tempo que exploravam as suas frustrações.

A T.F.P. surgiu em 1960, como resultado da intensificação da militância política dos católicos ultraconservadores liderados por Plínio. Até o golpe de 1964 ela se destacou pelo combate sistemático que empreendeu contra os planos de reforma agrária. Nenhuma outra bandeira conseguiu galvanizar tanta atenção e destaque para Plínio como a que empunhou contra as propostas da reforma agrária.

A militância de Plínio contra o governo populista culminou com a sua participação na organização e realização da famosa "Marcha com Deus pela Liberdade" em São Paulo, movimento que deu respaldo popular para a ação golpista.

No quarto capítulo tratamos do confronto de Plínio com a hierarquia católica no período posterior ao golpe militar de 1964. O confronto ocorreu porque a Igreja, após algumas indecisões e dubiedades, acabou por se firmar, através da atuação da C.N.B.B., numa posição nitidamente oposicionista em relação aos governos militares. Com isto ela assumiu um papel de destaque no quadro político nacional, pois, na falta de outros canais de manifestação, visto que os partidos, a imprensa, os sindicatos e as universidades foram reduzidos à impotência, os descontentamentos e as denúncias contra o regime se fizeram através da Igreja. Por esta razão ela foi acusada por Plínio de ter viabilizado a continuidade da ação esquerdista subversiva, traindo assim a sua missão de zelar pela preservação da civilização cristã. Plínio, então, agiu no sentido de desqualificar a intervenção da C.N.B.B. na política em favor dos opositores do regime. Para isto forneceu aos governantes argumentos religiosos para justificar a repressão movida contra o clero progressista. Usou o seu arsenal doutrinário católico tradicional para condenar os documentos da C.N.B.B. Denunciou a infiltração comunista nas fileiras católicas. Apon- tou a influência do marxismo nas interpretações que os bispos faziam da miséria e dos problemas sociais.

A C.N.B.B. interpelava os governantes em nome da religião, mas utilizando recursos argumentativos extraídos da economia, da sociologia e da história. Plínio denunciava a ação da C.N.B.B. recorrendo aos documentos papais e a doutrina católica tradicional. Atacava os bispos

com as suas próprias armas: o discurso religioso, o recurso à teologia e à autoridade. Plínio prestou, assim, um serviço importante ao regime, contribuindo para diminuir a impacto da atuação oposicionista do episcopado.

Entretanto, apesar dos pontos em comum, Plínio se decepcionou com os governos militares. A repressão ficou muito aquém daquilo que ele julgava necessário, principalmente no campo cultural. Segundo o seu entendimento, os esquerdistas não foram desalojados dos pontos-chave. Continuaram instalados na Igreja, na imprensa, nas universidades, nos cargos públicos. Com isto, setores da burguesia, carentes de convicções profundas, só preocupados com o lucro imediato, continuaram impassíveis diante do perigo comunista. Os políticos, distanciados dos sentimentos da média do povo brasileiro e influenciados pelo alarido da propaganda esquerdista, assumiram, demagogicamente, posições progressistas. Paradoxalmente, isto ocorreria no Brasil, ao mesmo tempo em que estaria havendo um revigoreamento conservador no mundo, não compreendido e assimilado pelos nossos políticos, iludidos que estariam pela ação dos esquerdistas que controlam os meios de comunicação.

Assim, Plínio viu no processo de abertura política um retorno à situação anterior a 1964. Para ele foi uma abertura à esquerda e um fechamento à direita. Ela representaria o fracasso dos ideais de 1964. Continuou, então, a insistir nas mesmas denúncias e a apontar os mesmos perigos. A mobilização de amplos setores sociais pela re-

conquista dos direitos perdidos durante a ditadura militar foram vistos como resultado da ação subversiva.

Entretanto, o anticomunismo parece estar bastante desgastado. Dá a impressão de não conseguir sensibilizar mais a opinião pública. Plínio Corrêa de Oliveira, com estes discursos conseguiu mobilizar uma força política conservadora que, nos momentos mais duros do regime militar, esteve muito afinada com os donos do poder. No clima de abertura e descontração política esta força conservadora tenta ainda ser um obstáculo à implantação de uma democracia pluralista no país. As idéias de Plínio parecem superadas, anacrônicas, incapazes de continuarem convencendo e de criarem novas raízes. Mas, nas principais ruas de São Paulo e de outras numerosas cidades, ainda nos deparamos com grupos de jovens vestidos com capas vermelhas, cabelos cortados rentes, portando bandeiras de inspiração medieval, gritando "slogans" em defesa da tradição, da família, da propriedade e difundindo, com entusiasmo, os livros e panfletos escritos pelo líder. A T.F.P. continua organizada e atuante. Os seus membros não parecem estar abatidos ou desanimados, ao contrário, dão a impressão de estarem fortes e confiantes. As idéias reacionárias do catolicismo ultramontano parecem estar definitivamente banidas do seio da Igreja no Brasil, mas as sementes plantadas por ele no passado ainda continuam a frutificar fora dela. O futuro dirá mais sobre a sua capacidade de sobrevivência.

FONTES E BIBLIOGRAFIA

1. FONTES

1.1. Periódicos

1.2. Livros

2. BIBLIOGRAFIA

2.1. Livros

2.2. Periódicos

1. FONTES

1.1. Periódicos

Legionário - Semanário católico, órgão oficioso da Arquidiocese de São Paulo - Período de 1927 a 1947.

Catolicismo - Mensário católico editado na cidade de Campos Estado do Rio de Janeiro - Período de 1951 a 1980.

Folha de S. Paulo - Período 1968-1980.

1.2. Livros de Plínio Corrêa de OLIVEIRA

- Em defesa da Ação Católica. São Paulo, Editora Ave Maria, 1943.
- Revolução e Contra-Revolução. São Paulo, Editora Cristianismo, 1959.
- Reforma agrária - Questão de consciência. São Paulo, Editora Vera Cruz, 1960.
- Declaração de Morro Alto. São Paulo, Editora Vera Cruz, 1964.
- Acordo com o regime comunista: para a Igreja, esperança ou autodemolição? 10^a edição. São Paulo, Editora Vera Cruz, 1974.
- Baldeação ideológica inadvertida e diálogo. 5^a edição. São Paulo, Editora Vera Cruz, 1974.
- Tribalismo indígena, ideal comuno missionário para o Brasil no século XXI. 7^a edição. São Paulo, Editora Vera Cruz, 1979.
- Sou católico: posso ser contra a reforma agrária? São Paulo, Editora Vera Cruz, 1981.
- As CEBS... das quais muito se fala, pouco se conhece. A TFP as descreve como são. 2^a edição. São Paulo, Editora Vera Cruz, 1982.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE DEFESA DA TRADIÇÃO, FAMÍLIA E PRO—
PRIEDADE - Méio século de epopéia anti-comunista. São
Paulo, Editora Vera Cruz, 1980.

2. BIBLIOGRAFIA

2.1. Livros

ALBUQUERQUE, José Augusto Guilhon - Produção e reprodução
institucional: por uma análise concreta das relações
de poder nas instituições. São Paulo, 1977. Tese de
Livre-Docência - Ciências Sociais - USP (mimeografado).

ALMEIDA, Cândido Mendes de - Memento dos vivos. Rio de Ja
neiro, Tempo Brasileiro, 1966.

ALTHUSSER, L. - Ideologia e aparelhos ideológicos de Esta
do. Lisboa, Presença, 1974.

ALVARENGA, Manoel - O Episcopado Brasileiro. São Paulo, A.
Campos Propagandista Catholico, 1915.

ALVES, Marcio Moreira - Igreja e Política no Brasil. São
Paulo, Brasiliense, 1977.

ANSART, Pierre - Ideologia, conflitos e poder. Rio de Ja
neiro, Zahar, 1978.

ANTOINE, Charles - O Integrismo Brasileiro. Rio de Janei
ro, Civilização Brasileira, 1980.

AUBERT, R. - Nova História da Igreja: A Igreja na socieda
de liberal e no mundo moderno. Petrópolis, Vozes, 1975.
Vol. V, tomo I.

AUBERT, R. et alii - Nova História da Igreja: A Igreja na
sociedade liberal e no mundo moderno. Petrópolis, Vo
zes, 1976. Vol. V, tomo II.

AZZI, Riolando - O Episcopado do Brasil frente ao catoli
cismo popular. Petrópolis, Vozes.

- BARBOSA, Manoel - A Igreja no Brasil. Rio de Janeiro, Editora E Obras Gráficas A Noite, 1945.
- BEAUVOIR, Simone - O pensamento de direita hoje. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1967.
- BENOIST, Alain - Vu de droite: antologie critique des idées contemporaines. Paris, Copernic, 1978.
- BLOCH, Ernest - Thomas MÜNzer, teólogo da revolução. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1973.
- BOFF, Clodovis - Comunidade eclesial - comunidade política. Petrópolis, Vozes, 1978.
- BOTTE, Bernard (OSP) - O movimento litúrgico. São Paulo, Edições Paulinas, 1978.
- BOURDIEU, Pierre - "Gênese e estrutura do campo religioso". In A Economia das trocas simbólicas. São Paulo, Perspectiva, 1974.
- BRUNEAU, Thomas - Catolicismo brasileiro em época de transição. São Paulo, Edições Loyola, 1974.
- - Religião e politização no Brasil: A Igreja e o regime autoritário. São Paulo, Edições Loyola, 1979.
- BRYAN, Wilson - Sociologia de las sectas religiosas. Madrid, Ediciones Guadauma, 1970.
- BURLINGAME, Roger - A sexta coluna. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1964.
- CÂMARA, Helder et alii - A crise da Igreja. Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1969.
- CAMARGO, Aspásia de Alcântara - "A questão agrária: crise de poder e reformas de base (1930-1964)". In FAUSTO, Boris - História Geral da Civilização Brasileira: Período Republicano (1930-1964). São Paulo, Difel, 1981. Tomo III, vol. 10.

- CAMARGO, Cândido Procópio Ferreira de - Igreja e desenvolvimento. São Paulo, Cebrap - Editora Brasileira de Ciências, 1971.
- CAMARGO, Paulo Florêncio da Silveira - A Igreja na História de São Paulo. São Paulo, Instituto Paulista de História e Arte Religiosa, 1953.
- CARDOSO, Fernando Henrique - "Hegemonia burguesa e independência econômica: raízes estruturais da crise política brasileira". In Brasil Tempos Modernos. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1968.
- CARDOSO, Miriam Limoeiro - Ideologia do desenvolvimento: Brasil: J.K.. J.Q.. São Paulo, 1972. Tese de Doutorado. Ciências Sociais - USP (mimeografado).
- CARONE, Edgard - A República Nova (1930-1937). 3ª edição. São Paulo, Difel, 1982.
- - A Terceira República (1937-1945). 2ª edição. São Paulo, Difel, 1982.
- CHASIN, J. - O Integralismo de Plínio Salgado. São Paulo, Ciências Humanas, 1978.
- CHAUÍ, Marilena & FRANCO, Maria Sylvia Carvalho - Ideologia e mobilização popular. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1978.
- CORBISIER, Roland - "O Catecismo do ódio". In Filosofia e crítica radical. São Paulo, Duas Cidades, 1976.
- CORDI, Cassiano - A noção de Revolução em Jackson de Figueiredo. São Paulo, Pontifícia Universidade Católica-Filosofia da Educação, 1980. Dissertação de Mestrado.
- CRIPPA, Adolpho - As idéias políticas no Brasil. São Paulo, Convívio, 1979.

- CRISTOFERO, José Pascoal - O Concílio Ecumênico Vaticano II: O que devem saber a respeito católicos, protestantes e ortodoxos. São Paulo, Mestre Jou, 1972.
- DELEPESSE, Max - Jésus et la triple contestation. Paris, Editions Fleurus/Novalis, 1972.
- DELUMEAU, Jean - Le Catholicisme entre Luther et Voltaire. Paris, Presses Universitaires de France, 1971.
- DESROCHE, Henri - O marxismo e a religião. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1968.
- DONOSO, CORTÉS, J. - Ensayo sobre el catolicismo, el liberalismo y el socialismo considerados en sus principios fundamentales. Madrid, Espasa-Campe, 1973. Col.Austral.
- FAORO, Raymundo - Os donos do Poder. Rio de Janeiro, José Olympio, 1953.
- - "Os santos olhos da teologia". In Machado de Assis: A pirâmide e o trapézio. São Paulo, Editora Nacional, 1974.
- FAUSTO, Boris - A Revolução de 1930: Historiografia e História. São Paulo, Brasiliense, 1969.
- FIORIN, José Luiz - A religião da imanência - Leitura dos discursos políticos (1964-1968). São Paulo, 1983. Tese de Doutorado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - Letras - USP.
- FREITAG, Bárbara - Escola, estado e sociedade. 3ª edição. São Paulo, Cortez e Moraes, 1979.
- FREYER, Hans - "A sociedade estamental". In Teorias de estratificação social. São Paulo, Editora Nacional, 1972.

- GRAMSCI, Antonio - "Los católicos italianos". In GRUPPI, Luciano (org.) - El compromiso histórico. Barcelona, Ed. Critica, 1978.
- - Maquiavel, a política e o Estado moderno. 2ª edição. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1976.
- GRIN, Guita - Representações políticas do período populista. São Paulo, 1977. Dissertação de mestrado - Ciências Sociais - USP (mimeografado).
- GRUPPI, Luciano - O conceito de hegemonia em Gramsci. Rio de Janeiro, Graal, 1978.
- GUTIERREZ, Gustavo - Teologia da libertação. 2ª edição. Petrópolis, Vozes, 1976.
- HOBBSBAWM, E. J. - "As seitas operárias". In Rebeldes primitivos. Rio de Janeiro, Zahar, 1970.
- IANNI, Octávio - O colapso do populismo no Brasil. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1975.
- IGLESIAS, Francisco - "Estudo sobre o pensamento reacionário: Jackson de Figueiredo". In História e ideologia. 2ª edição. São Paulo, Perspectiva, 1981.
- KLOPPENBURG, Boaventura (O.F.M.) - Igreja popular. 2ª edição. Rio de Janeiro, Agir, 1983.
- KRISCHKE, Paulo José - A Igreja e as crises políticas no Brasil. Petrópolis, Vozes, 1979.
- LAFER, Celso - O sistema político brasileiro: estrutura e processo. 2ª edição. São Paulo, Perspectiva, 1978.
- LAMONIER, Bolivar - "Formação de um pensamento político autoritário na Primeira República". In FAUSTO, Boris (org.) - História geral da civilização brasileira. Rio de Ja-

- neiro, Difusão Européia do Livro, 1977. Tomo III, vol.2.
- LANTERNARI, Vittorio - As religiões dos oprimidos. São Paulo, Perspectiva, 1974.
- LENINE - A Religião. Rio de Janeiro, Atlântida Editora, 1934.
- LIMA, Alceu Amoroso - Indicações políticas da revolução à Constituinte. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1936.
- LIMA, Luiz Gonzaga de Souza - Evolução política dos católicos e da Igreja no Brasil. Petrópolis, Vozes, 1979.
- LUSTOSA, Oscar de Figueiredo - Os bispos do Brasil e a imprensa. São Paulo, Edições Loyola/CEPEHIB, 1983.
- - Igreja e política no Brasil. São Paulo, Edições Loyola/CEPEHIB, 1983.
- LUXEMBURGO, Rosa - O socialismo e as Igrejas. Porto, Afrontamento, s/d. Coleção Zero nº 7.
- MADURO, Otto - Religião e luta de classes. Petrópolis, Vozes, 1981.
- MANHEIM, K. - "El pensamiento conservador". In Ensayos sobre sociología y psicología social. México, Fondo de Cultura Económica, 1963.
- - Ideologia e Utopia. Rio de Janeiro, Zahar, 1968.
- MARIA, Julio (Pe.) - A Igreja e o povo. São Paulo, Edições Loyola/CEPEHIB, 1983.
- MARTINS, Wilson - História da inteligência brasileira (1933-1960). São Paulo, Cultrix/EDUSP, 1977/78. Vol. VII.

- MERCADONTE, Paulo - A consciência conservadora no Brasil. Rio de Janeiro, Saga, 1965.
- MOTA, Carlos Guilherme - Ideologia da Cultura Brasileira. São Paulo, Editora Ática, 1977.
- MOTA, C.G. & CAPELATO, Maria Helena - História da Folha de S.Paulo (1921-1981). São Paulo, Impres, 1980.
- MOURA, D. Odilão - Idéias católicas no Brasil = Direções do pensamento católico no Brasil - Séc. XX. São Paulo, Editora Convívio, 1978.
- - "O iluminismo no Brasil". In CRIPPA, Adolpho (org.) - As idéias filosóficas no Brasil. São Paulo, Convívio, 1978.
- MOURA, Sérgio Lôbo de & ALMEIDA, José Maria Gouvêa de - "A Igreja na Primeira República". In FAUSTO, Boris (org.) - História geral da civilização brasileira. Período Republicano. (1889-1930). São Paulo, Difel, 1977. Tomo II, vol. 9.
- ÓDEA, Thomas F. - Sociologia da religião. São Paulo, Pioneira, 1969.
- OLIVEIRA, Lucia Lippi; VELLOSO, Mônica Pimenta & GOMES, Ângela Maria Castro - Estado Novo: Ideologia e poder. Rio de Janeiro, Zahar, 1982.
- PORTELLI, Hugues - Gramsci et la question religieuse. Paris, Editions Anthropos, 1974.
- PRANDI, José Reginaldo - Mensagem católica e mudança social no Brasil: 1940-1970. São Paulo, 1973. Dissertação de Mestrado - Ciências Sociais - USP.

- QUEIROGA, Gervásio Fernandes de (Pe.) - CNBB: Comunhão e corresponsabilidade. São Paulo, Edições Paulinas, 1977.
- RAMOS, Plínio de Abreu - Os partidos paulistas e o Estado Novo. Petrópolis, Vozes, 1980.
- RAY, Teresa Maria Malatian - A ação imperial Patrianovista brasileira. São Paulo, 1978. Dissertação de Mestrado - História. Pontifícia Universidade Católica.
- ROMANO, Roberto - Brasil: Igreja contra Estado. São Paulo, Kairós, 1979.
- - Conservadorismo romântico. São Paulo, Brasiliense, 1981.
- SANCTIS, Antonio de (Frei) (org.) - Encíclicas e documentos sociais: da Rerum novarum à Octogesima Advnians. São Paulo, Ed. L T R, 1972.
- SHILLING, Paulo - Como se coloca a direita no poder - Os protagonistas - V.1. São Paulo, Global, 1979.
- TAWNEY, R.H. - A religião e o surgimento do capitalismo. São Paulo, Perspectiva, 1971.
- TORRES, João Camilo de Oliveira - História das idéias religiosas no Brasil. São Paulo, Grijalbo, 1968.
- TRINDADE, Liana S. - As raízes ideológicas das teorias sociais. São Paulo, Editora Ática, 1978.
- VACCARI, Giuseppe - Théologie et révolution. Paris, Union Générale d'Éditions, 1971.
- VÉRON, Eliseo - Sel. - El proceso ideológico. Buenos Aires, Tiempo Contemporáneo. 1973.

VILLAÇA, Antonio Carlos - O pensamento católico no Brasil.
Rio de Janeiro, Zahar, 1975.

WEBER, Max - A ética protestante e o espírito do capitalismo.
São Paulo, Pioneira, 1967.

— - "Tipos de comunidad religiosa (sociología de la religion)". In Economía y Sociedad. México, Fondo de Cultura Económica, 1964.

WEFFORT, Francisco C. - "Clases populares y desarrollo social". In Populismo, marginalización y dependencia.
Costa Rica, Educa, 1973.

WERNET, Augustin - A reforma do clero paulista de Don Antonio Joaquim de Melo. São Paulo, 1983. Tese de Livre-Docência - Departamento de História. FFLCH-USP.

2.2. Artigos em revistas

ALVES, Rubens - "A volta do sagrado". Religião e Sociedade,
Rio de Janeiro, nº 3, out., 1978.

AZZI, Riolando - "Catolicismo popular e autoridade eclesíastica na evolução histórica do Brasil". Religião e Sociedade,
São Paulo, nº 1, maio, 1977.

— - "O episcopado brasileiro frente a Revolução de 1930".
Síntese, 5(12), jan./mar., 1978.

— - "O início da restauração católica no Brasil, 1920-1930".
Síntese, 4(10), mai./ago., 1977.

BETTO, Frei - "Prática da pastoral popular". Encontro com a Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, nº 2, 1978.

BOFF, Clodivis & BOFF, Leonardo - "Comunidades cristãs e política partidária". Encontros com a Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, nº 3, 1978.

- COMBLIN, J. - "A missão profética da Igreja nos tempos atuais". REB - Revista Eclesiástica Brasileira, Petrópolis, nº 34, 1974.
- DELLA CAVA, Ralph - "Igreja e Estado no Brasil do século XX Sete monografias recentes sobre o catolicismo brasileiro - 1916-1964". Estudos Cebrap, São Paulo, nº 12, 1975.
- "Política a curto prazo e religião a longo prazo". Encontros com a Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, nº 1, julho, 1978.
- DÓRIA, Carlos Alberto - "Religião e política em Gramsci". Religião e Sociedade, Rio de Janeiro, nº 3, 1978.
- FRANCO, M.S.Carvalho - "Cobre o conceito de tradição". Cadernos do Centro de Estudos Rurais e Urbanos, São Paulo, nº 5, 1972.
- LAMONIER, Bolivar - "Ideologia em regimes totalitários: uma crítica a Juan J. Linz". Estudos Cebrap, São Paulo, nº 7, 1974.
- - "Ideologia conservadora e mudanças estruturais". Dados, Rio de Janeiro, nº 5, 1968.
- LIMA, Alceu Amoroso - "Diálogo da Igreja com o mundo moderno". Paz e Terra, Rio de Janeiro, nº 1, julho, 1966.
- LUHMANN, Niklas - "Religião institucionalizada segundo a sociologia funcional". Concilium, Rio de Janeiro, nº 1, 1974.
- LUSTOSA, Oscar de Figueiredo - "Pio IX e o catolicismo no Brasil". Revista Eclesiástica Brasileira, 40 (158), 1980.
- MARX, Karl - "Crítica da filosofia do direito de Hegel - Introdução". Temas de Ciências Humanas, São Paulo, nº 2, 1977.

OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro de - "Religião e dominação de classe: o caso da romanização". Religião e Sociedade, Rio de Janeiro, nº 6, 1980.

POULAT, Emile - "Compreensão histórica da Igreja e compreensão eclesiástica da história". Concilium, nº1, 1971.

SANCEROTTE, A. - "As sucessivas autocompreensões da Igreja vistas por um marxista". Concilium, nº 7, 1971.

SIEBERT, Rudolf - "A religião na perspectiva da sociologia crítica". Concilium, nº 1, 1974.

WANDERLEY, Luiz Eduardo - "Igreja e sociedade no Brasil, 1950-64/1964-75". Religião e Sociedade, Rio de Janeiro, nº 3, out., 1978.